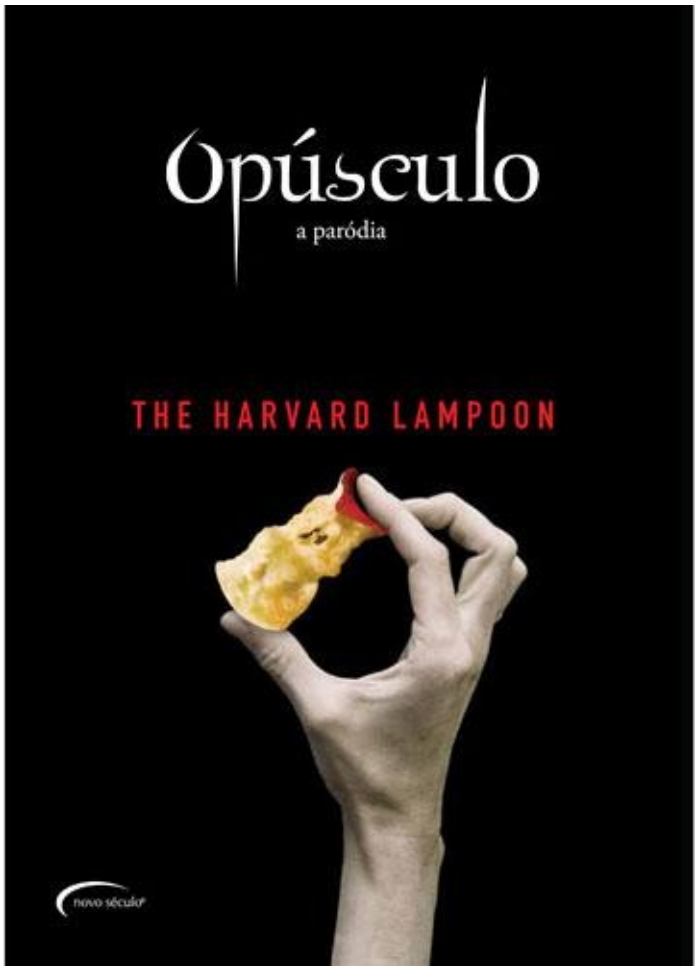
Opúsculo

a paródia

THE HARVARD LAMPOON



novo século


Opúsculo
a paródia
THE HARVARD LAMPOON
novo século



1

The Harvard Lampoon - Opúsculo

Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações - http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057







The Harvard Lampoon - Opúsculo

Esta obra foi digitalizada/traduzida pela Comunidade Traduções e Digitalizações para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício da leitura àqueles

que não podem pagar, ou ler em outras línguas. Dessa forma, a venda deste e-book ou até mesmo a sua troca é

totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode ter em seus arquivos pessoais, mas pedimos **por favor que não hospede o livro em nenhum outro lugar**. Caso queira ter o livro sendo disponibilizado em arquivo público, pedimos que entre em contato com a Equipe Responsável da Comunidade – tradu.digital@gmail.com

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você

estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Traduções e Digitalizações

Orkut -

http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057

Blog – http://tradudigital.blogspot.com/

Fórum - http://tradudigital.forumeiros.com/portal.htm

Twitter - http://twitter.com/tradu_digital

Skoob - http://www.skoob.com.br/usuario/mostrar/83127

Feito por:

Aline / / Iris / /

Laiza / / Milena / / Renata

Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações - http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057



3

The Harvard Lampoon - Opúsculo

Opúsculo

A Paródia

The Harvard Lampoon

Nesta hilariante paródia de best-seller Crepúsculo, de Stephenie Meyer, a pálida, desajeitada e obcecada por não humanos, Belle Goose não resiste aos encantos do super incomum, misterioso, fogoso e nerd, Edwart Mullen. Belle chega a Switchblade decidida a viver experiências anormais e logo passa a observar estranhos acontecimentos nessa cidade fora do mapa. Edwart salva Belle de uma bola de neve voadora, que misteriosamente se derrete em seu corpo. Tais eventos bizarros levam-na a uma dramática revelação: Edwart só pode ser um vampiro. Mas como ela poderá convencê-lo a mordê-la se Le parece ter tanto medo de garotas? Como Belle poderá finalmente se transformar em sua noiva eterna?

THE HARVARD LAMPOON

O PRIMEIRO VOLUME DA REVISTA HARVARD LAMPOON apareceu em fevereiro de 1876. Escrita por sete estudantes nos mesmos moldes de Punch, a revista de humor britânica, virou uma febre no campus de HARVARD logo em seu numero de lançamento. O presidente norte-americano Ulysses S. Grant foi aconselhado a não ler a revista porque não conseguiria parar de rir o suficiente para ter condições de governar.

CONTEÚDO

1. Á primeira vista

2. Salvamento

3. Picada na mão

4. Pesquisas

5. Compras

6. Bosques

7. Os Mullen

8. O cemitério

9. Convite

10. Formatura de vampiro

11. Devido lugar

Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações - http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057

4

The Harvard Lampoon - Opúsculo

1 - À PRIMEIRA VISTA

O SOL QUENTE DE PHOENIX INCIDIA EM CHEIO SOBRE a janela do carro de onde meu braço nu e pálido pendia sem pudor. Minha mãe e eu estávamos indo para o aeroporto, mas somente eu tinha uma passagem á minha espera, e esta era só de ida.

Eu tinha no rosto uma expressão de desânimo, de ressentimento, e podia dizer a partir do reflexo no vidro da janela que era também uma expressão intrigante. Mas parecia fora de lugar, vinda de uma garota num top rendado sem mangas e num jeans boca de sino (com estrelas nos bolsos traseiros). Mas eu era esse tipo de garota-deslocada. Então sai daquele lugar sob o pára-brisa para uma posição normal no assento. Muito melhor. Eu estava me autoexilando da casa da minha mãe em Phoenix pra a de meu pai em Switchblade1. Como um exílio autoexilado, eu conheceria a dor da diáspora e o prazer de impô-la, insensivelmente indiferente aos meus próprios apelos para dizer o último adeus ao vaso de fungos que eu estava cultivando. Tinha que calejar a pele, já que ia ser refugiada em Switchblade, uma cidade no noroeste de Oregon que ninguém conhecia. Não tente procurá-la no mapa – ela não é *importante* o suficiente para preocupar os cartógrafos. E nem mesmo pense em procurar nesse mapa – aparentemente, também não sou importante o suficiente.

– Belle - minha mãe fez bico de choro no terminal. Senti uma pontada de culpa, deixando-a sozinha naquele aeroporto enorme e hostil. Mas, como o pediatra havia dito, não podia deixar que a ansiedade por conta da separação dela me impedisse de sair de casa por oito anos ou mais.

Cai de joelhos e seguei as mãos dela.

– Só vou ficar fora ate *terminar o ensino médio*, ok? Você vai ter bastante diversão com Bill, certo Bill?

Bill disse que sim com a cabeça. Ele era meu novo padastro e a única pessoa disponível para tomar conta dela enquanto eu estivesse fora. Não posso dizer que eu confiava nele, mas era mais barato que uma babysitter. Endireitei-me e cruzei os braços. Já era tempo de acabar com o melodrama.

– Os números de emergência estão em cima do telefone na cozinha – eu disse. – Se ela se machucar, pule os dois primeiros: são o celular dela e o telefone da pizzaria Domino´s. Deixei preparadas refeições suficientes para durar um mês para os dois, se dividirem um terço de uma lasanha Stouffer por dia. Minha mãe sorriu ao pensar na lasanha.

– Você não tem que ir, Belle – disse Bill. – eu sei, meu time de hóquei de rua vai participar de um torneio, mas só em torno da vizinhança. Existe muito espaço no carro para você, sua mãe e eu vivermos.

– Grande coisa. Eu quero ir. Quero trocar todos os meus amigos e a luz do sol por uma pequena cidade chuvosa. Fazer vocês felizes me faz feliz.

– Por favor, fique. Quem pagara as contas quando você partir?

Eu podia escutar o numero do meu vôo sendo chamado.

– Cara, aposto que Bill pode correr mais rápido que a mamãe para o Jamba Juice!

– Eu sou mais rápida! – minha mãe gritou. Enquanto eles saiam correndo, Bill puxou-a pela camisa para passar a frente. Vagarosamente recuei para dentro do portão de embarque e atravessei a ponte até avião. Nenhum de nós era muito bom em dizer adeus. Por alguma razão, sempre terminávamos com meias palavras.

Eu estava nervosa para reencontrar meu pai. Ele conseguia ser distante. Vinte e sete anos como o único limpador de janelas em Switchblade o tinham forçado a se distanciar dos outros por pelo menos uma vidraça. Lembro de minha mãe se atirar chorando no sofá depois de uma de suas brigas, e ele estoicamente só

assistindo, do lado de fora da janela, esfregando-a em movimentos poderosos e circulares. Quando o vi esperando por mim fora do terminal, caminhei em sua direção toda envergonhada, tropeçando numa criancinha e voando em direção a um mostruário de chaveiros.

Sem graça endireitei-me, mas cai da escada rolante, dando um salto mortal sobre a esteira de bagagens por falta de prudência colocada no lado esquerdo. Herdei minha falta de coordenação motora de meu pai, que sempre costuma me empurrar quando eu estava aprendendo a andar.

- Você esta bem? - Meu pai riu, segurando-me quando eu desci. – Esta é minha velha e desajeitada Belle! –

Ele acrescentou, apontado para outra garota.

- Sou eu! Eu sou a sua desajeitada Belle – cobrindo meu rosto com o cabelo como normalmente eu uso.

1 *Espécie de canivete automático cuja lamina é acionada por um botão N.E*

Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações - http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057



5

The Harvard Lampoon - Opúsculo

- Oh! Olá! É bom ver você Belle – Ele me deu um abraço firme e emocionado.

- É bom ver você também, *pai*. – Como era estranho chamá-lo assim. Em casa em Phoenix, eu o chamava de Jim e minha mãe o chamava de pai.

- Como você cresceu! Acho que não te reconheci sem o cordão umbilical. Tinha sido tanto tempo assim? Será que eu não tinha visto meu pai desde que eu tinha treze anos e estava passando pela minha mimada fase do cordão umbilical? Percebi que tínhamos muita coisa para colocar em dia.

Eu não havia trazido todas minhas roupas de Phoenix então só tinham doze malas. Meu pai e eu colocamos em etapas em seu conversível esporte.

- Antes que você comece pensando besteira a meu respeito, tipo —divorciado e atravessando a crise da meiaidade‖ - disse ele, enquanto afivelávamos nossos cintos de segurança, tornozeleira e capacetes-, permita-me explicar que *preciso* de um carro aerodinâmico como um esporte conversível. Meus clientes são pessoas que reparam. Se eu não chegar cantando pneus diante das suas janelas, irão questionar se eu sou o cara certo para me pendurar em seus telhados. Aperte aquele botão, querida, ele faz subir a cabeça de cobra gigante. Eu esperava que ele não estivesse pensando em me levar a escola naquele carro. Qualquer outro jovem provavelmente montaria em um burro.

- Vou te dar seu próprio carro – meu pai disse, depois que eu fiz a contagem regressiva e disse —decolar‖! Ele deu a partida no carro após virar a chave de

ignição varias vezes.

- Que tipo de carro? – meu pai me amava realmente, então eu estava certa de que era um carro voador.

- Um caminhão. Um caminhão-báu, para ser exato. Eu o consegui muito barato. De graça, para ser exato.

- Onde o consegui? – perguntei, desejando que ele não disse-se —no deposito de lixo‖.

- Na rua.

Suspirei.

- Quem o vendeu a você?

- Não se preocupe com isso. É um presente.

Eu não podia acreditar. Um caminhão enorme para guardar todas as tampinhas de garrafa que eu sempre quis começar a colecionar.

Voltei minha atenção á janela, que refletia uma expressão ruborizada e satisfeita. Além disso, a chuva caia pesada sobre a verde cidade de Switchblade. A cidade era verde demais. Em Phoenix, as únicas coisas verdes eram as luzes dos faróis de trânsito e carne de alienígena. Aqui, a natureza era verde. A casa era um sobrado Tudor2 de madeira de cor creme com chocolate que faz você ficar gordo por dias. Estava quase completamente bloqueada da vista pelo meu caminhão, que tinha na lateral um grande desenho de um lenhador serrando uma árvore, com a palavra —MUNDAÇAS‖ escrita por cima.

– O caminhão é belo – inspirei. Expirei. Então, inspirei outra vez – Belo.

– Fico contente que tenha gostado, porque ele é todo seu.

Olhei para o meu caminhão forte e pesado, imaginando-o no estacionamento da escola rodeado de reluzentes carros esportivos. Então, imagine-o comendo aqueles outros carros. Não conseguia parar de sorrir. Sabia que meu pai insistiria em carregar minhas doze malas para dentro de casa sozinho, então corri na frente para o meu quarto. Ele me pareceu familiar. Quatro paredes e um teto,

exatamente como meu velho quarto em Phoenix! Deixei para o meu pai a tarefa de encontrar pequenas maneiras de me fazer sentir em casa. Uma coisa legal sobre o meu pai é que, como uma pessoa velha, sua audição não é tão boa. Então, quando fechei a porta do meu quarto, desarrumei as malas, chorei incontrolavelmente, esmurrei a porta e atirei minhas roupas pelo quarto numa explosão de raiva desanimada, e ele não percebeu. Foi um alívio botar aquilo pra fora, mas eu não estava pronta ainda para parar. Quem sabe mais tarde, quando meu pai estivesse dormindo e eu estivesse deitada, sem sono, pesando em como os adolescentes da minha idade eram comuns. Se somente um deles fosse extraordinário, então eu ficaria livre daquela insônia. Belisquei sem apetite meu desjejum na manhã seguinte. O único cereal que papai tinha em seu guardalouças era de flocos de peixe. Depois de me trocar, olhei no espelho. Olhando para mim, havia uma garota de faces amareladas com um longo cabelo escuro, pele pálida e olhos também escuros. Brincadeira! Isso seria tão assustador. A garota no espelho era apenas eu. Rapidamente, penteei o cabelo e apanhei minha mochila, suspirando enquanto me içava para dentro do meu caminhão. Esperava que não houvesse nenhum vampiro nesse colégio.

2 *Estilo arquitetônico surgido no final da idade média. Ele ainda é apreciado pelos ingleses e está associado a um alto grau de status social N.E*

Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações - http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057



6

The Harvard Lampoon - Opúsculo

No estacionamento da Escola, parei meu caminhão no único lugar onde ele cabia: nas vagas do diretor e vicediretor. Além do meu caminhão, o único outro veiculo que se sobressaia era um carro de corridas com Atena pressas sobre o topo do capô. —Que tipo de ser humano dirigia um veiculo luxuoso daqueles?‖, imaginei, enquanto atravessava as pesadas portas da frente. Nenhum ser humano que eu tivesse conhecido. Uma mulher de cabelos vermelhos estava sentada á escrivaninha do escritório da administração.

– O que posso fazer por você? – ela perguntou, olhando-me através dos óculos, tentando me julgar pela aparência. Como uma pessoa profundamente misteriosa, contudo, desafio tais julgamentos. Ela era pálida, como eu, mais tinha um tipo grande e obeso.

– Você não me conhece, sou nova aqui – eu disse estrategicamente. A última coisa de que o prefeito precisava naquele momento era ter a filha do limpador de janelas seqüestrada. Mas ela continuava olhando para mim. Minha fama havia me precedido.

– E o que eu posso fazer por você? – ela repetiu.

Eu sabia que ela provavelmente só queria me ajudar porque eu era a filha do limpador de janelas, a garota de quem todo mundo estava falando desde que meu avião pousou ontem. E eu sabia o que deviam estar dizendo a meu respeito: —Belle Goose: rainha, guerreira, leitora de livrinhos infantis‖. Espertamente,

decidi fazer o jogo de seus preconceitos.

–*Salut! Comment allez-vous síl vous plait...,* Oh sinto muito. Que embaraçoso. Tive Francês em minha velha escola de ensino médio em Phoenix. Algumas vezes, simplesmente começo a falar. De qualquer modo, traduzindo, você pode me dizer qual é minha próxima aula?

– Claro deixe-me dar uma olhada em seu horário...

Puxei o horário da mochila e o coloquei em seus dedos pálidos e gorduchos, um dos quais estava espremido por um anel de diamante como uma salsicha apertada por um nó corrediço. Sorri para ela. Devia ser uma esposa agradável.

– Parece que sua primeira aula é Inglês.

– Mas já tive Inglês. Alguns semestres, na verdade.

– Não banque a esperta comigo, senhorita.

Então ela já sabia que eu era esperta. Lisonjeada, concordei.

– Sabe do que mais? – eu disse – Eu vou. Dane-se. É à direita?

– Descendo pelo corredor a sua direita – ela falou: sala 201.

– Obrigada – respondi. Ainda não era meio-dia e eu já tinha feito uma amiga. Será que sou um tipo de pessoa magnética? Certamente, ela era uma mulher de meia-idade, mas fazia muito sentido. Minha mãe sempre me dizia que eu era madura para minha idade, especialmente porque *aprecio* o gosto do café com chocolate quente açucare leite.

Vaguei de forma segura até a sala 201, entrei de uma vez pela entrada e encarei os estudantes de queixo erguido. A classe inteira poderia dizer que eu tinha amizade com pessoas mais velhas. O professor deu uma olhada na lista de chamada, E você deve ser... Belle Goose.

Toda essa atenção estava me deixando um pouco constrangida.

- Sente-se – ele disse.

Infelizmente a aula era muito básica para manter meu interesse: *Ulisses, O Arco-Íris da Gravidade, Oblivion e Atlas Shrugged*, suplementando com as varias lentes de Derrida, Foucault, Freud, Dr. Phil, Dr. Dre e Dr. Seus. Suspirei enquanto o professor se arrastava, apresentando os nomes de todos. Tinha que pedir a minha mãe para me mandar alguma literatura interessante, como aqueles ensaios que escrevi no ano passado. Quando sinal tocou, o rapaz ao meu lado previsivelmente voltou-se para mim e começou a falar.

– Com licença – ele disse, esperando que eu me apaixonasse por ele ou algo assim. – Sua mochila esta no meu caminho.

Eu sabia. Ele era totalmente o tipo —sua mochila esta no meu caminho‖.

– Meu nome é Belle – eu disse. Fiquei imaginando qual era minha parte mais surpreendente: meus cotovelos, naturalmente pontudos ou meu comportamento, indiferente a popularidade, embora eu tenha lido todos os livros sobre popularidade e pudesse ser popular se tentasse – Você pode me levar até minha próxima classe?

– Hum, certo – ele concordou, desejando-me. Ele então puxou uma conversa no caminho e me contou como foi abandonado quando criança e como só descansaria tranqüilo quando se vingasse. Seu nome era Tom. Eu percebi que as pessoas que passavam por nós estavam ouvindo, desejando que eu revelasse o mistério do meu passado.

- Então, como é Phoenix? – ele suplicou.

- É quente lá. Ensolarado o tempo todo.

Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações -
http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057



- Serio? Uau!

- Você parece surpreso. Deve estar se perguntando como minha pele pode ser tão clara, já que vim de um clima tão quente.

- Humm. Eu te considero pálida.

- É, sou uma morta-viva – brinquei, com bastante humor. Ele não riu. Eu deveria ter adivinhado que ninguém compreenderia meu senso de humor em Switchblade. Era como se ninguém aqui tivesse tido contato com sarcasmo antes.

- Aqui esta sua classe – ele disse quando chegamos à sala de trigonometria – Boa sorte!

- Obrigada. Talvez tenhamos outra aula juntos – eu disse, dando a ele algo para sonhar. Trigonometria era só formulas blá-blá-blá que, de qualquer forma, salvamos em nossas calculadoras, e a aula sobre governo era só aquele blá-blá-blá do tipo —amanhã nós vamos cruzar a fronteira para atacar o Canadá‖. Nada que eu não tivesse visto em minha escola antiga.

Uma garota me acompanhou ate a lanchonete para o almoço. Tinha espessos cabelos castanhos presos num rabo de cavalo que era mais como o rabo de um esquilo, assim como, seus olhos pequenos e brilhantes. Achei que a conhecia de algum lugar, mas não consegui descobrir onde.

– Oi – disse ela – Acho que estou em todas as suas classes. – Então, é por *isso* que eu a conhecia. Ela me lembrava um esquilo com quem eu andava em Phoenix.

– Sou Belle.

– Eu já sei. Já nos apresentamos. Umas quatro vezes.

– Oh, desculpe. Tenho dificuldade para me lembra de coisas que não me serão úteis mais tarde. Ela disse seu nome outra vez. Lululu? Zagraziea? Era um daqueles nomes esquecíveis. Ela perguntou se eu queria comer com ala. Parei ali no corredor, abri minha agenda e olhei para —segunda-feira, 12h‖.

– Vago! – exclamei. Anotei a lápis no espaço correspondente —almoço com

colega‖, então risquei o item enquanto esperávamos na fila. Este era o ano em que me tornaria organizada. Sentamos em uma mesa com Tom e outras pessoas comum. Eles continuavam fazendo perguntas, sondando meus interesses. Expliquei gentilmente que isso era entre mim e meus amigos em potencial. Foi então que o vi. Ele estava sentado atrás de uma mesa, totalmente concentrado, nem mesmo comia. Tinha uma bandeja inteira de batatas assadas á sua frente e mesmo, assim, não havia tocado em nenhuma. Como poderia um ser humano resistir a um prato de batatas assadas? Ainda mais estranho, ela não havia me notado, Belle Gosse, futura ganhadora de um Oscar.

Havia um computador diante dele sobre a mesa. Ele olhava atentamente para a tela, estreitando os olhos em fendas e concentrando aquelas fendas sobre a tela como se a única coisa importante fosse dominá-la fisicamente. Era musculoso, como um homem que podia prensar você sobre a parede tão fácil como um pôster, mas mesmo assim magro, como um homem que acalentaria em seus braços. Tinha cabelos ruivo-castanho-alourados, heterossexualmente aparados. Parecia mais velho que os outros rapazes dali – talvez não tão velho quanto Deus ou meu pai, mas certamente um substituto viável. Imagine juntar a idéia de todas as mulheres sobre o que seria um cara gostoso e fazer uma media disso em um único homem. Era ele.

– O que aquilo? – perguntei, sabendo que, o que quer que fosse, não era uma ave.

– Aquele é Edwart Mullen – disse Lululu.

Edwart. Eu nunca havia conhecido um rapaz chamado Edwart antes. Na verdade nunca tinha conhecido qualquer ser humano chamado Edwart. Era um nome que soava engraçado. *Muito mais* divertido que Edward. Enquanto nos sentávamos lá, contemplando-o durante o que pareceram ser horas, mas não podia ter sido mais do que o intervalo do almoço, seus olhos de repente voltaram-se em minha direção, deslizando sobre o meu rosto e cavando um buraco dentro do meu coração como se fossem presas. Então, bruscamente, voltou-se com seu olhar carregado para aquela tela.

– Mudou-se do Alasca para cá faz dois anos – ela disse.

Então não somente ele era pálido como eu, mas também um forasteiro de um estado que começava com a letra —A‖. Senti onda de empatia. Nunca havia

sentido uma conexão como essa antes.

– Aquele cara não merece seu tempo – ela disse erroneamente. – Edwart não namora. Sorri por dentro e ri cuspindo para fora, enviando a soda-gosma dentro de meu bolso. Então, eu seria a sua primeira namorada.

Ela se levantou para sair.

– Vamos para aula de —bio‖, Belle?

– não diga, Lululu – eu disse, desdenhosamente.

Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações - http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057



8

The Harvard Lampoon - Opúsculo

– Lucy. Meu nome é Lucy, como em *I Love Lucy.*

– Tudo bem. Lucy, como em *I Love Edwart*. – Talvez eu fosse especial, mas sempre tive um talento para memorizar. —Lata de lixo á esquerda‖, falei alto, jogando fora meus restos do almoço: um bolo comido pela metade. Olhei de volta para Edwart para ver se ele tinha percebido que também tenho disciplina para comer. Mas estranhamente ele havia partido. Nos dez minutos desde que eu tinha olhado para ele pela ultima vez, ele havia desvanecido no ar.

Olhei em volta bem a tempo de ver que eu tinha errado a lata de lixo e que meu bolo meio comido havia voado em direção as costas de uma garota sentada a uma mesa próxima.

– Ei! – disse ela quando o bolo a atingiu. – Quem fez isso?

– Vamos – eu disse a Lucy agarrando-a pelo braço e correndo para fora da lanchonete enquanto a guerra de comida começava.

Quando Lucy e eu chegamos à classe, ela foi sentar com sua parceira de laboratório e eu olhei em volta procurando uma carteira vazia. Havia apena duas: Uma na parte da frente da sala e outra perto de Edwart. Como a carteira da frente ficou com uma perna bamba depois que eu passei por ela e a chutei, não havia escolha. Tinha de me sentar ao lado do rapaz mais gostoso da sal.

Caminhei na direção das carteiras, rebolando meu quadril e erguendo minhas sobrancelhas ritmicamente, como uma pessoa atraente. De repente, eu estava caindo para frente, deslizando por entre as carteiras com o impulso do meu mergulho. Por sorte, um fio de computador se enroscou em meu tornozelo e me impediu de ser arremessada a mesa do professor, Franklin. Rapidamente, apoiei-me a parede para me desembaraçar, fiquei de pé e olhei em volta casualmente para ver se alguém tinha visto. Toda a classe estava olhando para mim, mas provavelmente por uma razão diferente: eu tinha um holograma costurado na mochila. De um ângulo era uma mexerica, de outro ângulo era uma tangerina.

Edwart também estava olhando para mim. Talvez fosse a luz fluorescente, mas seus olhos pareciam mais escuros – sem alma. Ele estava se agitando furiosamente. Seu computador estava aberto na frente dele, e a melodia sintetizada havia cessado. Ele ergueu um punho para mim com raiva. Limpei a poeira química das minhas roupas e me sentei. Sem olhar para Edwart, tirei da mochila meu livro e meu caderno. Ainda sem olhar para Edwart, olhei para o quadro-negro e anotei os termos que o professor Franklin havia escrito ali. Não achei que outras pessoas na minha situação poderiam fazer tantas coisas sem olhar para Edwart.

Virada bem para frente, deixei meus olhos se desviarem ligeiramente e estudarem-no de maneira periférica, o que não conta como olhar. Ele tinha mudado seu computador para o colo e havia recomeçado o jogo. Estávamos sentados lado a lado no balcão do laboratório, e mesmo assim, ele não começava uma conversa comigo.

Era como se eu não tivesse usado desodorante ou algo assim, quando na realidade eu tinha usado desodorante, perfume e Bom-ar. Será que meu brilho labial havia borrado ou algo parecido? Apanhei meu espelhinho de bolsa para checar. Negativo, mas eu tinha algumas espinhas junto a linha do cabelo. Apanhei um lápis da carteira de Edwart e o pressionei contra a carne macia e suave do meu rosto. As espinhas eram do tipo projétil. Satisfação garantida.

Voltei-me para ele para agradecer gentilmente o uso de seu lápis, mas ele estava olhando para mim horrorizado, com a boca aberta, um convite a todo tipo micro-organismos aéreos como pássaros. Ele agarrou o lápis e começou a limpar suas mãos com lenços umedecidos e a esfregar o lápis com desinfetante. Então ele traçou um circulo de giz em torno dele e voltou a copiar as notas do quadro-negro, catando para si este amigável *jingle:*

“Germes contagiosos. Alerta de contagio. Mas Edwart e seu desinfetante são mais fortes que a sujeira.”

Estendi a mão para emprestar outra vez o lápis para fazer minhas anotações, mas, no momento em minha mão atravessou a linha de giz, ele gritou. Um grito estranhamente agudo para um menino. Porem, o grito certo para um super-herói.

O professor Franklin estava falando sobre citometria de fluxo, imunoprecipitação e microarrajos de DNA, mas eu já sabia aquela matéria da fita cassete que havia escutado em meu caminhão de naquela manhã a caminho da escola. Girei meus olhos em círculos, como se eles estivessem em uma roda-gigante. É a melhor maneira que conheço para me impedir de cochilar. Toda vez que meus olhos se moviam para a direita, contudo, eles pairavam um pouco por ali. Eu não conseguia evitar – eles queriam ver Edwart. Então, meus olhos iam para o alto em direção ao teto e paravam porque, meu que bela visão. Edwart continuava a martela em seu computador. A cada golpe de dedo, eu podia ver o sangue pulsando através das veias salientes de seu antebraço ate seu bíceps, aparecendo contra a camisa de Oxford branca justa Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações - http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057



arregaçada descuidadamente ate os cotovelos como se ele tivesse um monte de trabalho manual a fazer. Porque ele estava digitando tão sonoramente? Estaria tentando me dizer alguma coisa? Estaria tentando provar me provar o quão fácil

seria para ele me atirar ate o céu e então me pegar bem forte em seus braços, sussurrando que nunca me dividiria com mais ninguém no mundo inteiro? Estremeci e sorri timidamente, apavorada.

Quando o sinal tocou, roubei outro olhar dele e me encolhi num profundo sentimento de inutilidade. Ele agora estava encarando o sinal furiosamente, sacudindo todos os músculos de seu punho em sua direção, mirando-o com raiva, seus olhos escurecidos e esquentados e suas sobrancelhas hostis. Ele puxou seus cabelos com exasperação, agarrando tufos enquanto erguia a cabeça para o teto. Então, vagarosamente voltou-se para mi. Olhando dentro de seus olhos, senti ondas de eletricidade, correntes de elétrons carregados em minha direção. Era isso, imaginei, que significava estar apaixonada por robôs?

Apanhada em minha hipnose ionizada, o velho adágio me veio à mente: —Belo o suficiente para matar, estripar, rechear e emoldurar em cima de sua lareira‖.

De repente, ele saiu de seu deslumbramento e disparou correndo para porta. Enquanto corria, percebi o quanto era alto, suas longas pernas saltando em passadas do tamanho do meu corpo inteiro, seus braços tão sólidos que não ondulavam com o impacto. Meus olhos saltaram. Não tinha visto uma coisa tão bela desde que eu uma garotinha e as balinhas coloridas Skittles em minha mão fechada suada se transformavam num arco-íris. Suas omoplatas ficavam salientes sob a camisa enquanto ele corria. Pareciam asas brancas batendo majestosamente antes da decolagem. Demoníacas asas brancas.

– Espere! – gritei para ele. Ele tinha deixado seu computador no assento. —Fim de Jogo‖, lia-se na tela. Fim de jogo, realmente, pensei, usando uma metáfora.

– Posso copiar suas anotações? – perguntou um humano normal do sexo masculino. Levantei os olhos e vi um garoto de estatura mediana, cabelos escuros e uma estrutura esguia, mas musculosas. Senti-me atraída por ele. Ele sorriu para mim. Perdi o interesse.

– Claro, como quiser – eu disse, estendendo-lhe meu bloco de anotações e de repente percebendo que tinha rabiscado nele um desenho de Edwart. No desenho, ele tinha presas gotejando uma substancia escura. Molho Shoyu.

– Vou precisar disso de volta – eu disse. Aquele desenho ia apara o meu mural.

– Obrigado, Lindsey – disse ele, confundindo-me com Lindsey Lohan. Ele sorriu

outra vez. Um rapaz simpático. Tinha um belo cabelo e olhos claros gentis. Íamos ser grandes amigos. Apenas grandes amigos.

– Leve-me ao escritório da administração – eu disse. Tínhamos ginástica em seguida, mas eu precisava da minha cadeira de rodas. Tenho um problema que faz minhas pernas ficarem paralisadas toda vez que penso em ginástica.

– Certo – ele disse, deixado-me apoiar meu peso sobre ele – Sou Adam, a propósito. Acho que vi você em minha aula de inglês. Vai ser ótimo! Desde que um de nós tome as notas, o outro, eu, não precisa ir à aula –

ele estava ficando ofegante enquanto me arrastava com ele. Estar perto de mim deixava alguns rapazes nervosos.

– Você percebeu algo engraçado sobre o Edwart na aula? Acha que o amo – eu disse casualmente.

– Bem, ele parecia meio zangado quando você caiu e desconectou o fio do computador dele. Então, isso não estava só na minha mente; outros haviam percebido a consciência de Edwart a meu respeito. Havia alguma coisa em mim que evocava sentimentos muito fortes em Edwart.

– Humm – eu disse cientificamente. – Que interessante.

– Aqui estamos – depois de me escorar contra a parede, Adam cambaleou para trás, bufando e assoprando. Eu o dispensei e entrei no escritório.

– Estou paralisada até a próxima aula.

– Vá se sentar em carro, querida – disse ela, levantando os olhos de seu exemplar de *luz do dia*. Sai para o meu carro, tentando sonhar com os poderes dele, o rei dos carros, mas estava muito perturbada. Em primeiro lugar, se eu tinha conseguido meu carro de graça, isso significava que todos os outros tinham pago mais por carros muito menores. Em segundo lugar, estava muito certa de que havia alguma coisa sobrenatural sobre Edwart – algo além de especulações racionais.

Então, parei de especular sobre ele e assisti a uma procissão de formigas passando por ali. A vida seria muito mais fácil se eu pudesse carregar coisas que pesassem vinte vezes mais que eu.

Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações - http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057



10

The Harvard Lampoon - Opúsculo

2. SALVAMENTO

DIA SEGUINTE FOI MARAVILHOSO... E TERRÍVEL. Então, no geral, acho que foi o.k. Maravilhoso porque estava chovendo. E terrível porque Tom me atropelou com seu carro.

— Sinto muito, não vi você! — ele disse, afastando o carro para encontrar uma vaga de estacionamento antes que lotasse. Eu me levantei e sorri com compreensão. As constantes tentativas de Tom para conseguir a minha atenção eram lisonjeiras e algumas vezes surpreendentes.

Adam sentou-se perto de mim na aula de Inglês outra vez. Comecei a me preocupar que isso pudesse se tornar um padrão, que ele esperasse ocupar o lugar perto de mim para sempre, mesmo quando eu estivesse simplesmente tomando café da manhã em casa, com meu pai. O professor Schwartz fez uma pergunta e ele resmungou alguma coisa - acha que o sombreiro que eu estava usando era tão sedutor quanto prático para o clima -, mas tinha mente tinha se distraído. Estava pensando em Edwart. Peguei a lista que fiz das razões racionais pelas quais ele não conversava comigo:

- amedrontado demais;

- triste demais;

- mudo demais;

- não humano.

Estava para começar uma nova lista, —Lugares que gostaria de visitar‖, quando escutei alguém dizendo meu nome.

Olhei para cima. Era Adam.

— Acabou a aula — ele disse e saiu. Eu não estava acostumada a toda essa atenção dos rapazes.

— Sim — eu disse, indo atrás dele. — Eu sabia o tempo todo! — ele não respondeu. Suspirei. Devia saber que ninguém compreenderia meu senso de humor na aula de Inglês.

Saindo da classe, choquei-me contra uma carteira, que se chocou contra outra, que se chocou contra uma mesa em que havia uma maquete de Globe Theatre3 feita de palito de sorvete e marshmallow. A maquete oscilou perigosamente. Conhecendo minha sorte, é um milagre que ela não tivesse desabado sobre a carteira. Em vez disso, ela tombou sobre o chão, onde acidentalmente escorreguei e de algum modo fiquei com marshmallow no cabelo.

Na hora do almoço, sentei com Tom e as amigas de Lucy outra vez. Olhando em volta para as outras mesas, percebi que essa devia ser a mesa mais popular. Definitivamente, era a mais próxima da porta - ótima para se chegar em tempo à sala de aula. Além disso, todo mundo na mesa tinha um saco de papel com seu almoço e com seu nome neles. Senti-me mal pelas pessoas nas outras mesas, que provavelmente eram legais, mas simplesmente não conectadas socialmente o suficiente para sentar-se perto da porta ou usar sacos de papel. O

saco de Tom tinha a frase —Minha Tortinha Doce‖ escrita nele. Quando perguntei a ele por que sua mãe só lhe fez uma tortinha de açúcar, ele fingiu não escutar. Tomei nota de que eu devia trazer alguns legumes para aquele garoto.

Depois do almoço, era aula de Biologia — com Edwart. Desejei que meu coração não batesse tão depressa enquanto caminhava pelo corredor. Especialmente desejava que minhas axilas não estivessem suando tanto; deveria estar secretando feromônios como louca, o que só aumentava os frenesis de Adam e Tom. Ensopada em minhas secreções naturais, entrei na classe e me preparei para seus ataques selvagens. Em vez disso, vi Edwart. Parecia um menino num anúncio de desodorante, que eu definitivamente teria comprado se ele o estivesse vendendo, mesmo que tivesse alumínio nele, o que causa Aids. Deslizei para a carteira ao seu lado. Para meu espanto, ele tirou os olhos do

computador com um ligeiro aceno.

— Oi — ele disse, com a voz suave de um menino de um coro de anjos.

Não podia crer que ele estivesse falando comigo. Estava se sentado tão longe de mim quanto da última vez, provavelmente por causa do cheiro, mas parecia sentir instintivamente que eu estava lá, como uma espécie de animal.

— Oi — eu disse. — Como soube que meu nome era Belle?

— O quê? Oh, eu não sabia. Oi, Belle.

— Sim, Belle. Como você soube? Belle é um apelido.

Ele olhou meio confuso.

— Sinto muito. Eu...

3 *Um teatro que nos remete a Shakespeare. Ele chegou a ser sócio-proprietário deste teatro. Hoje em dia há uma reconstrução chamada "Shakespeare's Globe Theatre" em sua homenagem N.E*

Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações - http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057



11

The Harvard Lampoon - Opúsculo

— Não se preocupe — eu disse olhando para o quadro-negro. — Estou certa de que existe uma explicação perfeitamente racional para isso tudo. — Depois disso ele parou de falar. Rabisquei um desenho de como eu ficaria se fosse mordida por um vampiro. Eu ficaria muito feminina.

O professor Franklin explicou que íamos dissecar um sapo na aula hoje. Ele deu a cada grupo um espécime, tirando-os de um saco plástico gelado cheirando a anestésico. Nosso sapo estava sobre uma bandeja de metal em nossa mesa, sem vida. Pensar em todos os mosquitos inocentes que ele provavelmente havia comido me fez estremecer.

— Então... devemos começar? — Edwart perguntou.

— Sim, sim — eu disse rapidamente. Apanhei a faca e a espetei em nosso sapo.

— Espere! — Edwart falou. — Você primeiro precisa ler os procedimentos!

— É muito fácil — eu disse, dividindo o sapo ao meio. Já tive essa aula antes. Num laguinho, quando era pequena.

O professor Franklin veio para nossa mesa.

— Cuidado aí, Belle! Você precisa ser capaz de examinar o interior!

— Eu sei — respondi. — Eu estava na turma avançada em minha escola anterior. O professor Franklin concordou com um aceno.

— Estou vendo — ele avaliou. — Por que não deixa Edwart lidar com o resto dessa dissecação?

Encolhi os ombros. Para mim não importava; se o professor Franklin achava que a aula era fácil demais para mim, ele estava certo. Inclinei-me para trás em minha cadeira, já entediada. Edwart cuidadosamente cortou camadas da pele do sapo e tomou notas em seu diagrama. Inclinei-me para frente, de repente hipnotizada pela sua a caligrafia. Por um segundo, pensei que talvez estivesse olhando para a caligrafia de um anjo. Então, lembrei-me de que anjos não têm mãos. Ele deveria ser outro ser — outro ser sobrenatural.

— Então... há... você não vai anotar alguma coisa sobre isso em seu relatório de aula? — Edwart perguntou. Ele estendeu sua folha de papel para eu copiar, como se simplesmente pelo fato de ter feito toda a observação ele soubesse mais sobre órgãos de sapo do que eu.

— Já terminei — disse a ele. Estendi-lhe minha folha de papel. Tinha feito desenhos muito mais avançados descrevendo como seria se você removesse os órgãos de um ser humano e os substituísse pelos de um sapo. Embaixo dos diagramas listei algumas organizações que aceitam doações de órgãos no caso de o professor Franklin fazer a caridade de doar todos aqueles órgãos de sapo a pessoas que precisassem deles. Edwart olhou para o meu desenho e franziu as sobrancelhas, de repente envergonhado do seu próprio relatório em comparação ao meu.

— Vamos fazer nossos relatórios individualmente — ele disse, sabendo que eu merecia todo o crédito. Enquanto ele falava, seus olhos e acenderam num verde brilhante.

— Seus olhos eram verdes ontem? — perguntei rapidamente.

Ele olhou para mim com uma expressão vazia — a expressão vazia de um deus. O tipo de deus num comercial de loja de conserto de calotas.

— Bem, sim. Quero dizer, tenho olhos verdes — ele disse.

O sinal tocou e eu me remexi na cadeira. Tinha perdido a noção do tempo,

olhando dentro dos estranhos olhos verdes de Edwart. Ele apressado deixou a classe. Expirei e inspirei profundamente, tentando capturar seu cheiro, mas tudo que eu podia cheirar era sapo de laboratório. Levantei-me derrubando vários outros alunos.

• • •

Chequei meus e-mails depois da escola, e já havia quarenta e quatro de minha mãe. Cliquei sobre um ao acaso.

BELLE**! R**ESPONDA ESTE E-MAIL IMEDIATAMENTE OU VOU CHAMAR

A POLÍCIA**! T**ARDE DEMAIS**! A**CABO DE CHAMAR A POLÍCIA**! E**STÃO ME PERGUNTANDO SE É

UMA EMERGÊNCIA E ESTOU DIZENDO QUE SIM**!**

ESTOU DIZENDO QUE VOCÊ ESTÁ IGNORANDO SUA MÃE**! E**STOU DIZENDO

QUE VOCÊ ESTÁ SENDO MANTIDA REFÉM NUMA DOCA**!** ISSO DEVE

FUNCIONAR. COM AMOR, MAMÃE.

Respondi rapidamente, tentando soar tão alegre quanto possível, mas era difícil esconder minha depressão dela. Ela me conhecia muito bem. Ela sabia que, quando eu escrevia que tinha conhecido uma garota legal Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações - http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057



para ser minha amiga, significava que a maioria das pessoas na escola não tinha graça. Ela sabia que, quando eu dizia que papai e eu estamos nos dando bem e

que ele até me comprou um carro, significava que um garoto demoníaco da escola estava sendo malvado comigo. Graças a Deus, criamos esse código secreto quando eu era pequena para confundir os assediadores cibernéticos. Queria dizer a ela que Switchblade não era tão má. Se pelo menos alguma coisa perigosa fosse acontecer... Ou não necessariamente algo perigoso, mas alguém perigoso. Então, talvez minha mãe não tivesse que ficar tão preocupada com meu bem-estar. Preparei rapidamente algumas costeletas de cordeiro para o jantar.

— Belle, você realmente não precisava... — meu pai começou a falar enquanto se sentava à mesa.

— Não, pai — eu disse. — Eu costumava cozinhar o tempo iodo em Phoenix. Mesmo. Sem problemas.

— Gostaria que me deixasse cozinhar de vez em quando — ele disse. — É que... quero dizer, adoro sua comida, mas eu disse a você quê sou vegetariano e...

— Não está bom, pai? — perguntei preocupada, temendo que não tivesse cortado a carne suficientemente em pedaços pequenos em formatos divertidos.

— Não, não, está ótimo, Belle. Sei que tem sido difícil para você aqui. Está ótimo. Sorri quando ele deu outra garfada. Pelo menos meu pai estava confiando um pouco mais em mim na cozinha. Na manhã seguinte, a chuva tinha se transformado em neve. Eu não estava muito animada. Gostava de ser capaz de ir e vir da escola entre poças-d'água, pulando de uma para outra e classificando-as na escala BelleGoose — uma escala de 1 a 5 onde 1 representa terra seca e 5 um tsunami. Jim já tinha saído quando me levantei. Passei meia hora me preocupando que ele não tivesse encontrado o pão que eu havia deixado para ele no armário ou o leite que eu tinha deixado na caixa. Então, vesti minha capa de neve acolchoada e saí

apressada.

Meu caminhão-baú estava cheio de neve por cima, mas por sorte tenho braços — ótimos para pegar grandes quantidades de neve e jogá-Ias em outro lugar. O único problema era que eu não tinha outro lugar para colocar a neve além do meu quintal da frente. Então, coloquei as pilhas na traseira do meu caminhão-baú. Aí, percebi que essa era uma grande oportunidade de fazer uma raspadinha gigante. Corri de volta para dentro procurando açúcar e corante alimentício

vermelho. Pulverizei ambos sobre a neve. Quando dei a partida no caminhão, pensei em como chamaria o meu show de cozinha. A primeira coisa que me veio à cabeça foi: Goose Cooks Geese4 . A segunda foi: perfeito!

Continuei pisando nos freios enquanto dirigia para evitar derrapagens no gelo e criar uma sensação de balanço em meu caminhão-baú, para misturar todos os ingredientes na traseira numa deliciosa bebida gelada. Nos faróis vermelhos, eu simulava música de caminhão de sorvete cantarolando baixinho. Quando neva, as regras de estacionamento não são aplicadas, então parei na rua e comecei a caminhar em direção à entrada lateral da escola. Foi quando tudo aconteceu.

Não foi em câmera lenta, como um velho caminhando, mas também não foi em câmera rápida, como um velho correndo. Foi como acontece quando você toma um gole de uma bebida energética que tem o desenho de um crânio, embora sua mãe diga para não fazê-lo e seu cérebro meio que acelera enquanto você põe na boca e então vai mais devagar quando você engole e acelera e vai mais devagar até você vomitar. E então você

bebe outra de pirraça.

Aquilo veio em minha direção através do céu num arco perfeito, tão rapidamente que eu sabia que não seria capaz de sair do caminho. Nunca tinha imaginado como morreria, mas tinha meio que esperando que fosse numa guerra. Nunca havia pensado que seria assim: com uma bola de neve. E então, de repente, Edwart estava na minha frente, seus escuros, crespos e desgrenhados cachos bloqueando minha visão, quando escutei um gigantesco —plaft‖. Não podia acreditar. Não era Edwart havia me salvado.

— Como você... como? — perguntei, correndo os olhos da minha capa perfeitamente imaculada para sua jaqueta, toda suja de neve. Mas Edwart não estava escutando. Um sorriso largo, quase do outro mundo, espalhava-se pelo seu rosto.

— Prepare-se para a morte, Nêmesis! — ele esbravejou, juntando neve e arremessando-a em direção à escola. Eu não podia acreditar. Agora Edwart estava me defendendo?

— Edwart! Edwart! — gritei, renunciando a qualquer tentativa de autocontrole. Corri em sua direção enquanto ele rapidamente se abaixava para apanhar mais neve. Imobilizando seus braços em suas costas, eu o impedi de continuar a

provocar o outro lançador de neve ainda mais. — Você salvou minha vida! — gritei. — Não é o suficiente! Pare com esse interminável ciclo de vingança! — saltei sobre suas costas para deter a violência demoníaca da qual ele era capaz, e duas bolas neve o atingiram no rosto.

4 *Trocadilho que literalmente significa “Ganso cozinha gansos”, sendo que “cook someone’s goose” significa “arruinar os planos de alguém N.E*

Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações - http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057



13

The Harvard Lampoon - Opúsculo

— Uhh — disse ele, livrando seus braços e esfregando a neve dos olhos. — Ei, me larga, garota! Você vai me deixar com cheiro de menina!

Eu o deixei ir, assombrada. A neve estava derretendo do seu casaco, quase como se não tivesse aderido nele.

— Como você está fazendo isso? — perguntei, ocultando com sucesso meu absoluto medo de sua força sobrehumana.

— Edwart tem namorada, Edwart tem namorada — alguém gritou.

— Eu não! Ela não é minha namorada! Eu não a conheço! — ele respondeu, protegendo o romance que desabrochava entre nós, dos rumores mesquinhos, antes de se voltar para mim. — O quê? — ele perguntou. —

Como estou fazendo o quê?

— A neve! Ela está derretendo em você! – dei um passo para junto dele até nossas faces estarem quase se tocando – Você... você não é humano, é? – sussurrei intimamente.

Ele riu um pouco. Nervosamente.

— É por causa da aula de Biologia? — ele perguntou. — Eu só sabia toda aquela coisa sobre sapos porque tive um sapo uma vez. Não é como ir aos sites da

Internet para praticar dissecação ou algo assim. Como os nerds fazem. Nem mesmo estudei para a aula. Ou para ter boas notas. Odeio coisas de escola. Quer dizer, tipo, por que todo mundo simplesmente não cabula a aula e vai para a balada? Entende?

Eu estava de repente ruborizada. Seus sapatos, cobertos de neve suja, eram belos demais para serem reais. Eu me abaixei para investigar, tocando-os com meu dedo. Ele afastou o pé rapidamente e quase caiu para trás. Miraculosamente, recuperou o equilíbrio simplesmente baixando o pé.

— Ei! Pare! — ele gritou. — Você... então você gosta de jogos e coisas assim? Tipo videogame... jogos de computador... jogos de tabuleiro... batatas chips...

Suas tentativas de desviar-se da minha pergunta só me enfureceram mais. Eu me levantei.

— Sei o que vi. Algum dia, você confiará em mim o suficiente para me dizer a verdade.

— A verdade sobre o quê? Vou te dizer agora. Sobre os sapos-boi? – ele riu. — Essa é fácil. A verdade é que eles absorvem o ar pela pele.

Olhei à nossa volta para protegê-lo de ouvintes. Havia definitivamente alguns ouvidos animados a uns 9

metros dali.

— A verdade sobre suas capacidades — eu disse, erguendo as sobrancelhas. Queria erguer só uma, como fazem naqueles filmes de detetives, mas tão logo ergui uma a outra subiu também. Tudo que eu sabia era que nenhum ser humano médio seria capaz de pular da calçada para a guia tão rápido quanto ele.

— Escute — ele sussurrou ferozmente, como uma brisa feroz ou furação muito gentil. – Sou um estudante mediano, como todo mundo. Faço coisas normais no final de semana. Todo dia, depois da escola, volto para minha casa, relaxo e descanso até a hora de dormir, que é sempre quando eu bem entender porque meus pais são muito negligentes comigo para estabelecer um limite. Compreendeu? – ele apertou meus ombros com força. Sabia que, se eu não concordasse, ele facilmente me esmagaria.

— Sim. Compreendo. Mas esta não é a última vez que você vai ouvir falar de mim — murmurei. Isso pareceu apaziguá-lo. Ele soltou meus ombros e saiu correndo, sacudindo seus membros em sua maneira graciosa.

Fumeguei de raiva todo o caminho até a classe. Como ele soube que estávamos juntos em Biologia? Como soube entrar na minha frente no momento exato em que a bola de neve estava vindo? Por que as bolas de neve derretiam nele como se fossem feitas de uma substância aquosa? Acima de tudo, por que ele estava mentindo para mim sobre sua verdadeira identidade sobre-humana? Eu estava tão zangada que acidentalmente comecei um incêndio na aula de Matemática, mandando um garoto para a enfermaria. Acho que andei riscando os fósforos que carrego comigo tão intensamente que eles, ooops, acenderam. Jesus! Edwart estava realmente dominando o meu cérebro. Eu não podia me concentrar em nada, nem mesmo no problema em que eu estava trabalhando, utilizando a soma de Riemann das distâncias aproximadas em cada integral. Cara, eu estava mesmo de mau humor.

Naquela noite, tive meu primeiro sonho com Edwart Mullen. Tocava música de carnaval e eu estava sentada numa tenda colorida, rodeada de animais. Estávamos todos juntos, comendo pipoca e brincando. De repente, a tenda ficou escura e Edwart entrou em cena, sozinho. Estava usando pernas de pau e dizendo: Oa! Oa!, enquanto caminhava, vacilante.

Acordei suando frio, aterrorizada.

Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações - http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057



3. PICADA NA MÃO

O MÊS SEGUINTE AO ACIDENTE COM A BOLA DE NEVE foi duro. As

pessoas continuavam olhando pra mim, especialmente quando os professores liam meu nome na lista de chamada e eu dizia —presente‖. Por algum motivo, o novo apelido que dei para Edwart, —Herói‖, não pegou. Então, decidi romper com percepção não escrita, não falada e não pensada de Edwart e começar a contar nossa historia. Primeiro, contei a Tom e Lucy que Edwart tinha me salvado de uma bola de neve. Eles não ficam impressionados. Então, comecei a dizer que Edwart havia me salvado de uma rocha coberta de neve por cima e, depois de uma avalanche. Um dia, eu disse que Edwart havia corrido com velocidade sobre-humana, parando com sua força sobre-humana um carro que estava prestes a me atropelar.

- Espere ai – disse uma garota do primeiro ano na fila do refeitório. – Edwart Mullen? Esta falando daquele garoto com roupas pequenas demais?

Lancei um olhar para Edwart, sentado sozinho, fazendo a lição de casa do mês seguinte.

- Sim – eu disse bem séria, engolindo uma colherada do meu pudim para me impedir de dizer mais alguma coisa.

- Você deve ser nova por aqui – a garota disse, apanhando sua bandeja.

- Humpf, blargh – eu disse, cuspindo pequenas partículas de pudim de chocolate em cima dela. Ela não respondeu. Eu sabia que ninguém me compreenderia em Swichblade.

E, ainda por cima, Edwart estava frio comigo. Eu sabia que ele desejava que aquilo nunca tivesse acontecido

– que ele nunca tivesse me salvado -, que eu nunca tivesse começado a usar uma camiseta que dizia:

—Obrigada Edwart!‖ uma tarde, na aula de Biologia, cerca de um mês depois do acidente, não consegui agüentar muito mais. Edwart parecia tão meigo com seu cabelo vermelho-cacheado e suas sardas como a foto

—antes‖ de um anúncio de clareador de sardas para homens. E estava tão despreocupado, como se não precisasse de mim e do meu formato de orelha sedutor para passar para a sua prole. Eu tinha que fazer alguma coisa.

Cutuquei o rapaz á minha frente. Ele se virou, parecendo surpreso.

- Ei, você é o Peter, certo? – perguntei.

- É – ele respondeu, seduzido.

- Quer ir ao baile de formatura comigo? – perguntei bem alto para que Edwart pudesse escutar.

- Hummm...claro – ele disse. – Estaria tudo bem se agente saísse junto algumas vezes antes? Não conheço você realmente.

Será que Edwart havia percebido? Estaria enciumado? Disfarçadamente, olhei para seu anel de humor para descobrir. Ainda marrom-púrpura! Claramente, eu teria que fazer mais – um encontro para o baile de formatura não era o suficiente. Voltei-me para o rapaz sentado atrás de mim, á direita.

- Zach – eu disse.

- O que é? – ele perguntou, olhando o quadro-negro para tomar notas.

- Você vai ao baile de formatura comigo?

- Mas...você não acabou de convidar o Peter?

- Sim – eu disse. – quero ir com você também.

Ele hesitou.

- Bem não tenho um par ainda, então tudo bem, eu acho.

- Ei, Adam – chamei do outro lado da sal.

- Belle, por favor. Estou tentando dar aula, disse o professor Franklin. Mas, quando chamei Adam, ele deve ter compreendido que essa era uma interrupção importante, uma interrupção por amor, por que ele simplesmente suspirou e continuou o desenho da célula que estava fazendo.

- Já tenho par, Belle – Adam sussurrou audivelmente.

- Tom! – gritei.

- Belle! – o professor Franklin levantou a voz.

Sentei-me em minha carteira, satisfeita. Edwart estava olhando para mim agora.

A chuva estava tão forte na hora da saída que tive que fazer meu caminhão-bau flutuar até a minha casa. Fiquei em PE em cima do caminha e o guiei com um pau comprido, fingindo que estava em Nova Orleans salvando Edwart da enchente.

Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações - http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057



15

The Harvard Lampoon - Opúsculo

- Então, Belle... – meu pai começou a falar aquela noite ao jantar. – Algum rapaz na escola te interessou? Que tal o Tom Newt? Ele parece legal.

- Sim, deve ser – eu disse, imaginando como seria se Tom se parecesse com Edwart. Ele pareceria gostoso. –

Não vai comer seu espinafre?

- Você quer, querida?

- Não, você deve comê-lo – eu disse. – e o meu também. É bom para sua saúde. Vamos pai. Abra a boca!

Espetei o Maximo de espinafre que pude com meu garfo e o levei ate sua boca. Um pouco de espinafre caiu sobre o seu descanso de mesa. E um pouco no seu colo.

- Olha o trenzinho chegando! Triiiim. Triiiim, triiiim! – cantarolei.

- Belle, esse não é o barulho que um trem faz – ele disse. – Eles fazem piuíííí,

piuíííí, piuíííí!

- Talvez em Swichblade – eu disse com ceticismo. Este lugar certamente era muito atrasado.

Eu queria me mostrar especialmente bonita na aula de Biologia do dia seguinte, porque estava certa de que era o dia em que Edwart me perguntaria se poderia ser meu terceiro par no baile de formatura. Naquela noite, enrolei meu cabelo em molas da poltrona da nossa sala de estar para cacheá-lo. Até coloquei dentes postiços. No caminho para escola na manha seguinte, senti-me leve e saltitante, mas podia ser porque ainda tinha deixado algumas molas.

Fui para sala de Biologia no quarto horário para me assegurar de chegar a tempo para o sexto. Estava escuro e o professor Franklin estava classificando provetas no armário. Ele me deixou almoçar lá, desde que eu cobrisse minha carteira com papel alumínio por questões de higiene.

O sinal tocou. Sentei-me bem ereta em minha carteira e sorri com meus longos dentes. Os alunos começaram a passar pela porta. Tom, Adam, Lucy, seguidos por mais alunos. Nada de Edwart. Parei de sorrir e removi os dentes. Justamente quando pensei que Edwart seria um menino normal, ciumento, ele faz uma coisa imprevisível, como não aparecer na aula com um buquê de rosas.

- O.k, meninos – começou o professor Franklin. – Meu sobrinho precisa de uma transfusão de sangue, então quero saber todos os seus tipos sanguíneos.

Ele parecia orgulhoso dessa idéia. Vestiu um par de luvas de borracha, que fizeram um agourento —slap‖

quando atingiram sua pele. Eu me encolhi toda. Slap. Slap. Slap.

- O.k vou para – ele disse. – É um som tão legal!

Ainda nada de Edwart. Por que faltar em Biologia justo neste dia? Ele havia estado na aula de inglês. Eu sabia disso porque havia entregado um bilhete para ele —do escritório do diretor‖ quando ele estava na classe. Dizia —Oi, fofinho‖. Realmente, gostaria de ser a diretora desta escola. Daria a ele muito castigo. Ele merecia, por matar aula em vez de me convidar para sair.

O professor Franklin estava detalhando o procedimento.

- Vou passar a todos um formulário de consentimento medico, então não comecem ate ele chegar ate vocês. Aqueles que não forem tipo AB podem se sentar no fundo da classe e conversar – alguns meninos aplaudiram.

– Mas! – ele continuou. – Não ate que eu saiba o tipo sangüíneo de todos. Agora, quero que vocês cuidadosamente cortem seus próprios dedos com uma destas facas da minha cozinha... Ele agarrou a mão de Adam e cortou fora um pedaço do seu dedo indicador. O sangue jorrou sobre o avental do professor Franklin e na parte de trás da blusa de uma garota que estava perto. Enquanto eu observava o gotejante arco de carmim, de repente me senti nauseada. Onde estava ele? Por que faltou num dia em que estávamos fazendo uma aula de laboratório tão divertido?

De repente, ele estava lá. Edwart. Edwart, parado lá com seu cabelo cortado á maquina e seu maxilar másculo, sob a pele áspera e sua barba clara. Havia algo vermelho preso em seus dentes. Com um acesso de náusea, de repente compreendi o que ele era. Paciente de dentista!

Percebi que a classe toda estava silenciosa, olhando para mim.

Acho que devo ter dito aquilo em voz alta. Oops. Então pensei, não, isso não pode estar certo. Edwart tem dentes naturalmente perfeitos.

Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações -
http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057



Levantei rapidamente da minha carteira e então pude bater ligeiramente no rosto de Edwart com meu cabelo. Aproximei-me da mesa de matérias, onde ele estava parado, enfiando um pacote de Twizzlers5 dentro da mochila. Sacudi a cabeça...

... E então, a próxima coisa de que eu me dei conta foi que eu estava olhando

para cima, para o rosto do professor Franklin e de Lucy.

- Oi, pessoal – eu disse.

- Belle, você caiu! – Lucy exclamou, invejosamente.

- Não, não cai.

- Sim, Belle, você tropeçou na perna de sua carteira. Acho que ficou inconsciente por alguns segundos –

explicou o professor Franklin.

- Não – reafirmei.

O professor Franklin levantou-se e esfregou as têmporas como se estive desenhando círculos nelas.

- Querido Deus – ele murmurou. Por que hoje? Edwart! – chamou ele. – Como você já esteve neste laboratório comigo durante o intervalo, por favor, leve Belle á enfermaria.

- Desculpe o atraso, professor Franklin, mas a equipe da olimpíada de física precisava de uma substituição e...

- Vá logo – disse o professor Franklin. – E, Belle, não mencione nada sobre o que estávamos fazendo na aula hoje...

Olhei bem dentro dos olhos do professor Franklin. Ele devia ser algum tipo de cientista maluco! Conduzindo experimentos secretos! Se as coisas não funcionassem com Edwart, eu ainda poderia ser tipo o seu Igor, desenterrando ossos e ensinando Inglês a eles por uma ninharia.

- Certo – eu disse, piscando para o professor Franklin com um olho, e então com outro, para mostrar que tinha realmente entendido.

- Não de sua ajuda para caminhar! – insisti aborrecidamente enquanto me arrastava para fora da classe sobre a minha barriga.

- Edwart, você não pode carregá-la? – perguntou o professor Franklin.

- Você escutou, ela quer um cara maior para fazer isso – ele disse, cruzando os braços e arqueando suas costas para que eu pudesse saltar sobre elas mais facilmente. Ele se endireitou quando agarrei seus cabelos em minhas mãos como rédeas e lhe dei um gentil pontapé para fazê-lo andar. Então, ele desmaiou.

- Edwart – eu disse, cutucando sua forma esborrachada embaixo de mim. – Você esta bem? Acho melhor eu carregar você até a enfermaria.

- Não! Eu posso fazer isso! – disse ele, levantando-se num pulo. Ele levantou todos os meus três quilos e setecentas gramas (para ser honesta, não havia me pesado nos últimos anos) e saímos vagarosamente da sal. –

Vamos lá, Edwart, meio passo de cada vez – ele murmurou silenciosamente, sem querer perturbar meu débil repouso. - Certo. Agora meio passo a cada duas vezes.

Descansei a cabeça sobre seu ombro firme e suado. Senti alguma coisa acariciando meu cabelo. Então senti que Edwart colocara um pouco do meu cabelo embaixo do seu nariz, ajeitando-o sobre o lábio. Ele ficava bem com um e espesso bigode. De repente, ele soltou meu cabelo. Tirou um pouco de desinfetante do bolso e freneticamente o esfregou em sua boca.

- Então, hã, Belle... você tem algum animal de estimação?

- Não – eu disse tristemente, lembrando de jared, a iguana.

No fim, eu tive que devolvê-la para o lugar onde eu a havia encontrado: a classe de 3 ano do professor Rich.

- Minha mãe não me deixa ter animais de estimação – Edwart disse. – Não que ela pense que eu não seja responsável ou algo assim. Ela simplesmente acha que ficaria com nervos aflorados demais para cuidar deles, e provavelmente ela certa. Mas... – ele continuou. – Encontrei um morcego no meu sótão e o apanhei! Claro, era um morcego morto.

Morcegos, hein? Pensei, repetitivamente. Talvez Edwart tivesse contraído raiva!

Entramos na enfermaria. A enfermeira era uma mulher mais velha que precisava de óculos, mas preferia usálos em torno do pescoço com um cordão colorido. Ela tirou os olhos de seu livro, Lua cheia.

- Um segundo, - ela disse – estou quase terminando o capitulo. Edwart e eu esperamos.

- Pronto – ela disse. - Venha aqui e deite-se, vou arranjar gelo para sua cabeça. Edwart me pôs no chão e a enfermeira me levou para dentro da sala contigua com duas esteiras servindo de camas. Edwart ficou me olhando deixá-lo tristemente, com as mãos estendidas em suplica em minha direção. Quando a enfermeira se virou, ele espertamente disfarçou seu gesto, fingindo-se de robô.

5 *Marca popular de um doce sabor de fruta nos Estados Unidos e no Canadá. Sua aparecia é de artérias coloridas cortadas em pedaços, como pequenos tubos N.E*

Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações - http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057



17

The Harvard Lampoon - Opúsculo

Depois que a enfermeira me deixou, ele ficou lá por um tempo, parecendo uma estrela de um infocomercial explicando o que aconteceu ao seu irmãozinho quando ele fumou maconha.

- Você não tem nada pra fazer? – a enfermeira perguntou depois de alguns minutos.

- Sim.

- Espere – ela disse de repente – Você não é Edwart Mullen? Tenho chamado você á enfermaria todos os dias durante toda a semana! Você precisa tomar suas vacinas para sua viagem á Transilvânia.

- Não! Não preciso de vacinas! Você me confundiu com outra pessoa! Deve estar pensando em outro garoto muito maior que e mais corajoso e que tem um nome normal!

Ele se voltou e saiu correndo da enfermaria. A enfermeira chegou a pensar segui-lo, mais então suspirou e voltou para sua leitura. Estiquei o pescoço para ver Edwart dobrar o corredor e finalmente me ergui da cama para segui-lo por todo o caminho de volta á classe. Transilvânia, eu pensava, enquanto passava pelas classes. Porque esse país soa tão familiar? Então pensei, talvez Edwart seja um aluno de intercâmbio!

Olhei pelo vidro da janela de nossa sala de aula. Edwart havia se sentado próximo á minha carteira vazia. Foi quando percebi que, não importava o que ele fosse, - um metro e setenta e três ou um metro e noventa, como ele dizia em seus formulários médicos – eu amava aquele louco super-humano. De volta á enfermaria, coloquei cuidadosamente o relatório médico de Edwart de volta ao armário na gaveta

—Atenção especial‖. O que ele estaria escondendo, além de múltiplas alergias alimentares? O que ela era? Já

era tempo de tentar descobrir. Sentei-me no chão da enfermaria e assumi uma postura de meditação, minhas mãos pousadas com as palmas para cima sobre minhas pernas cruzadas. Comecei a murmurar —ommm‖. Minha mente estava trabalhando rapidamente: aquela coisa vermelha na boca de Edwart, sua chegada com atraso á aula durante o laboratório de sangue, os morcegos, Transilvânia... Não fazia sentido. Pensei mais. Tomei um refresco de fruta de garrafinha. Pensei um pouco mais.

Então, de repente, lembrei-me do acidente, e do corpo á prova de neve de Edwart, e de seus olhos que mudavam de sei-lá-que-cor para verde, e eu descobri. SIM! VAMPIRO!

Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações - http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057



18

The Harvard Lampoon - Opúsculo

4. PESQUISAS

QUANDO EU CHEGUEI EM CASA NAQUELA TARDE, DISSE A meu pai que eu tinha um crime a resolver, para que ele me deixasse sozinha. Estava contente de ter estabelecido aquela agência de detetives no último verão chamada —Belle Goose à solta‖. Fiz panfletos com um desenho meu como Sherlock Holmes e os espalhei por toda a cidade de Phoenix. Pena que só tivesse conseguido um caso: o roubo das sobras do panfleto. O culpado ainda está foragido.

Depois de bater a porta do meu quarto para parecer que estava perto de alguma pista, procurei nas minhas coisas não desempacotadas até achar o CD de risada de hiena que o novo marido de minha mãe me havia dado no dia em que deixei os dois sozinhos em Phoenix. Naquela época, eu não conseguia evitar a sensação de que ele estava se esforçando demais para ganahar meu respeito. Agora, estava contente de ter uma distração dos pensamentos de Edwart. Coloquei o disco no meu CD player, pus meus fones de ouvido e deitei na minha cama, cobrindo a cabeça com travesseiros. Mesmo assim, pensava no vampiro que eu amava, então coloquei mais duas maletas sobre os travesseiros.

Quando o CD terminou, eu sabia que não podia mais protelar. Era uma hora da manhã – a hora da noite em que eu pesquisava sobre coisas paranormais. Minha Internet funcionava via telefone a lata. Uma lata está na parte de trás do nosso computador, e a outra na do computador do nosso vizinho, que tem Internet. Demora um pouco para o outro computador sussurrar os códigos para o nosso, então, enquanto isso, comi um pouco de cereal – Conde Chócula. Depois disso, ainda não tinha acessado a Internet, então rearranjei os móveis para assustar meu

pai. Sem Internet ainda. Fui dormir.

Duas noites depois tive acesso à Internet.

Digitei uma simples palavra: —vampro‖. O Google perguntou: —Você quis dizer vampiro?‖. Eu disse sim. Senti-me estupefata e confusa com os resultados: —Nosferatu‖, —Treinamento de verão Buffy‖, —O princípio de romance de Kristen Stewart‖, —O sol da meia-noite vazou‖, —Robert Pattinson excelente cantor de blues‖. Estranho. O que qualquer dessas coisas tinha a ver com vampiros? Levantei da minha escrivaninha, sentindome tola por olhar para figuras de um belo casal que claramente não eram vampiros. Essa busca tinha sido infrutífera: apareceram somente 62.500.000 resultados. Teria que me apoiar em meu próprio conhecimento. Então pensei, por que não compartilho esse conhecimento com o mundo? Sentei-me de volta ao computador e fui oara a página do verbete —vampiro‖ na Wikipédia. Acrescentei uma frase ao artigo: —Edwart Mullen, de Switchblade, Oregon, é um vampiro, mas não o mate porque eu o amo!‖ então, acrescentei uma foto dos músculos abdominais do Edwart.

Ótimo, pensei, desligando o computador. Imaginei que isso fosse basicamente o mesmo que dizer ao meu pai que eu estava apaixonada por um vampiro, especialmente porque ele monitorava minha atividade na Internet. De repente, lembrei-me da canção que meu pai costumava cantar para mim toda noite quando eu era pequena:

Se você algum diativer uma paixão

Por um vampiro

Irei enganá-lo

Fazê-lo entrar num carro

Então eu dirigirei o carro

Para dentro de um lago

E por cima do carro

Colocarei algumas pedras

Parei de cantar alegremente, percebendo que meu pai provavelmente teria algumproblema com Edwart. Humm. Decidi que diria a ele que Edwart era um vampiro vegetariano, que se banqueteava somente de ketchup.

Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações - http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057



19

The Harvard Lampoon - Opúsculo

Na manhã seguinte, eu estava indo para minha primeira aula quando alguém me agarrou por trás, fazendo-me lembrar do vice-diretor da minha antiga escola me puxando para fora do palco durante o show de talentos em Phoenix. Ainda não sei por que minha atuação havia sido interrompida tão cedo; meu alter ego BelGo é um tremendo rapper e dançarino de break.

Virei-me ansiosamente, mas não era o vice-diretor Decherd, eranEdwart.

- Oh, então você está falando comigo agora? – perguntei timidamente.

- Sim, é claro. Quando foi que não falei com você?

Lembrei-me da noite passada, em que havia ligado repetidamente para Edwart, fingindo vender afiadores de dentes. Ele desligou todas as vezes. Decidi não mencionar isso.

- Você ficou bem ontem, depois que te deixei na enfermaria? – Edwart perguntou.

- Sim. E você, está bem? – perguntei, presumindo que vampiros experimentavam profunda dor na alma.

- Acho que sim.

- O.k., ótimo. A gente se vê! – voltei-me rapidamente para que Edwart pudesse

me ver de costas. Eu tinha uma presilha de caveira no cabelo, só para ele! (Tenho um arsenal de bijuterias temáticas para Halloween. Tudo começou naquele verão em que uma praga empestou meu aquário. Naquele mesmo verão, ocupei meu tempo entalhando espinhas de peixe.)

Quando entrei na aula de Inglês, ainda estava ensaiando técnicas de amasso com a mão.

- Que bom você se juntar a nós, Belle. – disse o Sr. Schwartz.

- Sim – eu disse, percebendo que podia estar em qualquer outro lugar naquele exato momento, mesmo num túmulo com Edwart. – ―Muira gentileza de minha parte.‖

Virei minha carteira de frente para a janela para que eu fosse a primeira a ver se um asteroide estava vindo. Sinceramente, descobri que o costume atual de todas as carteiras ficarem viradas para a frente é muito perigoso. Quem é o nosso vigia para os outros três lados? O professor? Não dá, se ele está constantemente gritando comigo para baixar meu binóculos e para parar de fazer ―shhh‖, quando eu peço silêncio quando ele começa a falar.

Olhei para fora da janela para a bela, bela chuva. Uma figura estava de pé no estacionamento com os braços esticados em direção ao céu. Edwart. Numa mão, ele tinha um sabão que lavou o rosto, começando a esfregálo vigorosamente. Depois, ele jogou o sabão num balde e virou a cabeça para as nuvens cúmulos-nimbos, deixando a água lavá-lo enquanto cantava um velho tema musical de um programa sem significado para ninguém. De sua mochila, puxou um computador embrulhado num saco plástico. Do bolso da frente, puxou um estojo e tirou dele uma antena parabólica de tamanho médio com a palavra ―Datastorm‖ escrita nela. Subiu em seu carro e tirou sua capa plástica, espetando a antena parabólica no capô. Meu coração parou. Iria perseguir uma tempestade? Com aquele tempo? Quando a garoa da manhã se extinguiu e o sol voltou, ele saiu dirigindo para longe. Era umhomem que gostava de assumir riscos, mas era o meu homem que gostava de assusmir riscos.

Ao voltar meus binóculos da janela para o pôster com a imagem dos dez maiores magnatas do petróleo da Forbes lendo Jane Eyre, pude escutar angélica balbuciando alguma coisa. A quenstão de sentar perto de Angélica é que ela era o tipo de garota quieta – o tipo que adora receber ordens e concorda com você

quando sua voz alcança certo volume. Mas hoje ela não parava de gritar, sem se importar com ninguém. Escutei a inflexão sobe e desce de sua voz, que foi minha deixa apara engasgar chocada. Sacudi a cabeça com pena para ensinar-lhe uma lição.

Foi quando descobri que ela estava tendo um ataque epilético.

- Desculpe! – ela disse. Enquando tinha uma série de espasmos corporais.

- Está tudo bem – eu disse, compreensiva. Melhor Angélica do que Lucy, que nunca se desculpa por ter ataques epiléticos perto de mim. Angélica definitivamente ra uma melhor amiga do que as outras, mas ainda assim ela não era feita do melhor material para uma melhor amiga. Uma verdadeira melhor amiga se sentiria confortável tendo um ataque epilético na minha frente, parando para rir quando eu fizesse minha irônica imitação epilética.

De repente, os olhos de Angélica rolaram para trás.

- VEJO UMA SALA NO CAPÍTULO DEZ – ela disse com uma voz áspera do futuro. – UMA SALA CHEIA DE VAMPIROS. NO CANTO DA SALA HÁ UMA CADEIRA DE METAL DOBRÁVEL, DOBRADA, COM UM ASSENTO VERMELHO, TRÊS PÉS DA CADEIRA TÊM PROTETORES DE BORRACHA PRETOS PREVENIR RUÍDOS ESTRIDENTES. O QUARTO PÉ NÃO. ALGUÉM PODE

TEORICAMENTE EMBALAR-SE NELA, MAS ISSO NºAO É ACONSELHAVEL. CUIDADO COM A COROA – ela terminou, e então desabou no assoalho.

Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações - http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057

Seria um presságio? Que eu saiba, somente vampiros e meninas que tinham lido os principais trabalhos de Jane Austin tinham habilidades únicas. Em todo caso, não via por que eu tinha de ser cautelosa para conseguir uma coroa e possivelmente controlar uma nação inteira sentada em um trono confortável. Eu tenho uma tendência para a diplomacia, mesmo em jogos como War, decretando um cessar-fogo para todo mundo com um murro na mesa.

- Isso é importante, Angélica – eu disse, quando ela acordou de seu estupor. – Edwart estava naquela sala de vampiros?

A classe inteira estava nos rodeando e gritando: —Deixe-a tomar um pouco de ar!‖ Como se o ar fosse uma dádiva maravilhosa que eu não pudesse obrer por mim mesma.

- Humm. Estou com sono – Angélica murmurou.

Diabos! Ela tinha voltado ao seu estado normal.

- —Vampiros‖ é o código para —Edwarts‖? – perguntei. – E —coroa‖ é o código para —nuggets envenenados disfarçados de uva-passa que você tira fora do cereal de qualquer forma e então não precisa se preocupar com isso?

Mas Angélica não estava prestando atenção.

- Minha voz está cansada – ela suspirou quando a enfermeira da escola a colocou sobre a amaca e a levou embora.

Por que tenho que tomar cuidado? Será que Edwart iria me ferir? Por que já não tinha me ferido? Será que não mereço ser machucada?

Não. Eu estava sendo insegura. Eu era digna de um monte de machucados, elaboradamente planejados para aocntecer numa velha sala de aula de balé com espelhos facilmente quebráveis para completar o gloriosamente sangrento espetáculo. Se Edwart não achasse que eu era digna, estou certa de que algum outro vampiro acharia.

Antes de almoçar, corri para o estacionamento para saber se o carro de Edwart tinha voltado. Deixei escapar um longo e desinflado rugido suspirado enquanto percorria todas as quinhentas vagas do estacionamento. O

carro não estava lá. Pensei em voltar para casa – valeria a pena uma educação sem perspectiva de casamento?

Então, uma voz explodiu em minha cabeça. Uma voz baixa, melodiosa, cantando Schubert baixinho – minha alucinação de Edwart.

Eu tinha essa alucinação sempre que punha em risco meu futuro como Prêmio Nobel de Física.

- Com licença – cantou a voz. – Tenho o terrível hábito de escorregar para Schubert em momentos de urgência, um entre muitos que adquiri em minhas viagens místicas pela Itália. Belle, - ela continuou harmonicamente – tire seu diplona de ensimo médio. Por mim. A voz diluiu-se numa música indie: Claire de Lune.

Estava resolvido. Eu não estava certo sobre o tipo de —carreira‖ que uma educação conseguiria para mim que eu não pudesse conseguir usando minha rotina de fantoche e minha tenacidade, mas tinha fé nas minhas vozes. Por que, logo no outro dia em que escorreguei, não tive uma visão de que eu pudesse cair? Resolvida, decidi colocar minha vida nas mãos da minha precária fábula cerebral e terminar o ensino médio.

No dia seguinte, uma Feira de Atividades estava acontecendo no refeitório. Cada mesa estava circundada com uma cartolina decorada como estande. Admirei particularmente o cartaz —Adolescentes pelo Fascismo‖. Aqueles adolescentes deviam ser realmente devotados ao seu clube, já que usavam tesouras zigue-zague. Talvez eu não tivesse dado ao fascismo a consideração que ele merecia.

- Belle!

Olhei em volta. Lucy estava de pé atrás de uma cartolina dos —Fãs de Buffy, a caça-vampiros‖.

- Junte-se ao meu clube!

¬-Não, obrigada – eu disse gelidamente. Mas não estava agradecida e acho que transmiti isso pelo meu tom de voz. Não tinha a intenção de apoiar uma mostra que encorajava o genocídio de uma já ameaçada espécie de imortais. Decidi usar —O Poder do Franzido‖. Você socialmente dissuade as pessoas a serem intolerantes ao franzir as sobrancelhas às suas observações ignorantes. Levei a

coisa a uma conclusão real, olhando aquele pôster direto no meu olho e franzindo as sobrancelhas até sentir o poder do meu triunfo moral circulando pelo meu sistema circulatório. Agarrei aquele pôster, virei-o, desenhei nele um crânio e ossos cruzados e o rasguei. Eu me tornaria uma pirata de mesa-estande. Quem seria o primeiro a descobrir minha esperteza?

Vi uma mesa com um letreiro que dizia: —A Beleza da Elasticidade de Preços e Pizza Grátis!‖. Fiquei indignada com a aelasticidade dos preços, mas gostava de pizza grátis. Cheguei mais perto do biombo para roubar uma fatia, de repente discernindo a figura no comando ali. Edwart estava de volta!

Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações -
http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057



21

The Harvard Lampoon - Opúsculo

- Belle? – Edwart perguntou, quando minha mão se estendeu do meu esconderijo debaixo da mesa para pegar um pedaço de pizza.

- Ah? Oh... Edwart. Não reconheci você. Obrigada pela pizza! Ouça, eu adoraria me juntar ao seu clube em algum momento, mas tenho coisas a fazer. Como torradas para o Jim. Ele é um idiota!

- Fique! Se gosta de pizza, vai amar o Clube da Elaasticidade dos Preços, um clube devotado a dar aos estudantes pizza grátis que eles ganharam clicando nos anúncios no website que eu fiz para minha aula de Economia.

Olhei para ele com suspeita. Exceto pela lama em seu rosto ou pela perna direita ou pela perna direita de sua calça que estava faltando, ele tinha voltado de sua perseguição à tempestade imaculado.

- Dicifre-me isto, Sr. Internet – eu disse, cruzando os braços detetivescamente. – Como é que você, alegadamanete completamente mortal, está aqui sem um

carro?

- Meu carro teve de ser sacrificado por uma causa maior. – sua face nublou-se com a névoa de um ideal. – Um canal lamacendo bem do lado de fora deste campus. Tive de empurrar meu carro dentro do canal que antes uma nuem ameaçadora pudesse me pegar. Ninguém disse que ser meteorologista-aventureiro com uma inclinação por acumular dinheiro vagarosamente por meio de anúncios da Web de 0,0001 centavos era fácil. Ninguém diz muito sobre esse tipo de pessoa, afinal.

- O que eu teria que fazer se me juntasse a esse —clube‖? – perguntei, ainda cheia de suspeitas. Tinha percebido que ele astuciosamente tinha omitido o efeito adverso da elasticidade de preços sobre a demanda do consumidor em sua propaganda.

- Você consideraria juntar-se ao clube? Uau. Ninguém nuncamostrou interesse em apreciar a elasticidade dos preços comigo antes. Por um tempo, pensei que éramos eu e a elasticidade de preços contra o mundo. Tudo aconteceu tão rápido. Eu... não sei exataamente o que outra pessoa faria em meu clube. Deixe-me pensar por um segundo. Ele começou a medir passos atrás de seu estande. Seu corpo parecia brilhar de excitação. Ou seria eu piscando muito rápido?

- Já sei! Você teiria de passar todo o período de almoço comigo...

- Sim.

- ... fazendo uma fortuna.

Oh. Se ao menos eu pudesse voltar algumas frases. Se ao menos eu tivesse dito —sim‖ quando aquele cientista perguntou se eu queria sua máquina de tempo extra.

- No final do ano, usamos essa fortuna para tentar nos comunicar com cetáceos das profundezas do mar. –

Seus olhos brilharam com zelosa determinação. – Sei que a verdade está lá embaixo. Ele era tão perfeito que chegava a doer.

- Então eu assino aqui? – perguntei.

- Sim, bem debaixo das palavras, —Edwart, por meio deste intrumento, possui a alma de:‖.

- O.k.! Assinei meu nome:

B–e–l–l-e

Virei o papel de cabeça para baixo para arranjar mais espaço, então espremi o rsto em letras pequenininhas:

Goose

- Aqui está – eu disse, rabiscando a última letra com floreio que continuava fora da página numa laçada dupla no ar como minha assinatura requer. Eu teria de lidar com a provisão da alma quando o tempo chegasse.

- Belle! – alguém gritou do estande ao lado. Era Laura, uma menina que se sentava na minha frente todos os dias no almoço, o que dava a ela o privilégio de ter um nome. Angélica estava assinando o papel do clube, e lucy assinando os papéis falsos que Laura deu a ela para que a espera parecesse mais curta. Lucy era dotada de uma personalidade particularmente impaciente.

- Junte-se ao nosso clube de compras, nosso primeiro encontro é hoje depois da aula! – uma delas disse. –

Você pode escolher qualquer um, eles são totalmente intercambiáveis.

- Não, junte-se ao nosso clube – disse Tom, do estande ao lado dequele. – O clube dos meninos: —Chute a Caixa‖. Consideramos você um dos meninos porque você é tão relaxada e desanimada. Eu não podia acreditar. Um dos meninos. Finalmente havia conseguido.

- O que é o —Chute a Caixa‖? – perguntei.

- Toda sexta-feira à noite nos revezamos nos encolhendo numa caixa enquanto os outros caras chutam. Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações - http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057

22

The Harvard Lampoon - Opúsculo

- Certo, vou participar – eu disse, fazendo-os ganhar o dia. Eu me senti bem comigo mesma depois disso. Socializar-se é a maneira simples de retribuir à comunidade.

- Muurp – Edwart fez um barulho estranho. Nós todos nos viramos em sua direção. Ele estava torcendo a barra da camisa entre as mãos e correndo os olhos de um rosto para o outro, um maneirismo do período Vitoriano.

- O que é isso, Ednerd? – perguntou Taylor. – Você finalmente se transformou em uma de suas maquininhas?

Laura riu, esperando que a resposta de Edwart fosse hilariante. Ela não ficou desapontada.

- Belle não pode se juntar ao seu clube – disse ele, super-hilariante. – Sexra-feira à noite é quando clicamos nos anúncios um do outro, a parte mais vital do Clube da Elasticidade dos Preços.

- Certo – disse Adam. – Acho que Belle prefere clicar sobre anúncios a ir a Las Vegas nessa sexta-feira para uma despedida de solteiro no clube dos meninos.

Edwart fez aquele grunhido ameaçador dele e eu não pude resistir quando ele fez sua cara de cãozinho de novo.

- Acho que me juntarei ao clube das compras em vez disso – resmunguei. Droga. O que era isso, um filme de Judd Apatow6? Eu me arrastei em direção à Laura para assinar o papel. Aposto que ela nem sabia o que era Guerra nas Estrelas, como naquela cena de Ligeralmente Grávidos.

- A melhor parte sobre o clube das meninas – disse Laura, enquanto eu assinava meu nome e murmurava palavras ao acaso vindas de meu desvario raivoso interior – é conseguir nos conhecermos melhor. A cada semana apareço com

uma pergunta diferente. A da última semana foi —Qual das fitas de cabelo de Laura é a mais bonita?‖. A desta semana é —Qual humanóide da Federação seria o líder político mais justo?‖ Tipo, O

mais justo – ela balançou seu cabelo bidimensionalmente.

Provavelmente, um betazoide – eu disse, embora toda a discussão fosse controversa, pois humanos seriam sempre xenófobos demais para confiar em alguma coisa diferente de um humano com poder executivo, e você

pode esquecer sobre os androides para qualquer cargo eletivo, obrigada mídia. Por que Laura fazia tais perguntas estúpidas?

Olhei séria para os meus sapatos, sofrendo silenciosamente. Conectar-se com aquelas meninas de cidade pequena estava se tornando impossível.

- Ei, Ednerd! Quer um pouco de chocolate de alho? – perguntou Adam, acenando com uma barra de Hershey's na fresnte de Edwart.

- Ei, nojento, tire esse alho da minha frente! – disse Edwart.

- Relaxe, é só um Hershey's. – Adam saiu pavoneando-se num passo não tão másculo quanto o imprevisível bater de membros de Edwart. Mas eu não ia deixar isso passar batido. Talvez, se Edwart visse o quanto eu já

sabia, contaria-me seus segredos.

- Espere, - eu disse, segurando a cabela de Edwart e esperando até sua respiração se acalmar depois que o toquei – as únicas pessoas que não gostam de alho são...

- Talvez eu goste de alho, talvez não. Tudo que eu sei +e que nºao experimentei ainda e não vou começar hoje. A mesma coisa com abacates

Ele saiu correndo antes que eu pudesse prensá-lo contra a parede e interrogá-lo mais.

6 *Renomado cineasta, famoso por suas comédias, como "Ligeiramente Grávidos" N.E.* Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações - http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057



The Harvard Lampoon - Opúsculo

5 - COMPRAS

- Então, o que acha deste vestido, Belle?

Eu estava numa cadeira dura de madeira num cubículo do lado de fora dos vestiários da loja, cercada por cetim stretch de todos os lados. Estava surpresa pela velocidade com que as outras meninas haviam se rendido, oferecendo seus corpos como abrigo ao inimigo parasitário: vestidos de festa. Sobriamente, percebi que o combate era inevitável. Faria o que fosse necessário para proteger minha espécie.

- Muito satisfatório, Lucy – eu disse cautelosamente, não querendo revelar o quanto eu sabia.

- E o que acha deste? – perguntou Angélica.

- Que ele evidencia a massa cinzenta em seu cérebro humano – eu respondi naturalmente, como se ela tivesse um.

Angélica enrugou a sobrancelha e me deu um olhar desconfiado. Seu parasita estava interessado em mim. Eu tinha de agir depressa.

- Angélica, eu posso te fazer uma pergunta muito pessoal, pois confio em você como amiga?

- Claro.

Tentei pensar em alguma coisa que amigas normalmente perguntam umas às outras.

- Alguma vez você ficou preocupada que a contagem de suas células brancas pudesse ser mais baixa que a de suas amigas? Quero dizer, claro, seu sistema imune é bom, mas será que é o melhor?

Ela ajeitou nervosamente seu cinto. Minha tática estava funcionando. Decidi atingi-la com outra questão íntima, forçando o parasita para fora com o poder do discurso humano.

- Não é estranho que garotas tenham atração cinquenta vezes maior por homens com caninos afiados do que os que tem caninos arredondados e bonitinhos? Quero dizer, como isso é evolutivamente benéfico! Imagino que seja porque homens com dentes afiados sejam mais confiantes com comida mastigável.

- Edwart tem dentes afiados? – Angélica perguntou. As garotas riram.

- Quem falou isso? Quem disse Edwart? Eu disse evolutivamente benéfico. Não Edwart benéfico. Jesus. O que é que há, tá apaixonada por ele ou algo assim? Você o acha engraçadinho? Eu não.

- Engraçadinho não. Mas legal. Ele é um cara realmente legal.

- Ele não é um cara realmente legal! – gritei com lealdade. – É um homem muito perigoso!

As meninas trocaram olhares. Lucy trocou um olhar agourento com o olhar sabido de Laura, e Laura trocou aquele olhar pelo olhar carregado de Angélica.

- Bem, ele é estranhamente quieto – admitiu Laura, astutamente notando o quão peculiar era para um não vampiro falar macio. – é estranho quando as pessoas não saem por aí gritando quaisquer palavras e ideias semi-formadas que estão incubando em suas cabeças. Isso me dá arrepios.

- Concordo. – disse Lucy. – Ouvi falar que, na antiga escola de ensino fundamental dele, os rapazes maiores costumavam abusar de Edwart, dia após dia. Até que um dia Edwart decidiu que já era o bastante e bam! Os meninos maiores bateram nele ainda mais. Depois disso, Edwart entrou numa fase de morder por um tempo porque, você sabe, ele não conseguia exactamente revidar

– ela apertou seu bíceps magro quando disse isso, implicando que Edwart não conseguia revidar porque um único soco dele seria fatal. – É claro, - ela acrescentou – essa história provavelmente é apenas uma lenda urbana.

- Sim, - concordei – é apenas uma história urbana. – Mesmo assim, eu não podia deixar de lembrar o alerta de Angélica enquanto os músculos de sua boca estavam esporadicamente fora de qualquer controle consciente.

—Cuidado com a coroa. —Coroa‖ como em —coroa dental‖? Tipo, Edwart entraria numa farra de mordidas de vampiro depois que o seu dentista tivesse consertado alguns de seus problemas estáticos? Humm. Eu queria acrescentar isso à minha rubrica —razões pelas quais namorar Edwart é um esporte radical e, portanto, uma alternativa legal à ginástica‖.

- Então, em que loja compraremos em seguida? – perguntei enquanto caminhávamos pelo shopping. Tinha visto uma loja de artigos de cozinha no caminho. Será que teriam um livro de cozinha para vampiros? Era engraçado, toda essa preocupação sobre se Edwart era um vampiro e eu nem sabia o que eles comiam.

- Qualquer uma que tenha vestidos de formatura – Lucy respondeu.

Parei de repente.

- Ei, ei, espere aí – eu disse, fincando os calcanhares no chão para resistir ao movimento para a frente, como Scooby Doo, só que ninguém estava me puxando, então era mais como se eu estivesse caminhando sobre meus calcanhares. – Não existem livros em lojas de vestidos.

Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações - http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057



- Estamos procurando roupas. – Angélica falou, tão casualmente quanto eu diria —bom-dia‖a um vizinho antigamente.

- Não posso comprar mais roupas, meninas. Sou um modelo para 1,3 milhão de garotas. Tive que provar a elas que existem mais coisas na vida além de roupas. Existem romances por aí. Histórias românticas para todo tipo de fetiche com monstros.

- Certo – disse Lucy. – Vamos nos dividir. Nós três continuamos a fazer compras neste shopping brilhantemente iluminado e bem frequentado, Belle, você vai por aí sozinha, procurando alguma coisa para ler pelas vielas escuras.

- Grande plano! Vejo vocês mais tarde – respondi.

- O.k. Encontre-nos em algum lugar por aí mais tarde!

Procurei e procurei nas ruas por material de leitura em vão. Mesmo as lojas de produtos alimentícios, que geralmente trazem algumas etiquetas de vinho bem escritas, falharam. Todas tinham apenas pictogramas. Estava quase desistindo quando vi um brilhante carro de corrida coberto de antenas. Alguma coisa em relação àquele carro provocou um forte sentimento em mim… senti o impulso de guinchá-lo. Nada me irrita mais do que um carro antes de entrar na loja —Jogos de Computador e Elasticidade de Preços para Caçadores de Tempestades‖. Alguém ia sentir a mão fria da Justiça hoje.

- Posso ajudá-la?

Um velho pobre coitado com um bafo de onça estava enfiando seu nariz torto e mofado no meu rosto. Sentime mal por ele. Era tarde demais para sua vida causar um impacto em mim, Belle Goose, baby-sitter certificada pela Cruz Vermelha.

- Você por acaso tem algum jogo de simulação de vampiro? – eu queria ver o mundo através dos olhos de Edwart. – Ou melhor, você tem algum jogo de simulação de Edwart Mullen?

- Bem, não sei sobre esse último, mas temos bastante do primeiro tipo. Temos o jogo de simulação de sono em caixão de vampiro, simulação de medo de crucifixo de vampiro, simulação de seu sangue humano bebido por um vampiro, simulação de aparência acima da média como um vampiro completamente

normal…

- Oh! Esse último que você falou! É esse.

- Certo, querida. Sente-se na cabine e eu a ajudarei com os óculos 3D.

- Presumo que esses óculos também impeçam que o espírito de vampiro escape quando você desliga seu espírito humanos – eu disse, colocando os óculos e os prendendo bem.

- Estes óculos fazem todas as coisas verdes terem sombras vermelhas.

- Certo. E o efeito secundário é que eles transformam você num vampiro.

- Se esse é o personagem que você escolheu, sim. Mas permita-me sugerir Yoshi, um formidável perdedor em meio a um elenco completamente bem armado.

- Sim, claro, Farei isso – eu disse, dando ao meu personagem vampiro um lançador de mísseis. Imediatamente após o início da simulação, comecei a sentir minha pele empalidecer e meu cabelo crescer. Senti meus dentes se afiando e meu sangue morrendo. Tive de repente aquele desejo insaciável. Um desejo insaciável por magnésio.

Não, não era isso. Eu queria sangue.

Abri com força a cortina da cabine, minha própria força me surpreendendo enquanto o tecido deslizava sem esforço para o lado. Eu estava livre e nem mesmo minha moral poderia me deter.

- Você! – eu disse ameaçadoramente, virando-me para o velho. Não tinha nada contra ele pessoalmente, mas não conseguia me controlar. Ser um vampiro é dificil. Fui invadida por um sentimento de admiração e medo em relação a Edwart, um temor de que ele não conseguisse entrar no corredor da escola a cada dia sem arremessar-se para o pulso da pessoa mais próxima e cravá-lo com seus dentes, como eu estava fazendo agora. O senhor era velho, mas forte. Ele me dominou com uma terrível torção de punho, arrancando-me fora os óculos com cinco gestos vagarosos, mas persistentes.

Quando o espírito do vampiro escapou, rapidamente voltei ao meu estado normal.

- Hã? – sacudi a tontura da minha cabeça e limpei minha saliva do pulso dele. – Esta máquina é louca, velho –

eu o informei.

- Espero que você tenha uma licença para isso – juntei minhas coisas e caminhei para fora sem pegar o controle de videogame que tinha comprado. Não daria a ele essa satisfação. O sol tinha se posto agora e as suas estavam assustadoramente silenciosas, exceto pelo fantasmagórico som

—uuuuuu‖ que fiz para assustar os zumbis – inimigos dos fantasmas. Eu tinha então que neutralizar isso com barulhos zumbis para afastar quaisquer fantasmas que eu pudesse ter atraído. Enquanto vagava sem rumo pelas vielas escuras como piche, tive o sentimento divertido que estava sendo observada. Escutei farfalhar e o Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações - http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057



som distinto de um controle de videogame Sega flutuando no ar. Virei-me. Era o velho, agitando senilmente sua mercadoria. Meu coração começou a bater forte contra meu peito e contra minhas costelas, ficando todo orgulhoso de sua força muscular. Eu estava sendo seguida.

Depressa, eu disse a mim mesma: —tente se lembrar do que aprendeu no Curso Jimbo de Defesa Pessoal para Senhoritas‖. Jimbo era um homem musculoso com tatuagens de prisão.

—entre na viela escura mais próxima‖, lembrei da voz de Jimbo dizendo isso. —Congele como um coelho ou como a criatura com a qual você deseja que seu assaltante a confunda. Se ele gritar com você, responda polidamente – talvez seu otimismo o faça mudar de ideia. Se você for entrar num elevador com um homem com quem se sentiria desconfortável numa pequena sala sem saída, entre

direto sem pestanejar. Lembre-se, o medo é uma emoção irracional que você deve ignorar.‖

Armada com essas dicas entrei no beco sem saída mais próximo, enrolei-me como se fosse uma bola e comecei a rolar.

- Para onde você está me atraindo? – zombou o velho. – Por favor, levante-se e pegue seu controle, não posso me abaixar tanto.

Foi quando escutei um zumbido familiar. Olhei para cima. O corpo de Edwart estava mergulhando do telhado do prédio mais próximo em direção à rua. Levantei-me para tentar salvá-lo, mas ele dirigiu habilmente seu corpo sobre o homem, jogando-o no chão. O velho gemeu e então se ajeitou para um pequeno cochilo sobre o chão, usando seus braços como travesseiro. Pessoas velhas gostam de ter uma desculpa para dormir.

- Por favor, venha comigo para o meu carro, Belle – ele ofereceu gentilmente, mancando na minha direção. –

quero dizer, somente se você quiser.

- Nananina. Não com essa atitude.

- Por favorzinho?

Sacudi minha cabeça desapontadamente.

- Qual é a forma verbal mágica?

- Belle – ele rugiu. – Não temos tempo para isso. Além do mais, odeio quando você me força a fazer isso.

- Imperativo, Edwart. A forma verbal mágica é imperativo. Você não tem de esconder sua inclinação natural de me dar ordens. Quero que se sinta confortável comigo, Edwart. Ao ponto da dominação.

- O.k., O.k. – ele respirou fundo e apontou para mim. – Você – disse ele rigidamente, as palavras fluindo direto de algum banco de palavras primordial e mandão – vá para o lugar aonde quer ir, o qual, espero, seja o meu carro, onde estarei, se Deus quiser.

- Tudo bem.

Ele relaxou.

- Não está zangada comigo por eu ser dominador? Você não está blefando?

- Não, Edwart – eu disse, levando-o até o seu carro. – Entre.

Ele esperou que eu ligasse o motor para ele, olhando para mim suavemente – daquele jeito matador.

- Você está bem? – ele perguntou.

- Sim, por que não estaria?

- Você está falando sério, Belle? Não percebeu o que aquele homem doente estava tentando fazer? – ele sacudiu a cabeça, enfurecido. – Você tem sorte de eu ter passado o dia em cima daquele telhado. Aquele velho… ele estava tentando vender a você um produto Sega.

- O que você estava fazendo, esperando por mim em cima de um telhado o dia todo? – perguntei, observando os nós dos seus dedos ficarem mais brancos com a sua própria referência à Sega. – Como você poderia prever que o velho me atrairia até aqui se não fosse pelo poder de, telepaticamente, conhecer suas intenções? – eu o tinha apanhado. Somente vampiros têm esse supertalento.

- Es estava observando o céu daquele telhado – ele disse, mansamente. – examinando Mercúrio por meio do meu telescópio. As coisas que eu vi e ouvi, Belle… é tão dificil de explicar.

- Tente, Edwart. A única maneira disso funcionar é se formos honestos um com o outro. Honestos sobre Mercúrio.

- Ele estava girando. Um monte de planetas está lá, Belle. Girando e girando. Ficamos em silêncio por um momento.

- Prometa-me que nunca mais vai andar nestas ruas sozinha outra vez, Belle – seu rosto contorceu-se numa raiva espasmódica. De repente, ele baixou o vidro de sua janela e gritou: - Ela joga Nintendo! – ele inspira profundamente: - Joga Nintendo – ele expirou. – Não estarei sempre aqui para mantê-la a salvo da Sega.

Tentei não respirar tão alto para não interromper sua ira protetora. Isso era belo.
Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações -
http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057



26

The Harvard Lampoon - Opúsculo

- Está com fome? – perguntou finalmente. – Eu sei… sei que somos apenas amigos, mas… podíamos ser amigos jantando juntos, se você quiser. Ou podemos comer em mesas separadas, e ainda ser amigos. Ou comer em mesas separadas, mas saindo juntos. Quer dizer… - ele lançou um olhar para mim. – Você

provavelmente já sabe disso porque é realmente uma garota esperta.

- Você está se oferecendo para me levar para jantar?

Ele concordou devagar.

De repente, meus olhos começaram a brilhar e a se incendiar. Nada me deixa mais zangada do que pessoas que são legais comigo.

- Ouça. – eu disse, agarrando-o pelo colarinho – eu sou a pessoa legal. Você é a pessoa com agressividade incontrolável. Compreendeu?

- Oh Deus! – disse ele, o sangue esguichando do seu nariz. – Agora você conseguiu, Belle. Agora você

realmente conseguiu. Frases diretas me dão sangramento no nariz.

- Assim é melhor – eu disse, soltando seu colarinho. – Numa boa e furioso.

- Você poderia, por favor, segurar meu nariz para mim? Não quero tirar minhas mãos do volante.

- Claro – pincei o nariz dele. – Vampirinho inútil – acrescentei baixinho antes que baixasse a minha adrenalina. – Ei! Olhe para aquele palácio!

Edwart freou e encostou o carro. Estávamos estacionando perto de que eu posso somente descrever como um panteão dos dias modernos. —Buca di Beppo‖, dizia o letreiro decorado e as luzes de néon.

- Não parece ótimo? – Edwart perguntou, tocando meu ombro, destroncando-o e firmemente colocando-o de volta quando eu mandei – Pense… a Itália é cheia desses… desses bistrôs. Eu estava intimidada e lisonjeada por Edwart querer me apresentar ao seu estilo de vida cultural. E, mesmo assim, uma pequena parte do meu coração, talvez a válvula pulmonar, apertou. Éramos realmente tão bons como casal quanto eu dizia a mim mesma repetidamente no espelho? Ele era mais vivido nesse mundo e no outro mundo do que eu. Que mundo eu poderia trazer ao nosso relacionamento?

O submundo, pensei, resolutamente rasgando ao meio meu cupom —Entre no Paraíso Grátis‖. Olhando em retrospecto, eu provavelmente poderia ter imaginado um mundo melhor se tivesse pensado duas vezes. Sea World7 veio-me à mente.

Edwart levou-me até uma pequena mesa íntima perto da televisão do bar. Curiosamente, a garçonete foi muito rápida em interromper nosso tête-à-tête particular, sobre o desempenho do time de azul com seus comentários irrelevantes sobre as promoções de casa. E seria somente impressão minha, ou ela estava com as costas completamente viradas para mim esquanto Edwart falava? Talvez eu estivesse sendo territorialista, mas parecia que ela estava parada sobre a mesa para expressar o propósito de me desprezar e preenchendo todo seu campo de ação com Edwart.

- Vou querer um lasanha pequena – eu disse às suas musculosas panturrilhas.

- Peça uma grande – Edwart sugeriu.

- Tem certeza? – perguntou a garçonete. – Uma porção pequena serve de sete a nove pessoas. Fazemos as coisas em tamanho —família‖ aqui. Dane-se o estilo família em crescimento sustentável.

- Tenho certeza – ele disse, suavemente piscando os olhos para mim através das pernas dela. Ela cruzou as pernas. Não podíamos ver realmente um ao outro

depois disso.

Quando ela partiu, Edwart virou, seus olhos ofuscantes, seus globos espelhados para mim. Somente olhar para ele me transportava para fora dali, para um delírio. Um delírio com luzes pulsantes e multicoloridas em formato de olho.

- Normalmente, eu não faria o pedido por você – ele disse – mas, com tudo o que aconteceu na última hora, tudo tão confuso, tão rápido e condensado para propósitos cómicos, posso apostar que você está faminta.

- Como consegue saber? É como se pudesse ler a minha expressão.

Ele franziu as sobrancelhas e olhou para baixo, para a toalha da mesa.

- Na verdade, você é a única pessoa que eu não consigo ler. Sempre me considerei bom em ler as expressões das pessoas e fazer adivinhações absurdas sobre como se sentiam, mas você… olho para o seu rosto e tento adivinhar o que está pensando, e tudo o que ouço é —BIIIIIIIIIIIIIIP‖. Simplesmente esse longo bip, o som que um monitor cardíaco faz quando você morre e tudo para.

—BIIIIIIIIIIIIIIIP‖. Assim.

Ah, o velho —BIIIIIIIIIP‖, um som com o qual cresci acostumada. Um som padrão, se você preferir, ao qual retorna minha mente sempre que não há nada mais interessante em que pensar.

7 Parque temático americano de diversões. (N. T.)

Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações - http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057



27

The Harvard Lampoon - Opúsculo

- Sei o que quer dizer – eu disse.

- Aí está aquele som outra vez – ele falou. – O que você disse? Porque para mim soa simplesmente como

—BIIIP BIIIP BIIIP‖.

A garçonete trouxe a minha lasanha.

-Tem certeza de que você não quer nada? – ela perguntou a Edwart, tipicamente.

- Na verdade, vocês fazem chouriço?

- Sim.

- Ótimo. Mande um, então. Mas com pouca carne.

- Com pouca carne?

- Sim, sou mais de molhos.

- Molho de sangue?

- Sim, molho de sangue – ele voltou-se para mim. – O que você estava dizendo?

BIIIIIIIIIIIIIP, pensei enquanto me agarrava desesperadamente a algo mais

para dizer. Então, tive outra de minhas bem-pesquisadas epifanias. Seu uso constante de desisfetante, seu amor por videogames, sua falta de amigos, seu gosto por observação de planetas e seu andar se debatendo.

- Você é um zumbi – eu disse, ofegante.

- Não. Não sou – ele respondeu.

Voltei à teoria do vampiro.

No caminho de volta para casa, ele me perguntou se eu tinha outras teorias.

- Algumas – eu disse. – Sabe quando dizem que o universo está sempre se expandindo? Bem, acho que o espaço sideral é um umbuste e que a NASA é uma casa de repouso para oficiais da CIA – expliquei. – A lua é

real.

- Eu quis dizer teorias a meu respeito – disse Edwart. – O modo como você olha para mim às vezes… o.k., o modo como você olha para os meus dentes algumas vezes e comenta sobre quão inumanamente pálido ou inumanamente frio eu sou, e o modo como você está colocando seu ouvido sobre o meu peito agora… quero dizer, o que está se passando dentro dessa sua cabeça?

- Você não tem absolutamente nenhum batimento casdíaco.

- Isso é o que eu estou dizendo! Por que você diz coisas como essa? O que você pensa que eu sou? – ele me espiou com o canto do olho, nervosamente. – Você não acha que eu sou um robô como os outros, acha? Por favor, Belle… eu… eu simplesmente não poderia aceitar isso.

- Por que eu não faço as perguntas e você me dá as respostas? – sugeri. E para ser honesta, a teoria do robô era nova para mim. Ela iria requerer mais reflexão.

- Está bem. Manda.

- Existe alguma razão para que não devamos estar juntos?

Ele suspirou.

- Estava com medo de que você perguntasse isso. A verdade é que não sou bom para você, Belle. Sou perigoso

– ele começou a dirigir em zigue-zague. – Perigoso demais. Não quero machucar você – ele atravessou o sinal vermelho. – Nunca me perdoaria se colocasse você em perigo – ele parou no farol amarelo para que pudesse virar à esquerda no farol vermelho.

- Por que eu não dirijo da proxima vez? – perguntei.

- Isso resolveria – ele riu. – Nunca tirei carteira de motorista. Agora existe uma coisa que ando querendo perguntar a você tambem: qual é a sua cor favorita?

- Azul.

- A sua flor favorita?

- Margarida.

- Legal. Bem, Não tenho mais perguntas. Acho interessante que você tenha uma flor favorita. Essa era minha pergunta-pegadinha.

- Eu menti sobre a cor. Realmente não me importo com cores. Azul não tem nenhum, valor para mim. Ele tirou a mão do volante para enfiar o cabelo atrás da minha orelha mais ainda.

- é isso que quero dizer sobre você. Você é especial. Nós somos. Nós dois pensamos sobre coisas além do que os outros pensam – ele estacionou o carro e virou-se para mim. Quer conversar sobre essas coisas?

- Certamente – eu disse. – Adoraria ter uma discussão sobre aquelas coisas. Tivemos uma conversa séria. Foi realmente interessante.

- eu acho que devo entrar – eu disse quando o assunto acabou. – São nove da noite e tenho que começar a preparar o café da manhã para o meu pai.

Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações - http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057

28

The Harvard Lampoon - Opúsculo

- Boa noite – ele disse e apertou minha mão.

Inclinei-me para dar um beijo de boa noite no rosto dele. De repente, estava beijando o ar. Ele não estava lá.

- Nem pense em tentar qualquer gracinha outra vez – uma voz raivosa censurou, vinda debaixo do banco do motorista.

- Sinto muito, Edwart.

- Nem estamos namorando firme ainda! – a voz disse. – Preciso de tempo para conseguir me acostumar a estar perto de você. Tempo para praticar segurar sua mão, pelo amor de Deus! – sua cabeça surgiu entre o assento e o volante. – Belle, podemos ser totalmente honestos um com o outro?

- Claro, Edwart. Não podemos estar num relacionamento a menos que você seja totalmente honesto sobre a destruição de que é capaz de fazer.

- Certo. Bem… e se eu te dissesse que não sou capaz de destruir? Que tenho que levantar o suco de maçã da geladeira com nada menos do que duas mãos e que nunca serei capaz de abrir um pote de nada para você? O

que aconteceria se eu te dissesse que uma vez havia uma aranha no meu chuveiro e eu joguei nela vários copos de água, até que ela lentamente se afogasse, e eu vivi com o complexo de culpa subsequente por anos, antes de me tornar vegetariano?

Vegetariano no mundo dos vampiros significa que você bebe todo o tipo de sangue, exceto humano. Francamente, acho que a analogia mais adequada é —Kosher‖8, e um método melhor seria um comitê de palavras para vampiros, similar a Acedemia Francesa, que se reunem sobre quem contatar a respeito disso. E

realmente não tenho tempo de descobrir. Estou muito ocupada com a escola e essas coisas.

- E se eu dissesse a você – Edwart continuou hipoteticamente e de modo não muito relevante – que você é a segunda garota que já segurou a minha mão, sendo que a primeira foi minha mãe? E então confessasse que gritaria na TV reativa minha hérnia? Você ainda iria querer sair comigo?

- Bem, Edwart. Em primeiro lugar, se essas coisas fossem verdade, nem mesmo estaríamos no mesmo carro juntos – eu disse. – Segundo, eu nunca poderia sair com um mentiroso que dissesse que não consegue levantar dez galões de suco de maçã. Francamente, acho sua capacidade sobre-humana para arremessar jarros de suco de maçã tão grandes quanto carros, a coisa mais atraente em você, Por favor, Edwart, - eu disse, olhando profundamente dentro de sua alma e vendo que nela havia muitos outros terríveis segredos de vampiro – sou a única pessoas em quem você pode confiar eternamente. Daqui pra frente, vamos er diretos um com o outro. Ele me olhou como se estivese a ponto de chorar, obviamente por causa da alegria de atirar para longe a terrível carga de seus segredos.

- O.k. – ele disse, finalmente. – Você me pegou. Sou a maior ameaça à sua segurança e, se namorarmos, não posso prometer que serei capaz de me impedir de… de… - sua voz falhou, envergonhada demais para pronunciar todas as coisas terríveis de que ele era capaz.

- De me transformar num saco vazio de pele? – sussurrei.

- Você é estranha, Belle – ele disse, com o conforto de alguém que conhece você tão bem que de vez em quando pode provocar com suas falhas, que, embora indesculpáveis, são, apesar de tudo, adoráveis – você é

linda. Mas assustadoramente, inconcebivelmente estranha.

- Eu sabia! – atirei meus braços em volta do ar em torno dele para que ele pudesse se aclimatar ao meu delicioso cheiro de sangue. Sabor de *grapefruit9.*

- Virei apanhar você amanhã às sete horas para nosso primeiro encontro do Elasticidade de Preços.

- Isso é um disfarce para que atividade perigosa? – perguntei, quando ele ia saindo. Ele coçou seu queixo sem barba em silenciosa contemplação.

- Você verá – disse ele, finalmente.

Corri para dentro de casa, confusa, mas excitada. Teriam os vampiros sua própria maneira de transmutar papel em dinheiro? Será que isso afetaria severamente a inflação? Não teriam as mudanças de preço efeito zero em Edwart, já que ele vinha economizando dinheiro por mais de centenas de anos?

Então, outra vez, a economia nestes dias.

- Ei, Belle – chamou meu pai quando me ouviu entrar. – Como foi sua noite?

Não respondi. Teria de explicar muito. Ele não fazia ideia de que existiam vampiros de verdade lá fora e que sua preocupação por mim nada mais era do que uma reação química em seu cérebro para assegurar a preservação de seus genes. Uma reação similar à que me fez achar os vampiros tão terrivelmente fofos.

8 *Comida “Kosher” é aquela que se encontra dentro dos padrões considerados correto para a religião judaica N.E*

9 *Toranja em português. Fruta asiática similar à laranja N.E*

Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações - http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057



The Harvard Lampoon - Opúsculo

6 - BOSQUES

NÃO CONSEGUI DORMIR NAQUELA NOITE. TINHA MEDO de que houvesse uma sanguessuga do lado de fora da minha janela. Tinha medo de que ela tivesse pronta para pular pela janela e então rastejar para dentro do quarto, usando seus sensores de hemoglobina para descobrir onde todo o meu sangue estava. O

problema em exalar um belo aroma de sangue é que todo mundo vai querer um pouco. Levantei e fechei a janela. Mas isso somente causou uma nova onda de temores, porque o aconteceria *se a sanguessuga já*

estivesse no quarto? O que aconteceria se Edwart estivesse mancomunado com ela, e a sanguessuga fosse meramente um pau-mandado dele, escondendo-se embaixo da minha cama ate que eu adormecesse? Uma coisa era Creta – eu não a impediria de fazer o seu trabalho. Esse não era o modo de fazer a minha parte pela economia. Escancarei a janela e voltei para a cama.

Fiquei me revirando durante alguns minutos. Por sorte, minha distraída mãe havia se lembrado de colocar a injeção de tranqüilizante que eu costumava usar nela quando ela estava de mau humor. Apliquei-a em mim e cai num sono profundo. Ela também havia colocado na mala nosso videocassete e o seu anel

de diamantes. Apesar do tranqüilizante, eu ainda estava nervosa na manhã seguinte. O que Edwart ia fazer comigo? Estaria me colocando em grave perigo? Por que uma sanguessuga sugando meu sangue me aborrecia, mas não um vampiro? Mais importante, como iria conciliar o fato de usar um vestido de baile e, ao mesmo tempo, parecer despreocupada com minha aparência? Terminei trocando o vestido do baile por uma camisa convencional, mas uma camisa convencional de menina. Você podia dizer isso pelos bolsos. Escutei uma batida na porta e inspirei profundamente. Como Edwart era gentil em bater, na porta e inspirei profundamente arrebentar a porta. Eu a abri cheia de expectativa.

Era o carteiro, sorrindo para mim com aquele típico sorriso de Switchblade.

- Oi – ele disse. – Tempo agradável, não?

Desvie-me sem jeito. Sentia-me confortável falando de um monte de coisas, mas não sobre o tempo. Eu não entendia muito da terminologia, pois havia perdido a aula na qual você aprende sobre as condições atmosféricas variáveis.

- Sim, o sol está brilhante hoje – conjecturei, hesitante.

- Bem, diga a seu pai que eu disse alô.

Foi quando finalmente compreendi. Ele estava apaixonado por mim. Estava tudo lá – a campainha, a posição da porta, a exibição de seus conhecimentos sobre o clima. Será que não havia outras meninas nesta cidade com quem dividir a responsabilidade de provocar paixões?

Apanhei a única carta que ele tinha para nós. Era da Companhia de Gás e Eletricidade de Switchblade. Não imaginava que tivesse admiradores por lá também, mas não fiquei tão surpresa. Atirei-a no cesto de lixo com as cartas de amor da receita Federal e fechei a porta sem responder.

Fui para a cozinha tomar um café da manha antes que Edwart chegasse. O café da manha é a refeição mais importante do dia, e este era o meu dia mais importante do ano. Tomaria dois cafés da manha em reconhecimento a isso.

Papai estava na cozinha, como sempre, com dificuldade em mexer nas gavetas. Ele nem conseguia colocar seu próprio cereal na tigela! Eu ficava imaginando como ele havia consegui viver sozinho antes de chegar.

- Aqui está uma *tigela*, pai – eu disse.

- Uma o quê?

- É como um prato, mas com lados – expliquei. Quando a tirei para fora do guarda-louças, acidentalmente arremessei-a na direção do ventilador de teto. Peguei outra tigela e dei para meu pai. Ele ficou para ela até eu derramar o cereal dentro.

- Aqui, pai. Aqui esta a colher. Coma seu cereal com a colher.

- Obrigado, Belle – ele disse com sinal de apreço. Ele era muito sem noção, mas pelo menos conseguia se alimentar sozinho, o que eu não podia dizer da minha mãe. Eu costumava fazer aquela coisa de olha o aviãozinho para alimentá-la, mas então um avião caiu perto de nossa casa e isso a assustou. Depois disso, passei a imitar carros voadores, o que grosseiramente o mesmo som, mas num registro mais baixo.

- E então, Belle, o que há de novo hoje?

- Pai – eu disse, agarrando suas mãos e olhando diretamente em seus olhos – Estou sentindo o mais profundo amor que já houve na historia do mundo.

- Meu Deus, Belle. Quando alguém te pergunta —o que há de novo?‖, a resposta correta é —nada demais‖. Alem disso, não é um pouco cedo demais para afastar-se do resto de seus colegas, dependendo de namorado para Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações - http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057



satisfazer suas necessidades sociais em vez de fazer amigos? E imagine o que aconteceria se alguma coisa forçasse o garoto a partir! Estou imaginando páginas e páginas do que aconteceria, com nada alem de nomes de meses sobre elas.

- Se Edwart algum dia se fosse, encontraria outro monstro para sair comigo. Você sabe que não gosto de pessoas reais. Não tenho habilidades sociais – eu disse. – Puxei de certo modo – sorri generosamente. Eu não era geralmente assim emocional com ele, e em senti bem.

Minha mente saltou para minha preocupação principal. Precisava que ele saísse de casa – pais são muito prejudiciais quando namorados aparecem. Tive muitas experiências com isso antes em Phoenix, onde minha mãe sai de casa sempre que um menino aparecia, *forçando-me* a encontrar uma maneira de entretê-lo quando era ela quem o tinha convidado em primeiro lugar.

- Ei, pai – eu disse. – Por que não vai pescar?

- Sim, acho que devo ir pescar hoje. Ou não era hoje? Eu achava que era hoje. Eu esqueço!

- Era hoje – afirmei, milirta-estrategicamente. – Por que você não experimenta o lugar de pescaria mais distante? Dessa maneira, chegaria em casa mais tarde.

- Parece-me uma idéia muito boa! – disse ele. – talvez eu leve aquele amigo de cadeira de rodas comigo. Gosto de pescar o dia todo quando você esta em casa – ele disse ao sair. – não estou acostumado a dividir uma casa com outra pessoa. É exaustivo!

Então era isso. Jim estava fora de casa e não se importava que eu tivesse planejado ver Edwart. Ninguém mais poderia saber que estávamos indo a um encontro, no entanto eu precisava proteger Edwart em caso de algo acontecer. Além disso, nunca tinha saído com um cara fogoso assim antes, então enviei um email vago para toda a classe dizendo ―Edwart Mullen e Belle Goose estão totalmente juntos‖. De repente, escutei uma batida na porta. Espiei através do buraquinho, que como minha mãe e eu chamávamos o olho mágico porque a palavra ―olho‖ provoca nela um ataque de riso.

Era Edwart.

- Só um segundo! – gritei, agarrando umas revistas e correndo para o banheiro. – Tenho algumas coisas humanas pra fazer – disse.

O banheiro era onde eu guardava o espremedor de suco. Espremi alguns *grapefruits* em cima de minhas veias para obter meu odor característico extra-

apetitoso de sangue.

- Belle – ele disse, quando finalmente abri a porta da frente.

- Edwart – repliquei, demonstrando que eu, também, tinha passado uma hora em meu quarto, memorizando seu nome.

De repente, ele começou a rir. Teria eu dito alguma coisa engraçada? Ou ele? Quanto tempo eu estive atordoada, lentamente tomando consciência de que me mataria só por causa de uma risada. *Mal sabiam eles que eu estava organizando uma rebelião.*

- Estamos usando as mesmas roupas – ele disse. E era verdade. Ele também estava vestindo uma camisa branca convencional. De fato, uma camisa convencional de mulher. Ele também estava usando um clipe de cabelo que parecia um pouco feminino. Ri também, e então parei quando vi que ele parecia melhor que eu, e então voltei a rir porque tudo o que eu queria era que ele fosse feliz.

- Vamos, Belle. Existe uma coisa que quero te mostrar.

- Aonde estamos indo?

- A um lugar *arriscado.*

- Itália? – perguntei, com base em fundamentos. Apensar dos Italianos serem conhecidos por sua pele bronzeada e sua cozinha carregada de alho, eu sabia, graças ás minhas pesquisas, que a família mais poderosa de vampiros havia decidido viver lá pra sempre.

- Você verá – disse ele, misteriosamente. – Ah, Belle, acho que seria melhor você trocar seus sapatos por uns mais resistentes.

Olhei para os meus pés. Mais resistentes que minhas galochas especiais á prova de fogo? Acho que tinha um par de botas de caminhada.

- Você nunca sabe o que estará á espreita a quilômetros e quilômetros de planalto cheio de mato...-ele acrescentou, soltando outra pista-chave. – Você também vai precisar de um tanque de oxigênio, uma tenda, rações para uma tarde e seu próprio *sherpa10.*

10 *Membro do povo tibetano na região do Himalaia; carregador em expedições nas montanhas N.T*

Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações - http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057



31

The Harvard Lampoon - Opúsculo

Vamos escalar a montanha do morto.

Estremeci. Cada parte do meu corpo me dizia para não embarcar nessa aventura – cada parte menos meu coração, que realmente precisava de exercício.

- Mas Edwart, não tenho nenhuma dessas coisas.

- Nem eu Belle – ele de um passo adiante e inspirei seu perfume almiscarado, ensopado de Axé. – Sem oxigênio não serei um problema só para mim lá em cima. Serei uma responsabilidade para *você.* Ele fez uma pausa. Arregalei os olhos de medo, uma boa maneira de encobrir um terrível silêncio que você

não sabe como preencher.

- Vê como é arriscado? – ele continuou. – Levar você lá para cima sem tomar nenhuma precaução de segurança, como minha medicação contra ansiedade? Você, responsável por minhas ações pelo resto da tarde?

– ele cambaleou, embriagado.

Concordei com determinação.

- Meu bem-estar emocional depende demais de você para eu ficar longe.

- Graças a Deus – ele disse. – Eu preferia, no entanto, que você tivesse me dito

isso antes de jogar meus remédios na privada. Eu realmente desejava que você tivesse me dito isso antes – ele me atirou uma pequena rede. – se a qualquer momento, enquanto estivermos subindo, eu me arrastar para dentro da vegetação ou para outro espaço misterioso, simplesmente pendure a rede em seu ombro e me balance por um tempo. Coloquei-a em minha bolsa e destranquei meu caminhão. Dei um passo para abrir a porta e imediatamente caí. *Tão* Belle.

- Você parece exausta – disse Edwart, enquanto entravamos no carro.

- É, não consegui dormir tão bem a noite passada.

- Nem eu – disse ele, enquanto saíamos apressadamente.

- Sim, aquelas sanguessugas noturnas estão se tornando uma preocupação grande, não estão?

- Oh, Belle – ele riu suavemente. – Quando você fala assim, fico com medo e, se continuar a fazer isso, serei obrigado a notificar as autoridades – sua risada era como o canto de milhares de sereias másculas. Encostei o carro no estacionamento no fim do nosso quarteirão.

- Aqui estamos – anunciei. – O início da trilha do Morto.

Saltei do carro, inflei minha bola para exercícios de estabilidade do tronco e comecei meus alongamentos.

- Seu pai se importaria se fossemos por essa trilha? – Edwart perguntou. – Nesta estrada?

- O que Jim não sabe não o afeta – joguei meu estomago sobre a bola e fiz o alongamento em que você a deixa ir aonde ela quer.

- Você não diz a seu pai onde vai estar? Nossa, Belle! Não sei se posso assumir esse risco! – ele começou a ficar ofegante e seu nariz esguichou sangue. – Ótimo. E agora, isto – disse ele, segurando o nariz, com uma voz anasalada como a de Alvin, o Esquilo.

Eu o coloquei sobre a bola e apoiei sua cabeça contar ela.

- O que aconteceria se você não chegasse em casa antes do jantar? – ele

continuou a dizer durante. – O que acontecera se Jim não fizer um prato extra pra você porque pensa que você já comeu? *Então*, onde de você

estaria?

- Ele sabe que estou você.

- Isso será de pouca utilidade quando estivermos abandonados na estrada. Para sempre. É uma boa coisa meus pais terem inserido um chip no meu braço que lhes diz onde estou e lista as maneiras possíveis de como eu poderia me perder.

- Sinto muito – eu disse, mas não sentia de fato. Quando caras rangem os dentes e franzem as sobrancelhas numa expressão preocupada, furiosa, isso significa que encontraram sua alma gêmea. Além disso, sua raiva tinha posto suas glândulas sudoríparas hiperativas para funcionar, fazendo-o rasgar sua camisa. Quando ele se levantou para caminhar pela estrada, agachando-se aqui e ali para examinar o terreno, a musculatura de seus braços vibrava como bastões de queijo provolone.

No céu, havia uma única nuvem, pequena como um disco, cobrindo precisamente o sol. Olhei detidamente para Edwart. Ocorreu-me que nunca o tinha visto á luz direta do sol. E, bem interessante, eu nunca o tinha visto brilhar. Poderiam as duas coisas estar relacionadas?Eu tinha teoria de que a luz do sol alterava drasticamente a aparência de um vampiro; assim como a luz verde os fazia parecer doentes.

- Estou pronta, quando você estiver – eu disse, minha pele descascando no calor (mas, significativamente, não luminoso) quente. Edwart voltou-se e eu gritei. Novamente, ele estava vestindo o mesmo que eu: uma blusinha branca, justa. Como não tinha percebido isso quando ele chegou? Algumas vezes, o manto que minha imaginação constantemente projeta sobre suas costas distorce o modo como percebo a realidade. Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações - http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057



Entretanto, Edwart tinha feito alguns melhoramentos. Ele havia cortado a camisa pelo meio e aplicado um zíper, que ele agora abria ate seu umbigo. Sua carne nua brilhava translúcida, revelando as veias azuis sobre seu peito com dois pelos. A camisa ajustava-se perfeitamente á sua barriga côncava, destacando todas as costelas protuberantes, não deixando nada para a imaginação. Seu pescoço irradiava como um deus por cauda de todos os diamantes falsos que ele tinha colado no decote do seu top. Baixei os olhos para minha camisa simples sem zíper. Estava começando a me cansar do método competitivo de cortejar de Edwart. *Vamos ver quem vence na corrida de sacos de batata, pensei maliciosamente. Venho praticando há anos.*

- Vamos, ele disse – começamos a subir a estrada para a montanha do Morto. A estrada fazia curvas em torno de bosques em aclive. Nos bosques, vimos alguns besouros e vermes. Menciono isso porque, agora que os mamíferos fizeram fugir o pouco que a natureza cria perto da civilização, temos de nos animar com as coisas pequenas.

Edwart continuava consultando seu mapa para que não nos perdêssemos. Quando nos perdemos de fato, ele teve a clareza mental de pegar sua tenda para que pudéssemos acampar pela noite. Então, tirei meus binóculos e encontrei o topo da colina, 20 metros a nossa esquerda. Seguimos adiante ate a estrada chegar a uma parada abrupta no meio de um campo. Um carro vinha subindo, parou e fez meia-volta. Saltei para o meio do campo e continuei saltando e saltando por ali. Nunca tinha me sentido tão livre. Nunca tinha cantado o tema de *A Noviça Rebelde* em voz alta. Era belo. Havia maravilhosas ervas daninha em toda parte, além daquelas flores amarelas que, quando assim, parecia estranhamente familiar.

- É o meu quintal? – perguntei.

Edwart estava de pé, recostado contra uma arvore dos bosques que bordejavam o prado.

- Não, Belle. Estamos pelo menos a cinco minutos de sua casa.

- Oh – repliquei. Eu era muito ruim em estimativa. Isso era uma coisa estranha, mas tudo parecia tão familiar que eu adivinhei que milhões de garotas no mundo todo poderiam se identificar com isso. De repente envergonhada, olhei para

Edwart, que estava na sombra, observando-me prostrada em reverencia aos oitos espíritos do vento.

- Não havia uma coisa que você queria me mostrar? – lembrei-o. Algo sobre o *Elasticidade de Preços? –*

perguntei, sua deslumbrante transformação á luz do sol.

- Oh! Certo. Feche os olhos e conte até cem.

Fechei os olhos e contei extravagarosamente, —um mississippi, dois mississippis, três mississippis...‖. Então, distraí-me e comecei a pensar sobre o mississippi. Haveria vampiros no mississippi? Chovia lá? Por um breve segundo, esqueci que numero vinha depois de 79.

Depois de ter contado até cem por dez vezes seguidas, começando de novo todas as vezes em que Edwart gritava —ainda não‖, abri os olhos e fiz uma aba com a mão para protegê-los de sol, que agora estava bastante exposto no céu claro. O que vi me desnorteou. Edwart estava de pé no meio do campo, todo iluminado. Sua pele tinha se transformado num tom de vermelho caro de bombeiros, e o suor pingando de cada poro intensificava a ilusão de sua cabeça fosse um tomate brilhante.

Em sua mão havia uma pá, e a seus pés, um buraco.

- Isso é o quero te mostrar – ele disse.

- Já estou familiarizada com Besouros – eu disse, habilidosamente atirando um para dentro da boca.

- Ouça, Belle. Esse é um segredo que só posso confiar a você – ele inclinou-se para o buraco e arrancou de lá

um andróide de formato humano. – Ainda está com medo?

- Não. É belo – dei um passo adiante para tocar seu braço, Edwart ficou rígido.

- Desculpe – ele disse. – Não estava preparado para o seu movimento. Quando se está ás voltas com andróides o dia todo, você se acostuma a controlar quando e como as pessoas se movem. Toda essa coisa de interação humana, bem... leva

um tempo pra você se adaptar.

- Esta tudo bem – então eu era o único humano com qual Edwart tinha contato. Caminhei na direção daquilo mais vagarosamente, tentando fazer justiça humanitária. – O que é isso, exatamente?

- É um andróide movido a energia solar anatomicamente correto. Eu o mantenho neste prado ensolarado e isolado para que possa se carregar tranquilamente sem temer que aqueles rivais da Competição Anual de Robótica o seqüestrem. Depois, eu o desligo e o enterro por precaução.

- O que ele faz?

- Permita-me demonstrar – ele ligou o robô, e os seus olhos brilharam com uma luz vermelha. Ele ergueu-se devagar cada junta entrando em seu devido lugar. Quando alcançou sua altura total, sua cabeça voltou-se na minha direção. Então, ele caiu para trás no chão, como um suflê arruinado, antes de começar a se levantar de novo, outra vez e outra vez?

Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações -
http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057



- É. Veja sua luta. Olhe quantos músculos sintáticos ele tem que usar. O corpo humano é uma coisa extraordinária – ele tocou minha mão. – Sinta quão suave fiz sua pele. Quando ele puxou minha mão, inclinei-me, hipnotizada pela face de Edwart. Meus lábios foram ataridos para mais perto de sua boca cheia de aparelhos dentais.

- Ahhhhh!

Edwart estava rolando no chão, os braços esticados como um rolo de abrir massa. Minhas ações rápidas o tinham apanhado de surpresa outra vez.

- É minha culpa – ele uivou, ainda rolando. – Não posso beijá-la ate que estejamos saindo oficialmente. É

parte das —Regras‖ – ele parou de rolar e sentou-se, sua respiração agitada quando se levantou – Isabelle. Isa. Izzy. Belly11 - Belle. Você vai sair comigo? Não quero dizer fisicamente, podemos permanecer dentro de casa e trabalhar no website que promove este robô o quanto você quiser. Quero dizer hipoteticamente. Quer dizer, se você fosse sair para algum lugar com alguém, esse alguém seria eu. E o lugar seria uma casa de fliperama. Olhei dentro dos olhos dele e vi a coisa que ele não conseguia dizer: —Todos os momentos em que olho pra você preciso de toda minha disciplina para não tomá-la em meus braços e beber da fonte do seu pescoço.‖

- Não estou com medo de você, Isa-Edwart – eu disse, falando seu nome completo tão suavemente quanto ele havia dito o meu.

- Verdade? Você ainda não está com medo de mim? Eu te asseguro, sou um cara incrivelmente assustador!

- Ele ficou ali de pé por um minuto, pensando, e então saiu correndo pelo campo.

- Como se você pudesse correr mais do que eu! – ele gritou.

- Como se você pudesse lutar mais do que eu! – ele esmurrou o ar.

- Como se você pudesse subir mais alto do que eu! – ele abraçou-se a uma arvore e tentou envolve-la com as pernas, antes de cair no chão e trotar de volta para mim, colocando suas mãos na cabeça para maximizar o fluxo de Oxigênio.

- *Agora* está com medo? *Agora* vai sair comigo?

Isso me pegou de surpresa. Pedir permissão era algo que somente cavaleiros de séculos passados faziam. Então lembrei-me de quão velho Edwart realmente era – que há centenas de anos ele conviveu com Napoleão e Jesus.

- Sim, Edwart. Sim – eu estava tão atraída por ele que poderia ter feito xixi nas calças, mas já algum tempo eu não fazia mais isso. Eu era mais velha agora e dominava meus sentimentos em momentos como este abrindo e fechando meus punhos bem rápido.

- Ótimo! – ele disse, e então olhou fixamente para mim. Olhei de volta para ele. Deitei-me sobre a relva. Ele deitou-se ao meu lado. Imprimimos nossas formas sobre a grama em movimentos sincronizados. O tempo voou como se fosse um sonho.

- Belle – ele disse. – É hora de ir.

- Já?

- Passaram-se cinco horas. Ficamos deitados na grama olhando um para o outro durante cinco horas. Por favor... preciso mesmo ir para casa.

Concordei sonolenta.

- Você acha que poderia me carregar nas costas até o carro com sua superforça? Nem todo mundo pode correr através de uma floresta densa a mais de 160 km/h, você sabe.

- Mais de 160 km/h? caramba – ele murmurou, mas respirou fundo – O.k. Belle. Mais de 160 km/h, aqui vamos nós – ele tirou um saco de dormir de dentro da sua mochila de acampamento.

- Feche os olhos e ponha seus braços em torno do meu pescoço.

Fiz o que ele pediu. A principio, senti que nós estávamos abaixando até o chão, rapidamente. Então, tive a sensação confortante de maciez embaixo das panturrilhas. Edwart remexeu o traseiro e lá fomos nós, acelerando colina abaixo.

Quando me senti segura o suficiente para abrir os olhos, meu caminhão estava á nossa frente. Edwart estava de pé, tirando o pó de cima da sua roupa. O sol havia se posto, mas imaginei ter percebido um fraco reflexo de vermelho ardente assombrando a pele dele.

- Leve-me até o carro, por favor. O motor zumbiu gentilmente, harmonizando-se com o súbito ataque de roncos de Edwart. Olhei para o doce vampiro, a baba escorrendo de sua boca aberta pelas suas bochechas. De repente, ocorreu-me que, depois de toda aquela dança saltitante nos prados, ele não tinha me beijado. Teria sido por causa do fungo crescendo em minhas cavidades nasais? Ou pelo fato de que a única maneira de tratar

11 *Barriga em Inglês*

Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações - http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057



34

The Harvard Lampoon - Opúsculo

o fungo fosse derramar gordura fervendo no meu nariz, massacrando suas colônias? Ou ele estava aborrecido porque, profundamente em meu coração, eu considerava o fungo parte de mim?

Não. Ele não poderia saber disso. O fungo no nariz era um segredo que eu carregaria comigo até a cova. *A cova!* Não havia escapatória. Um dia, eu morreria numa bela explosão, mas Edwart continuaria vivendo. Talvez fosse por isso que ele não tinha me beijado. Talvez não pudesse suportar estar ligado a uma pessoa tragicamente destinada a se transformar num milhão de partículas brilhantes. Olhei para seu corpo pequeno curvado no assento de passageiros. Dentro de um ano, eu completaria dezoito, mas Edwart ainda teria dezessete. Ele ainda teria a estrutura física de um menino de doze anos, mas eu teria pelancas, gordura pós-parto e reumatismo.

Não podia culpá-lo por não querer me beijar. Quem iria querer beijar um par de lábios que, a qualquer momento, poderiam se transformar num velho e enrugado monte de pó?

A menos que eu, também, tornasse-me uma vampira! Nada afastaria os lábios de Edwart dos meus se fossemos *ambos* imortais. Tudo o que Edwart tinha de fazer era me morder e ele nunca mais teria de se preocupar sobre as belas memórias que eu perderia para o Alzheimer na época da faculdade. Sobre três coisas eu estava absolutamente certa. Primeira, Edwart talvez fosse, muito provavelmente, minha alma gêmea. Segunda, existia uma parte do vampiro dentro dele – que eu presumia que estivesse completamente fora de seu controle – que queria me ver

morta. E terceira, eu incondicionalmente, irrevogavelmente, impenetravelmente, heterogeneticamente e ginecologicamente desejava que ele tivesse me beijado.

Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações -
http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057



7 - OS MULLEN

A ALVORADA COR DE CASCA DE OVO ME DESPERTOU com sua suavidade. Minha perna direita estava em minha axila esquerda e o Drácula de pelúcia, enfiado debaixo do meu braço de modo reconfortante. Ah, o começo de um outro capítulo.

Meio grogue, sentei-me e involuntariamente deixei escapar um grito assustador. Havia um vampiro no meu quarto! E ele estava gritando também.

— O que é isso no seu rosto? — Edwart gritou.

— O quê? O quê? — coloquei os dedos na minha bochecha e senti algo pegajoso. — Oh, é apenas minha máscara hidratante noturna. A máscara me fazia parecer uma guerreira, lutando corajosamente contra a secura facial.

Eu podia ver pela expressão de Edwart que ele estava tentando compreender. Então, para que eu não ficasse constrangida, ele se abaixou, pegou um pouco de lama da sola do seu tenis e a espalhou pelo seu rosto. Ele sorriu para mim. Tão doce, pensei. Ele uivou furiosamente e rangeu seus dentes, raivoso, enquanto limpava a lama de seus olhos. Tão romântico, pensei.

— Como você entrou aqui? — perguntei quando ele se controlou.

— Eu disse a seu pai que tínhamos que trabalhar num projeto de Ciências — ele disse.

— Agora? De manhã?

— É uma da tarde, Belle.

Lembrei-me de que na noite passada eu tinha dormido com a cabeça no chão e as pernas sobre a cama, em preparação para minha inevitável vida como morcego. Por volta das cinco da manhã, eu havia me levantado e dormido numa posição mais adequada à minha segunda opção de carreira: instrutora de Ioga Vampira. Olhei para ele cheia de suspeitas, através da minha lupa.

— Você tem vindo aqui em segredo, noite após noite, para me ver dormindo?

— Não! Não! Claro que não! Isso seria muito estranho! Estou aqui somente há alguns minutos. Então, ele acrescentou baixinho:

— Você fica linda quando dorme.

Corei. Minha máscara hidratante vinha acompanhada de belos adesivos, que eu tinha colado artisticamente no meu rosto.

— Obrigada. Eu... fiz ou disse alguma coisa? — perguntei. Eu costumava morder enquanto dormia, o que era um problema nos acampamentos de verão e provavelmente o motivo pelo qual eu gostava de Edwart. Eu também costumava falar durante o sono. Esperava não ter revelado nada constrangedor, como o fato de que caio algumas vezes.

— Você disse meu nome — ele disse, com um pequeno sorriso.

— Sério?

— É. Bom, foi isso ou Edwin, mas por que você diria —Edwin‖? — ele riu. De repente, lembrei do sonho da última noite. Era sobre uma pessoa com quem eu queria ter jantado, vivido ou morrido: o ministro da guerra do governo Lincoln, Edwin Stanton.

— Sim... estranho! — eu disse, sentindo-me culpada enquanto levantava da cama e ia olhar no espelho sobre a escrivaninha. Meu cabelo parecia uma maçaroca embaraçada e armada. Decidi deixá-lo solto. Um retro muito chique dos anos 80.

— Então, o que vamos fazer hoje, Edwart?

— Depois do trabalho de Ciências, você quer dizer?

— Mas eu achei que você tinha dito isso para driblar o meu pai, que provavelmente ia querer checar o seu histórico para saber se você é bom o suficiente para namorar comigo.

— Oh, ele já me checou — Edwart disse com um arrepio. — Primeiro, ele me lavou verticalmente com um lado do seu esfregão. Depois, ele me secou horizontalmente com o outro lado. Ele deu de ombros e continuou.

— Eu faria o mesmo por minha filha. De qualquer maneira, você está certa, não existe nenhum projeto de Ciências — ele disse. — Mas alguma vez você já fez seu próprio vulcão? Você ergue um monte de terra com um buraco no meio e então mistura corante alimentício vermelho, vinagre e bicarbonato de sódio, derrama tudo no buraco e ele explode de verdade. É muito impressionante.

Fizemos dois vulcões, para que pudéssemos competir um com o outro. Edwart continuava gritando —Oh, meu Deus, que legal, que legal!‖, mesmo quando já estávamos varrendo a terra. Depois que terminamos de limpar Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações - http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057



a cozinha, Edwart sentou-se na cadeira de Jim. Era estranho vê-lo sentado onde Jim havia sentado há poucas horas e onde séculos atrás os lobisomens americanos nativos tinham vivido.

— Então, minha mãe quer realmente conhecer você — Edwart disse. — Nós nos referimos a você como

—Bellinda‖. Minha mãe e eu temos toneladas de piadinhas internas como essa.

— Eu adoraria! Mas... será que ela vai gostar de mim? — perguntei só por perguntar, porque os pais geralmente gostam de mim.

— É claro! — ele disse. — Ela só quer me ver feliz. Não se importaria mesmo que você estivesse em coma ou fosse seriamente deformada.

Pensei em minha tendência a dormir demais e em minha perna direita, ligeiramente mais comprida do que a esquerda. Então, Edwart tinha percebido minhas imperfeições.

— Sim, bem, quanto à minha perna direita, ame-a ou deixe-a — eu disse nervosamente. Muitos caras na escola gostam de mim.

Olhei para baixo, para minha perna incomum. Poderia dizer, pelo modo como ele estava silencioso e esfregava a cabeça, que tinha aceitado a mim e à minha perna exatamente corno éramos.

— Você quer ir agora? — ele perguntou, depois de alguns minutos de contemplação silenciosa, provavelmente pensando em quanta sorte tinha por estar namorando um ser humano normal. Imaginei que, se o que Edwart havia dito sobre seus pais fosse verdade, eles não se importariam por eu ainda estar usando meu macacão pijama.

Edwart gostava de dirigir meu caminhão-baú. Acho que era porque havia bastante espaço para a grande mochila em forma de rolo que ele levava consigo por toda parte. Fomos em direção ao fim da minha rua, passando pela Baterias Última Chance, pela Vídeos sem Retorno e pela livraria Este É Absolutamente o Fim. Edwart entrou na via expressa e passou por várias saídas. Comecei a ficar impaciente. Estava já quase perguntando se ele gostava de mim por mim mesma ou pelos cortes nos meus dedos quando Edwart fez a volta com o caminhão.

— É um carro muito divertido! — ele exclamou, buzinando para os motoristas perto de nós. De repente, um grande caminhão da Safeway12 apareceu na pista ao lado e buzinou em resposta.

— Ui — Edwart disse. — Ele é grande demais para nós — Edwart pisou no acelerador e zarpamos de volta a Switchblade.

— Isso foi perigoso, certo? — Edwart perguntou-me nervosamente. — Sou perigoso, certo?

— É claro, Edwart — eu disse, pensando menos em seu jeito de dirigir do que em seus dentes rasgando minha pele.

Alguns minutos depois, entramos no estacionamento de uma casa a uns dois quarteirões da minha, mas que ficava no lado da cidade em que moravam os vampiros bem de vida.

— Bem, aqui estamos Edwart disse, saltando do caminhão e batendo a porta do seu lado. — Você e eu — ele disse, pressionando o rosto contra a carroceria do caminhão, na altura do tornozelo do lenhador. —

Ganharemos deles todas as vezes.

Assim que entramos, a família de Edwart correu para me saudar. Parecia que havia umas trinta pessoas à

minha volta, tagarelando ao mesmo tempo.

— Oh, meu Deus, como você cheira bem.

— Cheiro bom, cheiro bom.

— (Ela realmente cheira bem.)

— Você se importaria se eu encostasse meu nariz em você? No seu braço?

— Mais fedorento, mais fedorento, por favor.

— Se eu pudesse destruir o meu cérebro inteiro, exceto a parte que cheirou o seu perfume eu o faria. Faria isso num segundo.

— Vamos, Belle — Edwart sussurrou, agarrando minha mão. Abrimos caminho entre os vampiros famintos e saímos pela porta da frente.

— Então, foi tudo bem! — eu disse, já no caminhão-baú. Cheirei meu cabelo. Cheirava bem mesmo.

— Não, não, esta não é a minha casa — Edwart disse, dando partida no caminhão. — Nem sei quem eram aquelas pessoas! Algumas vezes me confundo com endereços.

Fomos até uma mansão maior. Enquanto eu caminhava em direção à varanda, percebi que a casa não era habilmente camuflada pelos bosques atrás dela, como eu tinha pensado — era toda feita de vidro. Olhei em

12 *Nome de uma grande rede de supermercados norte-americana N.T*

Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações -
http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057



volta chocada. O caminho era de vidro, a caixa de correspondência era de vidro e até o capacho era de vidro. Decidi não limpar os pés.

— Nossa casa é transparente. Não temos segredos — Edwart explicou.

— Qualquer um pode olhar lá dentro a qualquer hora e ver o que estamos fazendo. Imaginei a família de Edwart sentada na sala, bebendo coquetéis de sangue.

— Seus vizinhos dizem alguma coisa? — perguntei.

— Bem, eles mantêm suas persianas abaixadas. Dizem que isso é indecente. Mas meu pai é um cirurgião plástico tão bom que ninguém se importa realmente.

O pai de Edwart, Dr. Claudius Mullen, abriu a porta quando tocamos a campainha. Claudius era muito respeitado em Switchblade por causa dos lábios de Angelina Jolie. As pessoas dizem que ele operou sozinho durante horas e horas. Tenho de admitir que o resultado havia sido assombroso. Eva Mullen, a mãe de Edwart, veio correndo atrás de mim.

— Edwart, meu querido! — ela gritou.

— Mãe, quero que conheça a Belle.

— Oh, você é adorável! Muito mais do que eu pensava. Edwart é muito estranho, você sabe.

—Confie em mim‖, pensei. —Eu sei‖.

— Você se parece com uma estrela de cinema dos anos 20! — falei sem pensar. Os filmes de terror antigos eram os meus favoritos.

— Obrigado, Belle — Dr. Mullen disse. — É meu trabalho. Os olhos, é claro, são dela. O coração é um transplante.

Então é por isso que vampiros são tão belos. E cruéis.

— Prazer em conhecê-los — eu disse, imaginando como todos eles ficariam bem em nosso álbum de casamento. Por um minuto fiquei preocupada com a foto das famílias reunidas, mas então pensei que isso não seria um problema; eu pediria a Jim para ser o fotógrafo.

— E este não é todo o trabalho que fiz nesta família — continuou o Dr. Mullen — Você já viu a testa elegante de Edwart?

— Papai! — Edwart choramingou.

Os Mullen ficaram silenciosos.

De repente, fiquei sem graça, como se não soubesse o que fazer com meus polegares. Então, peguei meu celular e mandei por mensagem de texto a palavra —Jantar?‖ para Lucy. Imaginei se ela tinha meu número ou se o conjunto aleatório de dígitos em que eu pensei era o número dela. Quando levantei os olhos, Eva e Claudius estavam mandando mensagens de texto também. Olhei à minha volta na sala, procurando algo para elogiar quando chegasse o momento de falar outra vez. Eu já ia fazer um comentário sobre uma bela tomada elétrica no canto da sala quando percebi o grande piano.

— Que belo piano — eu disse, imaginando como ele ficaria bem em nossas fotos de casamento, desde que Jim não estivesse espreitando por trás dele. — Você toca?

— Oh, não — Eva Mullen respondeu. — Mas Edwart toca.

— Um pouco — Edwart falou, timidamente.

— Vamos, toque! — Eva incentivou. Ela apanhou o triângulo de cima do piano e

estendeu-o a Edwart. Ele começou a tocá-lo. Soava como o barulho de uma construção bem cedo pela manhã.

— Opa. Errei. Deixe-me começar outra vez — ele disse.

Então ele recomeçou a bater no triângulo.

— Espere. Uh. Não tenho praticado muito. Deixe-me começar outra vez.

Edwart continuava a bater no triângulo. Eva cerrou os olhos e ergueu os braços, balançando-se ao ritmo da música. Edwart ergueu o triângulo bem alto no que pareceu um gran finale, mas então o baixou com força, batendo no topo do piano. Ele continuou batendo no piano colocando toda a força de seu corpo magro em cada impacto. O piano tremia. A sala vibrava.

Quando ele terminou, sutilmente removi as mãos dos ouvidos.

— Escrevi isso para você — Edwart murmurou, atraindo-me para mais perto. Chamei-a —Canção de Ninar para Belle‖.

— Eu a escutarei todas as noites! — eu disse. Com o volume mais baixo seria adorável. Essa era a terceira canção de ninar escrita para mim, contando com a de Carter Burwell13 .

13 *Renomado compositor de trilhas sonoras N.E*

Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações - http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057



38

The Harvard Lampoon - Opúsculo

Depois do jantar, Edwart levou-me para cima para conhecer seu quarto. No topo da escada havia uma gigantesca cruz de madeira.

— Irônico, não é? — Edwart falou.

— Por quê? — perguntei com medo, imaginando que, a qualquer segundo, Edwart se transformaria em pó, que eu então espanaria e dispersaria sobre meus móveis para que ele estivesse sempre comigo.

— Porque somos judeus, não praticantes, é claro.

Três das quatro paredes (a quarta era de vidro) do quarto de Edwart estavam cobertas de CDs. Fileiras e fileiras de CDs, e eu não reconheci nenhum.

— Oh! — exclamei, pensando ter visto um que conhecia. — Não, não, não é esse. Continuei caminhando.

— Oh, aqui está... não.

Voltei-me para a próxima parede.

— Espere! Não...

Imaginei que eu deveria ler algumas etiquetas, em vez de só olhar para a arte da capa. Foi quando percebi que todos os CDs eram gravações da música de Edwart.

— Eva canta nos meus CDs — ele disse com um sorriso. — Vamos escutar? Vamos, podemos dançar.

— Não! — gritei. — NÃO dançarei.

Edwart olhou-me assustado. Provavelmente porque na última vez em que dancei provoquei um incêndio na lanchonete. Logo toda a cidade tinha explodido em tumultos — poucos podiam lidar com a ilusão radical dos meus pés moonwalkers. Quase acreditavam que eu era uma feiticeira.

— Não ainda, pelo menos — acrescentei. Minha hora logo chegaria. A revolução podia esperar.

— O.k. vamos para o consultório do meu pai. Contarei a você a história de como ele se tornou cirurgião plástico. Envolve criaturas horrivelmente deformadas.

Edwart mostrou fotos de —antes‖ e —depois‖ dos pacientes do Dr. Mullen. Presumi que as fotografias do

—antes‖ tinham sido tiradas antes que ele os tivesse mordido, e que as do —depois‖ eram fotos de vampiros. Os vampiros tinham aqueles narizes retos, peitos perfeitos e faces sem expressão. E eram todos ricos!

— Então, como se marca uma consulta com o Dr. Mullen?

— Por quê? Você é bonita, Belle.

— Sim, sim — eu insisti, rapidamente. Era como se Edwart não quisesse que eu atravessasse a dor da transformação dental. Era absurdo; quando meu dente do siso nasceu, ele nem doeu afinal!

— Não — ele disse com severidade. — Você não deve vê-lo.

Pela expressão séria de Edwart, eu podia adivinhar o que ele estava pensando: ele deveria fazê-lo sozinho e, mais especificamente, deveria mastigar chicletes quando fosse me morder se ele estivesse com mau hálito. Provavelmente estava imaginando se deveria cuspir os chicletes antes ou mantê-los na boca, deixando-os sob a língua para que eu não percebesse. Provavelmente estaria imaginando se hortelã e sangue juntos tinham um gosto bom.

— Chega! Chega! — eu disse, para interromper seus pensamentos hipotéticos. —Vamos simplesmente voltar para minha casa, certo? Talvez fosse mais fácil para ele me morder num ambiente diferente. Na cozinha, por exemplo. Com o cheiro aromático de carne de esquilo assando no micro-ondas e a trilha sonora que induzia à

fome do atrito dos talheres.

— Certo. Posso deixar você um pouco antes da sua casa? Prefiro não me encontrar com seu pai de novo. Não pensei em nenhum assunto novo para conversar com ele. Não ficaria tão natural, a menos que eu gravasse a mim mesmo em videotape antes para treinar.

Gelei. Jim. Eu tinha me esquecido daquela complicação. Meu pai nunca deixaria Edwart me morder, a menos que planejasse dividir meu sangue com Claudius e Eva, Jim tinha um conjunto rígido de padrões éticos. Edwart teria de me morder antes que eu fosse para casa.

— Que tal voltarmos caminhando? Através do cemitério? — uma coisa que minha mãe havia me ensinado é

que era difícil recusar solicitações feitas em itálico. Era assim que ela me persuadia a comprar cereal com as cores do arco-íris, semana após semana.

— O.k. — ele disse.

— Espere, antes de irmos... simplesmente morda isto. Para praticar.

Estendi meus braços pálidos e brancos para ele, minhas mãos em concha, segurando gentilmente uma brilhante maçã vermelha que eu tinha surrupiado de cozinha falsa lá embaixo. Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações - http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057



A mão de Edwart estava firme quando ele tocou na fruta tentadora. Quando sua boca se abriu, vi seus dentes iridescentes brilharem. Vagarosamente, ele levou a fruta aos lábios abertos, gotas de saliva formando-se nos cantos de sua boca. Ele cerrou os olhos. Abri meu coração.

— Ei! — ele então exclamou, olhando para a fruta ainda intacta e para minha cabeça ainda não perfurada que descansava no topo do meu pescoço não perfurado.

— É de plástico! — eu ri, agarrando-a de volta. Estava quase chorando de tanto rir pela piada hilariante arquitetada pelo meu senso de humor superior.

Edwart colocou a maçã de volta numa cesta de frutas artificiais, perto de um vaso de flores artificiais, junto a um prato de pão provavelmente artificial.

Olhei para ele amorosamente enquanto ele prendia um pequeno alvo em meu pescoço. Ele morderia quando interessasse? Imaginei. Poderia morder um alvo móvel? E um alvo móvel 50 metros adiante com a velocidade de vento a 56 km/h? Saímos da casa dele e começamos a caminhar em direção ao cemitério. Se os desejos do meu coração e a previsão do meu pedômetro estivessem corretos, eu estava somente a 952 passos de me tornar uma sugadora de sangue.

Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações - http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057



8. O CEMITÉRIO

CAMINHAMOS JUNTOS, NOSSOS DEDOS INDICADORES romanticamente entrelaçados. O cemitério crescia à nossa frente, encoberto pelo escuro nevoeiro da noite, iluminado somente por um facho de luar. Crepúsculo! Quero dizer, Opúsculo.

Eu podia sentir a excitação borbulhando dentro de mim. Sim, minha conquista romântica estava finalmente chegando à realização. Provaria a Edwart que eu era merecedora de me tornar uma vampira por levá-lo a um lugar que tangencialmente tinha a ver com vampiro! Era um plano perfeito. Cara, meu pai e minha mãe ficariam surpresos! E o pessoal em Phoenix! Pelo fim da noite, não apenas seria uma vampira, mas *final mente* teria a parte de cima da minha orelha furada. Antes que Edwart me mordesse, eu ia pedir que ele apertasse minha mão com força ***e*** cravasse uma presa através da cartilagem da minha orelha esquerda. Eu Esperava que ele tivesse trazido um brinco hipoalergênico com ele. Ficava imaginando o que o pessoal da escola pensaria quando visse me novo Eu. Poderiam pensar: "Ahhh! Uma vampira! Empalhem-na!

Mas, quando estávamos nos aproximando do portão, Edwart começou a ficar desconfortável, minha primeira pista de que algo estava terrivelmente errado. Nosso passo tinha se transformado em arrastar-se e, quando olhei para ele, percebi que até o seu andar estava se tornando anormal. Ele estava cambaleando atabalhoadamente e apertando seu estômago com uma expressão estranha no rosto - a expressão de um morcego, cambaleando pelo cemitério em suas patas traseiras. Para ser honesta, era isso o que a maioria das expressões de Edwart me lembrava.

- O que há de errado, Edwart? - perguntei.

- Temos de atravessar o cemitério? São os meus remédios. Faz dois dias que não os tomo e qualquer coisa que cause medo me faz ficar nauseado. Na verdade, qualquer coisa que cause emoção me deixa nauseado.

"Por que o medo seria um problema?", fiquei imaginando. Estávamos indo a um cemitério, o Playcenter dos vampiros! Mas eu sabia que tinha que desempenhar o papel de namorada atenciosa.

- Vamos encontrar um lugar onde você possa se deitar - eu disse com um jeito maternal, mas também sedutor. Peguei na mão dele e o arrastei através do portão, mas ele se agarrou a uma das barras do portão lutando teimosamente. Eu soltei seus dedos um por um, enquanto ele choramingava. Finalmente, usando todo o meu peso, fui capaz de empurrá-lo para o lado de dentro do portão. Tínhamos entrado no cemitério ou, como eu presumia que os vampiros o chamassem, o ce-mi-tenha-tério. (Mais tarde descobri que, de fato, eles o chamam de cemitério.)

Enquanto Edwart falava alguma coisa (quem saberia sobre o que ele estava falando? Quem escutaria? Ele era adorável, de qualquer modo), balancei nossas mãos entrelaçadas um pouco, colocando minha outra mão sobre sua boca afetuosamente. Imaginei como eu ficaria depois que a transformação tivesse acontecido. Poderia provavelmente vestir leggings como calças todos os dias, e ninguém diria nada porque as pessoas teriam medo que eu as mordesse. Qual seria meu nome especial? Provavelmente Alice, porque esse é um nome sonoro para um vampiro. Qual seria o meu podei especial? Provavelmente . beber sangue sem precisar de sal de frutas.

O astral era perfeito. Encoberto pela luz sombria, o cemitério parecia gritar: "Chupe o sangue de sua namorada! Ela está pronta! Ela quer! Você não precisa empregar nenhuma energia. Tudo o que precisa fazer é

abrir sua boca e a garota pode colidir com o seu dente se você estiver cansado". - Assim que percebi que estava gritando isso no ouvido de Edwart, parei e polidamente me desculpei, dando um passo atrás para lhe dar espaço.

Depois de um último olhar nervoso para as sepulturas, ele me puxou para perto dele.

- Não... saia.... do... meu... lado - ele gaguejou, apoiando-se em meu braço e enterrando a cabeça embaixo do meu ombro. Pareceu natural. Examinei os arredores e mentalmente formulei uma descrição deles. Túmulo após túmulo emergia da relva. Era como uma formação de soldados-túmulos, alinhados num batalhão de túmulos de proporções tumulares. Uma visão realmente tumular. Acho que havia algumas árvores e outras coisas.

Enquanto caminhávamos ao longo dos caminhos sinuosos, tive um pensamento. Foi um pensamentinho, dito por uma vozinha interior, como aquela que pergunta se você está com medo, você diz que não e ela diz que *se tentar se livrar de mim viverá para se arrepender.* Meu pensamento foi: o que acontece se eu me tornar uma incrível vampira sedenta de sangue? O que acontece se essa for a única razão para Edwart não ter me mordido e, dessa forma, destruído minha alma? E o que aconteceria se, quando a mãe dele me ofereceu torta de pêssego, eu não tivesse comido pedaço após pedaço até não sobrar nenhum, enquanto a família dele observava com olhos famintos?

Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações -

http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057



41

The Harvard Lampoon - Opúsculo

Talvez eu não devesse ter comido todos os cachorros quentes também? Mas não seria rude deixar toda aquela comida humana desperdiçada? Ainda não sei porque, depois de fazer um prato de comida para mim, Ava havia servido os membros de sua família vampira também Era terrivelmente suspeito. E se eu não tivesse tido vontade de andar em torno da mesa, empilhando a comida sobre o meu prato?

- Edwart - eu disse, decidindo que já era hora de ser direta. -Se eu fosse uma vampira, não teria nenhum problema para resistir ao sangue das pessoas, mesmo o de Lucy. Sei que disse a você que, se alguma vez eu me tornasse uma vampira, a primeira coisa que faria seria convidar Lucy para um filme de ação num cinema escuro e deserto, mas eu estava brincando. Com toda a seriedade, a primeira coisa que eu faria seria morder um belo arbusto de rododendro e ganhar um Prêmio Nobel por criar um tipo de flora imortal que pudesse sobreviver até mesmo em desertos.

- Belle - ele disse, tomando minhas duas mãos. - Se não nos sentarmos, eu vou vomitar. Não sei exatamente o que, pois não comi nada hoje além de tomar um refrigerante de laranja, mas poderia ser qualquer coisa do meu rim para meu outro rim.

- O.k.

Depois de vinte minutos de passeio enluarado, a gente se instalou sobre a sepultura de aparência mais confortável que pude encontrar, que estava coberta de couro aveludado. "James C. 'Rei do Couro' Murphy, 1906-1975, Rei do Couro e também proprietário de uma Loja de Artigos de Couro", dizia.

A gente se ajeitou ali e começamos a desfrutar do romance um com o outro,

quase como se tivéssemos uma brasa morna dentro de nós. É assim que os adultos casados se sentem o tempo todo.

- Edwart - eu disse - Sou muito grata por estar aqui com você -Está se sentindo melhor?

- Sim, Belle. Muito melhor.

Sorri para mim mesma e para minha futura imagem de vampira. Estava feliz, lembrando o quanto tinha sido constrangedor para esta garota que o pai dela fosse muito mais velho que os outros pais na oitava série. Edwart e eu nunca ficaríamos velhos. Comecei a reaplicar meu perfume de *grapefruit* para que meu sangue não tivesse um gosto de sem-banho-há-semanas quando ele me mordesse.

- Que cheiro é esse? *Grapefruit?* - Edwart perguntou. Eu estava surpresa por ele não ter perdido a memória a respeito da comida humana, como a maioria dos vampiros. Mas, ao mesmo tempo, não estava surpresa: eu realmente cheirava muito a *grapefruit.*

- Você adora mesmo estar entre todos esses mortos? - perguntei, apontando para os arredores.

- Bem, para ser honesto, realmente acho essa parte um pouco estranha. O que eu mais queria era sair deste cemitério, ter a certeza de que você chegou segura em sua casa e então me aconchegar em minha cama com um copo grande de refrigerante diluído.

Que gentileza a dele, dizer algo que não fazia sentido um vampiro dizer. Casualmente, estendi meu pescoço para ele, banhando-o na luz da lua.

- Tudo bem com o seu pescoço? - ele perguntou.

- Não sei. Está? O que você acha, Edwart? - massageei o pescoço sugestivamente, sugerindo que tinha dormido sobre uma pilha de carvões.

- Está doendo? - ele perguntou.

Eu tinha de pensar depressa. Ele queria que doesse? Será que era uma dessas coisas estranhas de vampiro, que eles preferiam morder pescoços que doem, da

mesma forma que minha mãe sempre me dizia que você

sabe quando uma fruta está madura porque parece que ela dói?

- Hum, s-sim - gaguejei, silenciosamente agradecendo pelos motivos que me levaram à aula de improvisação que tive no último verão. - Dói. Dói terrivelmente.

Então, algo mágico aconteceu. Edwart apalpou meu pescoço r logo percorreu meu corpo todo. Agarrei seu dedo, intoxicada pela carícia, e lutei por mais ar como um peixe fora d'água luta por menos ar. Ele deu alguns tapinhas no meu pescoço. Imaginei se ele estava colocando álcool nele, do mesmo modo que os médicos fazem antes de aplicar uma injeção.

- Como está agora? Ele perguntou.

- Feliz - a verdade é: a sensação era completamente indescritível. Um canteiro de amoras silvestres: era como eu a descreveria.

- O.k., ótimo! - ele disse e parou. - Foi rápido!

- Oh, hum, sabe de uma coisa? - eu disse, improvisando outra vez. - Está doendo de novo. Pior. Muito, muito pior. Tive uma idéia! Você poderia *me morder* e então *eu nunca sentiria dor outra vez.* Ele me olhou como se eu estivesse louca - louca de paixão já que na mesma hora o chão começou a tremer violentamente.

- O que está havendo? Isso é parte do processo de transformação? - perguntei, um pouco enervada.

- Um terremoto? - Edwart sugeriu, com o raciocínio friamente calculado de um vampiro. Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações - http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057



De repente, o chão se abriu embaixo de nós, partindo a lápide ao meio e, da tumba, emergiu uma figura com presas manchadas de sangue e uma capa preta, cuja gola alta e curva era impecávelmente justa, numa óbvia provocação às modernas tendências da moda.

- V-v-você é... o Rei do Couro? - consegui perguntar.

- Não - disse a figura. - Não me reconhece, sério?

Olhei para ele mais de perto: a face pálida, a capa, os olhos *ver* melhos, as presas ridiculamente grandes. Não conseguia situá-lo em m minha memória.

- Hum, conheço você do trabalho? - esforcei-me para lembrar se ele era um de meus colegas de trabalho. Esforcei-me para lembrai SE eu tinha um trabalho.

- Santa tumba, Belle! Eu me sentava perto de você todo dia na aula de Inglês.

- Sinto muito. Todos os rostos da escola ficam misturados para mim num conglomerado sem graça, exceto o de Edwart Mullen amor da minha vida.

Ele aplaudiu vagarosa e sinistramente.

- Bem, parabéns a *vocês dois* ele disse. Espero que tenham uma vida realmente feliz para sempre em sua doce casinha atrás di um gramado primorosamente aparado. O que vocês dois têm é especial, sabem de uma coisa? *Realmente* especial. Estamos todos com muita veja do amor avassalador de um pelo outro.

- Obrigada.

- Para ir direto ao ponto, sou Joshua. Um vampiro. Não pretendo ser rude, mas estão invadindo minha propriedade tumular. Sinto muito por tudo isso, Belle. Honestamente, acho você é muito atraente, embora não use maquiagem ou preste atenção à moda. Para fazer uma confissão, eu tinha a intenção de convidá-la para o baile de formatura na primeira semana de escola. Mas agora terei de tirar suas vidas, infelizmente, para me alimentar.

Fiquei frustrada. Outro vampiro? Pensei que fazia sentido; os estados do noroeste do Pacífico eram conhecidos por suas leis permissivas a respeito de monstros.

Ao meu lado, Edwart gritou e cobriu os olhos, provavelmente dualizando seu triunfo sobre aquele vampiro exibido. Relaxei, confortavelmente me acomodando dentro da sepultura, pronta para observar o que toda garota espera ver um dia: uma luta de vampiros na vida real.

- Não tão depressa, Josh - eu disse. - Corte-o em pedacinhos e queime tudo, Edwart!

- *O què?* Por que eu faria isso? - ele ponderou e então me deu m olhar penetrante. - Não! Não estou ponderando isso, Belle! Estou rindo histericamente agora. Estou experimentando o maior medo que já senti na minha vida.

Edwart estava tremendo visivelmente. Acho que isso acontece quando vampiros vegetarianos ficam sem comer um urso por um tempo ou algo assim.

- Edwart, não temos tempo para outra DR14 Existe outro vampiro agora e não acho que ele esteja familiarizado com *A* ética do que *comemos,* de Peter Singer. _ Outro vampiro? - ele olhou paia trás. - Onde está o primeiro? - ele gaguejou, mais provavelmente de fome. Ele me deu outro olhar penetrante. - NÃO! Pare! Não estou gaguejando de fome! Isso não faz o menor sentido.

- Vamos lá, Edwart — bajulei. - Ele é um vampiro, você é um vampiro: ao trabalho!

- Pare, Belle! Isto é sério, não é um bom momento para RPG15

- RPG?

- É, RPG. Como daquela vez que fingimos que eu poda erguer o carro de Tom Newt ou quando fingimos que eu podia alcançar velocidades superiores a 160 km/h. Ou quando tive que usar dentes de vampiro e dizer a você o quanto desejei esvaziar todo o seu sangue quando bati os olhos em você pela primeira vez - ele congelou. — Ei. Algumas dessas coisas estão começando a fazer sentido. Voltei-me para Joshua, sinalizando que precisávamos de um tempo para trabalhar aquilo.

- Você sabe de uma coisa? - Joshua disse. - Embora eu seja um vampiro de verdade, o que significa que por natureza sou frio e muito temperamental, darei a vocês algum tempo. Não se importem comigo, ficarei bem aqui, silenciosamente me enfurecendo e lampejando os olhos.

- Então, esse tempo todo você pensou que eu era um *vampiro!* — Edwart sussurrou furiosamente, puxando-me algumas polegadas para a esquerda.

- Claro - eu disse. — Você sabe, o leão apaixonou-se pelo cordeiro...

14 Discussão sobre o relacionamento N.T.

15 ***Role Playing Game*** (jogo de interpretação de personagens) é um jogo cm que os jogadores assumem os papéis dos personagens c criam narrativas colaborativamente N.T.)

Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações - http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057



- O quê?

- Desculpe. É mais fácil para mim se eu explicar em termos animais!

- Então você pensou que eu era um... cordeiro?

- Não, um leão. Ou, você sabe, você era o tubarão e eu, a foca

Ele olhou para mim inexpressivamente.

- O.k. - tentei outra vez. - Você é a girafa e eu, a folha.

- Você está terminando comigo? - ele perguntou baixinho.

- Claro que não — eu disse ternamente. - Só se você não fosse um vampiro.

- Mas eu não sou um vampiro.

- Mas... você é um controlador compulsivo. Como um vampiro.

- Você *me fez* mandar em você! E, já que estamos sendo honestos, você é minha primeira namorada e, antes de conhecer você, eu tinha dúvidas se eu tinha os

músculos da boca necessários para falar em voz alta. Senti toda minha hierarquia de monstro, com Edwart Vampiro no topo, realinhar-se dramaticamente.

- Mas e quando conversamos sobre os diferentes tipos de sangue e você ficou falando sobre como cada um tinha seus méritos únicos, da mesma forma que diferentes tipos de vinho, e fez um discurso de quinze minutos sobre homogeneização do sangue? E então enveredou por um elaborado truque de memorização sobre os vários passos a se dar quando se bebe sangue? Você sabe, os cinco Ss: salivar, sugar, sorver... sorver outra vez... e então...

- Saborear.

- É saborear.

- Não havia outro?

-Acho que sim. Tenho isso anotado em umas fichas lá em casa.

- Então, como você não é vampiro? - perguntei, propositadamente não dando inflexão à minha voz no final da pergunta, para obter um efeito de advogado.

- Belle, eu... sinto muito. Não sou um vampiro. Sou somente um bebedor *social* de sangue. Gosto de meus hambúrgueres *mal passados.*

- Ok, estamos todos prontos? - perguntou Josh, atirando outra toupeira murcha em uma pilha. Como é

civilizado, pensei, ter um lugar designado para os restos dos aperitivos, assim como um bom anfitrião oferece uma vasilha para os rabos dos camarões.

- Acho que sim — eu disse. - Agarre-o, Edwart!

- Não, Belle, não posso lutar com um monstro! Nunca estarei à altura de suas fantasias anormais e perversas!

Aquilo doeu. Muitas adolescentes desejariam que seus namorados fossem vampiros. Durkheim culparia os valores da sociedade por isso. Eu quase concordava que o problema vinha de outro lugar externo ao meu cérebro.

- Estou dando o fora daqui! - Edwart disse, começando a recuar. - Se você me

ama, vamos!

- Mas, Edwart! - eu gritei atrás dele. - Temos de derrotai este vampiro! Você vai me deixar aqui sozinha com ele?

- Não é isso que você quer?

Bem, isso esclareceu tudo. Um vampiro de verdade teria sugado meu sangue enquanto dizia isso. Observei enquanto Edwart desaparecia na neblina, dessa vez não de maneira mágica, mas numa sonora queda, significando que tinha tropeçado numa lápide. Josh e eu observamos quando ele reapareceu, saltando sobre as lápides enquanto corria. Cada vez que caía, ele gritava, olhando para nós por sobre o ombro e tornando-se a levantar sobre seus pés tortos.

Josh e eu ficamos sentados lá, em um silêncio constrangedor que rapidamente se instalou. Peguei minha pequena mochila de lembranças de Edwart. Detestava fazer isso na frente de um estranho, mas precisava de algum alívio. Com determinação, comecei a queimar os itens, um por um: meu relatório de Biologia, meu Drácula de pelúcia, um toco de lenha que cortei durante nossa subida à montanha, o chumaço de cabelos que arranquei da garçonete no Buca di Beppo. Eu me senti bem melhor depois disso.

- Humm - eu disse animadamente. - Devemos contar histórias de fantasma?

- Não estou certo de que você esteja consciente do perigo de sua situação, Belle. Veja bem: sou um vampiro faminto e amoral e você, uma garota mortal vulnerável e cheia de sangue. Apesar de tudo, gostaria de partilhar com você uma história de fantasma. Eu chamo essa história de "O Conto do Medalhão de Muito Tempo Atrás" - Josh disse, com uma voz trêmula fantasmagórica.

Eu já havia escutado essa história antes com certeza. Comecei a assobiar para me impedir de cair no sono. Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações - http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057

- Qual é o problema? - perguntou Josh. - Não está interessada? É uma história *realmente* assustadora.

- Sei que é. Eu a vi num episódio de *Você tem Medo do Escuro?*

Josh olhou para mim com raiva.

- Que pena - ele disse. – É muito ruim que você saiba tanto sobre histórias de fantasma. Diga-me, você

sabe quais os melhores meios de sobrevivência para uma garota mortal quando um vampiro avança? - ele perguntou, avançando.

Bocejei.

- Sim, acho que vi esse episódio também.

Ele se inclinou para mais perto.

- Corra. A resposta é corra - ele disse, encolhendo se na posição de pré-ataque. De repente, entrei em pânico, saindo da posição de pós-ataque. Estava errado, tudo errado! Eu devia ser mordida por Edwan e me tornar eu mesma uma vampira! Não deveria ser mordida por outro vampiro estranho e morrer! Todo mundo sabe que existe uma fina e melindrosa linha entre a vida-eterna-comovampira e a morte-como-uma-humana.

- Espero que goste de morrer - disse Josh, calmo e confiante da mesma maneira com que você falaria com suas batatas amassadas

Quando ele deu outro passo em minha direção, pelo canto do olho vi Edwart, machucado e amarfanhado, depois de finalmente ultrapassado todas aquelas lápides, fugindo pelo portão enquanto Joshua se inclinava para me morder.

The Harvard Lampoon - Opúsculo

9 - CONVITE

PARALIZADA DE MEDO, FIZ UM ESFORÇO PARA ME LEMBRAR das regras de luta que aprendi na Cardio Kicks16: 1) Você consegue, garota! 2) Manda ver! 3) Vamos lá, senhoras, mais dez vezes!

Nunhuma daquelas regras funcionaria. Os dentes de Josh estavam a quartos polegadas de minha garganta e era só uma questão de tempo até que ele diminuísse essa distância pela metade, e então seus desntes estariam só a duas polegadas. Depois, uma polegada. Então, meia polegada... um quarto... um oitavo... um dezessies avos... De repente, lembrei-me do Paradoxo de Zeno. *Enquanto Josh continuasse se movendo em direção à minha garganta em frações, nunkca poderia alcançá-la.*

Contudo, ele não avançou para mim em frações, mas sim num único bote. Abandonando a lógica, por fim decidi usar meu treinamento de *krav maga17*, apanhando o banco à minha esquerda e atirando-o em cima dele. O banco se esmigalhou com o impacto. É claro. Todos os bancos de vidro tradicionais de Oregon tinham sido recentemente substituídos por bancos de vidro de segurança, quebram em mil pedacinhos. Pensando depressa, agachei-me e saltei para intimidar Josh com meu treinamento de combate. Mas Josh não recuou. Em vez disso, assumiu a posição de guerreiro I, de ioga. Essa era a minha ideia! Minha única ideia. Bem, pensei, sempre posso usar aqueles *nunchakus* que carrego comigo. Puxei-os de minhas meias e comecei a girá-los sobre a cabeça. Imaginei se poderia girá-los tão rápido a ponto de eu ser erguida do chão, como um helicóptero, mas antes que eu pudesse ver para onde tinha voado, Josh me atingiu primeiro, com força, no estômago.

Voei para trás e me choquei com uma lápide. Graças a Deus, não estou num estúdio de balé cheios de espelhos, pensei com alívio. Então ouvi o som mais doce que podia imaginar: um profundo e gutural —miado‖. Foi quando eu soube

que estava morta. Aquele som – o único que eu queria ouvir – estava me chamando para o único paraíso aonde eu queria ir: o Céu dos Gatos.

Abri os olhos para ver um gato preto se esfregando gentilmente em minhas pernas. Tudo bem, eu estava viva. Não era de se espantar que eu achasse que ele era um anjo; o modo como ele ronronava me lembrava o jeito de Edwart resmungar.

Foi quando *realmente* decidi lutar. Dei um salto para chutar Josh no traseiro. Consegui um tipo de meio-chute ridículo, que acabou sendo mais um tímido toque com a ponta do pé. Suas nádegas sacudiram-se, incólumes, jogando-me para trás dentro do túmulo vazio de onde ele surgira.

Eu estava fitando o céu da noite, deslumbrada, quando a cabeça de Josh bloqueou minha visão da lua. Ele rapidamente se adiantou, como se fosse atacar, mas então parou. Teria o meu chutezinho enviado a ele o sinal errado? Ele ficou de pé ereto na beira da tumba, olhando para mim lá embaixo. Pela primeira vez, percebi como era alto. Realmente, de onde eu estava sentada, ele parecia realmente muito, muito alto. Gosto de caras altos.

As duas coisas que resparo em um cara são o quanto ele é alto e se ele é ou não um vampiro. Quase todas as minhas paixões tem sido por um ou por outro. Um cara, de fato, era tanto vampiro quanto alto, mas ele terminou comigo para virar *gay.*

- Morra! – ele rosnou.

- Socorro! – eu gritei.

—Shhh!‖ Todo mundo no funeral próximo a nós sussurrava.

- Sinto muito – dissemos juntos. Ele me puxou para fora da tumba e continuamos a lutar em silêncio. Lutamos por um tempo, ocasionalmente esquecendo-nos de quem era o humano e quem era o vampiro. Num determinado momento, ele ele estava usando meu vestido e eu, sua capa. Estava quase o mordendo, mas então, por um segundo, pensei ter visto algo que poderia redimi-lo sob aqueles olhos vermelhos, aquela capa e aquela face pálida de talco.

- Voê é o garoto que lia *Romeu e Julieta* todo dia na hora do almoço? – perguntei de repente.

- *Não* Belle. Pelo amor de Deus! Eu me sentava na mesa atrás de você e de seus amigos, com todos os meus irmãos e irmãs.

Lembrei-me das mesas na lanchonete: a mesa de Edwart, a dos atletas, a dos populares (minha mesa), a dos com pretensões artísticas, a dos vampiros. Ele devia ter se sentado na última. Vendo que eu me sentava e abria um livro do ano para finalmente resolver isso, Josh continuou:

16 *Rede de academias de defesa pessoal nos Estados Unidos N.E*

17 *(*Sistema israelence de defesa pessoa N.E*

Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações - http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057



The Harvard Lampoon - Opúsculo

- Lembra daquele primeiro dia na lanchonete, quando nós dois chegamos no queijo cottage ao mesmo tempo?

E então tentamos disfarçar, como se estivéssemos realmente querendo batatas fritas, mas realmente só

esperando a outra pessoa partir para poder pegar o queijo cottage? Ou do segundo dia, quando salvei você de ser atropelada por um carro no estacionamento da escola?

Ele falava como alguém de um tempo muito, muito distante, como a escola de ensino fundamental. Era tão encantador! Eu percebi que suas sentenças eram tão longas que eu facilmente poderia fugir. Podria realmente ter fugido em qualquer momento, mas algo me segurava lá, mesmo quando Josh afastou-se para gritar dentro da escuridão.

- Vicky! – ele chamou. – Como está indo o vídeo?

- Está tudo gravado! – disse uma pequena vampira, saindo detrás de uma lápide. Estava segurando uma filmadora, eu podia dizer que ela era má porque tinha cabelos vermelhos ondulados, um sorriso estranho e estava usando um poncho felpudo de lã.

- Achei que este seria um lugar dramático para o nosso filme doméstico – Josh

apontou para o cemitério.

- Como você se sente por ser uma estrela de cinema? – ele perguntou-me, ameaçador. Antes que eu pudesse responder, Vicky apressou-se em arrumar meu cabelo e colar presas postiças em minha boca.

- Que filme? – perguntei incredulamente. Eu não havia assinado nenhum contrato. Meus movimentos de luta tinham copyright.

- É chamado —Um Dia na Vida de Josh e Vicky‖! – disse Vicky. – Começamos a filmar essa manhã quando acordamos e continuamos ao longo do dia. Está sendo realmente divertido, especialmente quando filmei Josh fazendo sua lição de casa.

- Fiz um filme caseiro uma vez, logo antes de partir de Phoenix para sempre. Eu me produzi toda e dancei com um traje de balé que costumava usar quando tinha dois anos de idade. Minha mãe adorou.

- Tenho uma ideia – Vicky continuou. – Belle, por que não diz alguma coisa no vídeo? Como por exemplo

—Que ótimo conhecer vocês, Josh e Vicky! Obrigada por não me comerem‖. Vicky ergueu sua câmera. Olhei de um vampiro para o outro. Engoli um inseto. Senti como se meus joelho estivessem faltando.

- Memórias são tão importante, você não acha? – Vicky disse.

Eu falei o meu texto rapidamente para disfarçar minha pronúncia ruim da difícil para estrangeira —para‖. Sei que ela pode ser pronunciada como —para‖ ou —pra‖, mas sempre me confundo.

- Agora beije! – Vicky sussurrou. A câmera ainda estava ligada.

Josh fechou os olhos e franziu os lábios. Ele se inclinou para a frente. Há apenas alguns minutos ele queria me matar, o que acho que seria justo, porque eu queria lhe apunhalar um prego na axila. Além disso, alguns de seus dentes afiados estavam saindo de seus lábios franzidos e eu estava alerta. O que aconteceria se minha atuação fosse ruim?

Então, lembrei-me de que era uma grande atriz. Cerrei os olhos e inclinei-me para ele. Beijamo-nos. Não senti nada, no entando, porque era tudo parte de um

dia de trabalho até aquele momento. Ocorreu-me que beijar talvez fosse a parte menos produtiva do cortejar humano, além de não ser muito higiênica. Foi isso o que o modo dessensibilizado de atuar tinha feito em mim.

- O.k., ótimo! – Vicky disse, desligando a câmera – Vejo você amanhã de manhã para —O Dia Seguinte na Vida de Josh e Vicky!‖ – ela gritou, desaparecendo num túmulo próximo. *Sim*, decidi . *Ela é diabólica*.

Meus lábios estavam sangrando um pouco, então apressadamente os enxuguei. O que diria meu pai? Resolvi que eu lhe diria que os tinha mordido para deixá-los vermelhos, como costumava fazer antes de ser velha o suficiente para usar brilho labial. Josh estava olhando para mim com olhos famintos.

- Cara, chove muito por aqui! – eu disse para preencher o silêncio.

- *Muito mesmo*. Então... ah... devemos continuar lutando ou o quê?

Josh arremessou-se para a frente e pressionou seus lábios nos meus outras dez vezes. Resisti um poco no começo, para parecer que eu era aquele tipo de garota – o tipo que não gosta de vampiros -, mas então ele me deu um beijo de língua. *Que estranho!* Eu já tinha ouvido falar sobre isso antes, mas nada poderia ter me preparado para essa estranha sensação. Mesmo depois de ele tirar o nariz das minhas axilias, eu ainda sentia uma ligeira sensação de cócegas.

- Então, é estranho se eu perguntar qual o nosso *status* agora? – perguntei rapidamente. Não que isso me preocupasse de qualquer jeito. Só queria *saber*, entende?

- Não, de maneira nenhuma. Somos um casal agora.

Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações -
http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057



Humm. Imaginei como expressaria isso no Facebook. Eu teria que mudar o que estava escrito antes: —É

complicado com um vampiro‖. Mas então percebi que essa frase funcionava muito bem na situação atual.

- Quer vir ao baila da formatura de vampiros comigo esta noite? – Josh perguntou. Lembrei-me do meu último baile: as estúpidas fotos pré-formatura, os horríveis vestidos cor-de-rosa, o globo espelhado cafona, os tiros, as chamadas para o 190, a cobertura da mídia nacional e a péssima banda.

- Claro! – eu disse.

- Ótimo, porque já consegui um convite para você.

- Oh, espere – eu falei, de repente me lembrando do garoto que tinha dado no pé minutos atrás. – Acho que já

disse que ia com outra pessoa...

- Outro vampiro?

- Não. Achei que era, mas não é.

Lembrando de Edwart, fiquei nervosa e senti-me um pouco tola. Eu devia ter percebido que ele não era um vampiro. Ele fracassou em atender aos três critérios reveladores de vampirismo: falar à moda antiga, ser pomposo e ter pele brilhante.

- Bem, isso não importa mesmo – Josh disse. – Nós, vampiros, temos uma formatura escolar separada no inverno, em vez da primavera. Coincidentemente, numa época muito inconveniente para fotos ao ar livre – ele sorriu com sarcasmo. – Não acredito naquela história de —separados, mas iguais‖. Sacudi a cabeça, concordando. Nunca tinha percebido que ser um vampiro faz você diferente, mas não daquele jeito legal do Dr. Seuss18, no qual você tem uma estrela na barriga. Então nós nos sentamos para nos aconchegar em frente a uma tumba.

- Josh – perguntei – como você se tornou um vampiro?

- Lutei com Drácula. Quase o matei, também, só que me senti mal quando ele me disse que eu era o único amigo e que essa havia sido a razão pela qual ele tinha me mantido preso em um calabouço por cinco anos. Ele me mordeu logo que me virei para retornar ao calabouço. Que trapaceiro! Mas ele pode ser muito leal, desde que você o conheça por alguns séculos.

- Você conhece o Drácula?! – gritei. – Que legal!

Imaginei o que faria se alguma vez me encontrasse com Drácula. Provavelmente diria —sou Belle Goose, a garota dos vampiros‖, e ele se curvaria e morderia meus pés.

- Bem, Belle – Josh disse. – Sou um cara muito descolado.

- Como o Drácula é?

- Tem caninos afiados. Tipo morcego.

Uau. Namorar Josh me levaria a todo tipo de oportunidades. Talves ele conhecesse p Monstro do Pântano também.

- Levarei você para casa antes de irmos para a formatura – Josh disse, levantando-se e sacudindo o pó de sua capa. – Você provavelmente vai querer colocar um pouco de maquiagem ou algo assim. Lave seu rosto algumas vezes.

Corei. Não tinha percebido o cheiro tentador de sangue vindo dos poros do meu nariz. Fomos caminhando de mãos dadas para a saída. A mão de Josh estava fria, mas não da maneira suada e pegajosa com que eu estava acostumada. —Edwart‖, pensei com um suspiro. —Edwart, Edwart‖. Onde eu tinha ouvido esse nome?

- Espere aqui, minha bela – Josh disse, enquanto atravessávamos o portão do cemitério. – Vou pegar o carro. Alguns minutos depois, ele apareceu dando um cavalo de pau e estacionou junto ao meio-fio.

- Entre – ele falou ferozmente.

—O.k.‖ pensei. —Isso foi um pouco rude‖. Mas não disse nada, não naquele momento, nem quando ele saltou do carro, vendou meus olhos e amarrou meus braços juntos.

- É para seu próprio bm, sua tonta.

Era duro argumentar contra isso, especialmente quando se está caindo dentro do carro. Ele afivelou meu cinto de segurança. Poucos minutos depois, fiquei surpresa de sentir o carro mover-se tão lenta e responsavelmente sob o controle de Josh. Mas, é claro, ele dirigia desde a invenção dos carros. Paramos.

- Este é o plano: você sobe, se lava e se livra desse cheiro humano – Josh disse. Eu ainda estava vendada, mas presumi que estivéssemos em minha casa, ou em algum outro logar que tivesse escadas. – Vou enrolando seu pai.

18 *Pseudônimo do escritor de livros infantis americano. O trecho refere-se a um livro popular em que os personagens se dividem entre os que têm e os que não têm uma estrela na barriga, o que define o seu valor social* Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações - http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057



Ele tirou minha venda. Tropecei em direção à porta, mas ele me deteve no meio do caminho e tirou sua capa para que eu caminhasse por cima dela, de modo que meus sapatos não se sujassem na calçada. Eu o agradeci, pisando cuidadosamente sobre o forro de cetim vermelho. Ele rapidamente ergueu as bordas do tecido, fazendo uma sacola e carregando-me até a porta.

- O que você faria sem mim, Belle? – ele perguntou, inserindo um dispositivo de rastreamento em meu ouvido.

Seu comportamneto era incomum, mas eu nunca havia namorado um vampiro antes. Além disso, quem poderia culpar Josh por ele ser possessivo? Eu era especial – uma garota que um dia estaria num show de entrevistas dizendo —Sim, Jô, minha infância foi difícil‖.

Levantando os ombros, procurei minhas chaves na bolsa, o que acabou por não ser necessário. Josh derreteu a porta, fazendo um buraco, e me arremessou para dentro.

- Anda, anda, anda! – ele gritava. – Temos um baile de formatura de vampiros para ir!

Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações - http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057



The Harvard Lampoon - Opúsculo

10 - FORMATURA DE VAMPIROS

CORRI ESCADA ACIMA O MAIS RÁPIDO QUE PUDE E então arranquei minha camisa e atirei-a no chão.

- Posso sugerir que vista algo simples? – uma voz me instruiu sem segundas intenções. Virei para a janela e fiquei sem fôlego. Josh! Rapidamente, cobri minha blusinha estilo sutiã. Era tarde, no entanto; Josh a tinha visto. Então, agora ele sabia que eu conhecia roupas de mulher.

- Não pretendo controlar cada faceta de sua vida – ele continuou, tomando minha mão e fechando a janela com ela. – Mas acredito que não seria inteligente da sua parte usar algo chamativo na formatura. O tema é

Baile de Máscaras Veneziano, e você estará numa sala cheia de vampiros. Qualquer tecido que você tenha que se camufle às paredes ou à pista de dança seria o melhor.

- Como você entrou aqui?

- Pela janela. Dããã. Esqueceu que eu sou um vampiro?

- Mas a minha janela mal tem sessenta centímetros de altura.

- Dããã. Fiz aquele truque vampírico em que você se encolhe com um raio vampírico e depois se bombeia vampirescamente de volta ao tamanho normal.

Comecei a fazer perguntas, mas fomos interrompidos por uma violenta batida na porta.

- Onde ele está? – gritou Jim. – Aquele vampiro está aí dentro?

Josh disparou na minha direção e colocou a mão sobre a minha boca.

- *Nãão* – ele disse com uma voz baixa e máscula. – *Só a sua filha humana… completamente sozinha.* Tirei sua mão da minha boca.

- Não, pai – eu falei. – Não vejo nenhum vampiro por aqui. Mas vamos continuar procurando assim mesmo!

Quer dizer, eu continuarei procurando!

Depois de uma longa pausa, escutamos o som dos seus passos pesados descendo a escada. Voltei-me para Josh.

- Não posso acreditar que você tenha dito a ele que era um vampiro! Jim detesta vampiros.

- Ficou constrangida por minha causa? – ele perguntou provocativamente. Então, agarrou minha cintura e me puxou para mais perto. – E agora, hein? – ele disse, fazendo uma humilhante dança do pinguim.

- Não, não estou constrangida por sua causa. Apenas precisamos manter o seu vampirismo em segredo dos meus amigos e da minha família para todo o sempre, certo?

Ele parou de dançar.

- Espera aí. Para todo o sempre?

Suspirei exasperada. Edwart podia ser ingênuo, mas não fazia metade dessas perguntas.

- Sim, para sempre. Assim que você tenha me mordido e me tornado sua companheira vampira. Ele recuou devagar.

- Espere aqui, Belle – ele disse, abrindo a janela atrás de suas costas. – Existe algo que preciso fazer… em outro lugar.

Quando escutei seu carro dar a partida e sair cantando pneus, voltei minha atenção ao meu *closet*. O que se deveria vestir num baile de máscaras? Atirei tudo o que possuía sobre a cama. Atirei o gesso da perna, o gesso da perna

esquerda, o do pescoço, o de vários dedos. No final, decidi ir com todo o meu corpo engessado.

Um carro parou cantando pneus do lado de fora. Escutei vozes vindas da sala. Josh havia retornado! Rastejei para a entrada, escutando o barulho de Jim recolocando seu rifle no mostruário de vidro na parede. Ele devia ter convencido Jim de que não era um vampiro, pelo jeito, porque tudo o que eu ouvia era o zumbido baixo da conversa deles.

Asseguro ao senhor que sou um cara muito conservador, Sr. Goose, prometo fazer tudo de acordo com as regras. – Josh estava dizendo. – Aqui está o acordo que um intelectual da cidade vizinha ridigiu para mim. Ele diz que, em troca de namorar sua filha, eu te oferecei quatro gansas poedeiras, um fardo de barrotes de madeira para barril e o uso da minha maior foice durante três semanas.

- Isso me agrada – respondeu Jim. – Sou um pai extremamente permissivo que nunca sonhou exigir um arranjo desses, mas sou declaradamente um aficionado por barrotes de madeira para barril. Toma uma bebida comigo para celebrar?

Escutei o som de glub-glub sendo derramado em copos de vidro.

- Somente dois para mim, Sr. Goose – disse Josh. – Estou dirigindo.

Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações -
http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057



- Mas o que você havia dito que era mesmo, Josh, meu garoto?

Inspirei profundamente e cerrei os olhos com força. Não diga —vampiro‖.

- Um artista de grafite, senhor. Um artista de grafite em janelas.

- Sei…

De repente, o som de vidro se quebrando soou pela casa. Josh fugiu escada acima até o meu quarto, batendo a porta atrás dele. Jim venceu rapidamente os degraus atrás dele, ficando mais e mais irritado a cada vez que disparava seu rifle, enterrando as balas antigas, de valor incalculável, em nossos lambris de madeira feitos na Frísia no século XVII.

- O que foi que eu disse de errado? – Josh gritou sem fôlego, empurrando minha penteadeira na frente da porta.

- Jim é lavador de janelas, Josh. E, de acordo com uma camiseta que ele tem, também é um Inspetor do Corpo Feminino. Acho que é tipo um ginecologista, mas sempre fico muito nauseada para perguntar. Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações - http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057



51

The Harvard Lampoon - Opúsculo

Em todo o caso, ele detesta grafiteiros. Na verdade, as únicas pessoas que ele não detesta são os descendentes de lobisomens. Tente isso da próxima vez.

- O que você está vestindo? – perguntou Josh, admirando minha fantasia.

- Você gosta? É um gesso de corpo inteiro.

- Do que é essa fantasia? Algum tipo de múmia sinistra?

- Sim – eu respondi, desconfortável. Estava um pouco sentida que ele não tivesse dito que era um belo casulo. Talvez não tivéssemos sido feitos para criar três danchshunds19 juntos, afinal.

- Você está fantasiado de quê? – perguntei.

Josh estava vestindo um smoking preto formal com um colete cinza cor de fumaça.

- Sou um Cara Humano – ele disse com um sorriso forçado, fazendo seus falsos dentes humanos cintilarem. Estremeci. Por que será que os caras insistem em vestir os trajes menos atraentes que conseguem encontrar para festas à fantasia? – pensei justamente no momento em que Jim derrubou a porta.

- Você! – ele disse, apontando o rifle para Josh. Atirou.

BANG!

Josh voou para a esquerda, escapando sobrenaturalmente da bala.

BANG!

Josh deu um salto, escapando humanamente da bala.

Meu pai recarregou a arma. Primeiro, colocou a pólvora. Então, empurrou-a para baixo com uma vareta tipo escova e adicionou as balas. Naquele momento, pude apostar que Jim realmente se arrependera de ter comprado aquele rifle da Guerra da Independência, embora o tivesse conseguido por um preço inacreditável. Demorou cerca de noventa segundos para recarregar. Não parece muito, mas experimente esperar em silêncio apenas por cinco segundos. Parece muito tempo.

Um…

Dois…

Três…

Quatro…

19 *Raça de cães comprida e de pernas curtas*

Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações - http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057



52

The Harvard Lampoon - Opúsculo

Cinco…

Entende o que estou falando?

- Relaxe, pai – eu disse, antes que este rídiculo desperdício de papel pudesse continuar. – Ele é um lobisomem.

Jim abaixou seu Rifle.

- Oh, sinto muito – ele murmurou. Então olhou para minha fantasia. – Uau, Belle! Você parece uma mulher realmente madura!

Tive de admitir, eu estava formidável para uma embalagem de pupa de lagarta. Lucy e Laura diriam que eu estava —sexy deliciosa‖, mas acho —formidável‖ uma palavra muito melhor. Eu tinha recentemente comprado um dicionário. Você não pode imaginar quantas palavras existem nele! Quando abri aquele livro, eu fiquei tipo assim —Uau, uma festa de palavras!‖.

Depois que extraímos as balas da parece, descemos as escadas para executar o tradicional ritual pai-esse-é-omeu-namorado.

- Então… Josh. Como vai a escola? – Jim perguntou.

- Bem.

- Hummm. Ah, você pratica algum esporte?

- Não. Importa-se se eu tirar meus dentes falsos? É dificil falar com eles – ele os tirou e expôs suas presas afiadas e pontudas. Pude ver o sangue fugir do rosto aterrorizado de Jim para a sua perna direita: o lugar mais distante dos dentes de Josh que ele podia ficar.

- Você, hum, tem visto algum filme ultimamente?

- Por que pergunta? – Josh disse, calmamente, apertando um torniquete em torno da perna de Jim. Ela estava agora inchada de sangue. Sangue delicioso, nutritivo.

- Bem, você sabe… é simplesmente uma daquelas perguntas que você faz aos lobisomens. Todo o lobisomem gosta de filmes, certo? – meu pai riu sabiamente.

- Essa é uma generalização muito ousada de se fazer, Sr. Jim. Pode permanecer imóvel por um segundo? –

Josh tirou uma seringa do bolso e começou a extrair sangue da perna de Jim.

- Não estou sendo preconceituoso! Pode acreditar, alguns de meus melhores amigos são lobisomens.

- Bem, francamente, sou mais de televisão. Já assistiu True Blood? É sobre vampiros. Divertido, mas não muito realista. Cara, um sangue sintético que satisfaz vampiros? Sem Chance! Você precisa da coisa real. De preferência, o sangue de uma adolescente. Tudo certo, Belle, está pronta?

- Sim! – levantei-me, exibindo as pregas suaves do meu gesso.

Comecei a girar graciosamente, mas depois que você começa é dificil parar. Senti-me como uma patinadora de gelo, tanto em minha graça quanto em meu desejo de vomitar.

Josh finalmente me agarrou pelos ombros para me parar.

- Pare, Belle. Basta.

Sorri de volta para ele e olhei profundamente dentro de suas gigantescas pupilas perversas de vampiro. Ele olhou friamente dentro das minhas.

- Agora sei por que eles a chamam de Bele – ele disse gentilmente. – Sabia que

Belle significa —bela‖ em espanhol?

- Estou quase certa de que você quer dizer em fr…

Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações - http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057



- Shhhh – disse Josh, efetivamente me silenciando. – Deixe Josh falar de agora em diante. Ele era tão charmoso.

- Trarei sua estúpida filha para casa por volta da meia-noite, Sr. Jim – ele disse. – O senhor pode ficar com isso – ele atirou a seringa de sangue de volta para ele. – Acho que estou pronto.

- Você quer assistir ao jogo dos Seahawks aqui em casa no domingo? – Jim perguntou. Jim era solitário. Realmente, ele não tinha muitos amigos além do cara da cadeira de rodas.

- Já tenho compromissos, Sr. Jim. Jogos de futebol são deralmente durante o dia, e o senhor sabe… - ele disse, timidamente apontando para sua pele e fazendo movimentos cintilantes com as mãos.

- Não compreendo. Meu outro amigo lobisomem assiste futebol o tempo todo.

- O.k., tchau, pai! – eu disse.

Josh guiou-me porta afora na direção de sua limusine preta. Antes que me empurrasse para dentro, olhou para mim de cima a baixo.

- Ei, Belle, você sabe qual é o seu volume?

- O quê? – questionei, tentando pensar se uma esfera ou um cilindro eram uma

representação melhor do meu tipo de corpo.

- Então, quanto sangue você tem em seu corpo?

- Eu… eu não sei. Primeiro preciso descobrir qual é o meu raio, Josh – eu havia decidido que cilindro funcionaria melhor por causa da superficie achatada do meu crânio.

Em nosso caminho para a formatura, Josh insistiu em me dar uma aula de direção. Ele apoiou os pés no painel e ficou gritando ―Acelerar!‖ ou ―Frear!‖ para mim enquanto eu manejava os pedais em baixo do seu banco. Ele era um tipo de motorista controlador – não me deixou improvisar nenhuma vez. Eu nem podia controlar o rádio de onde eu estava sentada no chão do carro. Josh escutava em um volume ensurdecedor suas canções *techno* de vampiro. Nenhuma de Schubert.

Como o tema do baile era Baile de Máscaras Veneziano, você poderia pensar que a formatura fosse melhor decorada – havia um par de bandeiras pretas e um balão preto excessivamente inflado. Mas então eu disse a mim mesma para ter a mente aberta. A maioria das lojas de artigos de festa fecha antes do pôr do sol. Se um vampiro fosse até uma loja à luz do dia, iria parecer que ele estava roubando um monte de glitter esfregando-o em seu corpo. Que confusão seria, do ponto de vista legal.

- Espero que você não ache os trajes desinteressantes – Josh disse em tom de desculpas, enquanto caminhávamos através do ginásio para chegar ao fotógrafo. – O comitê de formatura escolheu um tema muito sem graça em termos de trajes neste ano. Parece que todo mundo decidiu ser humano. Existe um gigantesco fenômeno de romances sobre humanos acontecendo no mundo vampiro agora. Você deveria ter visto as fantasias dos últimos anos de formatura: cafetões e suas prostitutas de rua; CEOs e suas prostitutas de escritório; soldados Joe e seus prostitutos de combate; jardineiros e duas ferramentas de jardim; bombeiros e suas mangueiras de incêncido… Se você me perguntar, acho que o tema de baile de máscaras não é lisonjeiro para as feições de ninguém nem define os papéis de gênero muito claramente.

- Issi é brilhante – eu disse, mas uma pequena parte de mim desejava ter Edwart ao meu lado em vez daquele vampiro impressionantemente belo. Alguém que sempre estaria lá para parecer mais desajeitado do que eu. Josh e eu paramos

para tirar uma foto de formatura. Ficou muito bonita, embora meu namorado parecesse simplesmente um monte de roupas flutuando no ar. Mesmo assim, a luz captou magnificamente as fibras de seda de sua gravata.

Enquanto caminhávamos em direção à vasilha de ponche, não pude deixar de pensar que Josh estava envergonhado por me ter como parceira. Talvez fosse o modo como ele ficava cochichando —Ela não está

comigo‖ para quem passava. Não sei. Tenho problemas em compreender os sinais dos meninos algumas vezes. Como diz o ditado, meninos são de Marte e meninas são de um planeta completamente normal. Quando todos os vampiros romperam numa dança coreografada, afundei-me num sentimento de alienação. Quando todos eles haviam encontrado tempo para praticar juntos? A dança estilo zumbi era realmente muito boa, mas acho que muitos dos movimentos eram fortemente influenciados por um certo vídeo de um certo Rei do Pop imortalizado – Black or White.

Fiquei parada junto à mesa do ponche enquanto os vampiros dançavam o último verso. Havia quatro vasilhas etiquetadas, —AB positivo‖, —O negativo‖, —AB negativo‖ e —Saco de Surpresas‖.

- Vou tomar AB positivo – disse a Josh quando ele voltou da pista de dança. – Do que é feito? Abacaxi e banana?

- É feito de sangue, Belle. Você sabe o que é sangue, certo?



- Oh, claro. Estava só brincando – respondi, bebericando da minha taça horrorizada. Aquilo realmente exigia uma entrega.

Enquanto segurava minha taça de sangue, Josh me apresentou a seus amigos, Levi e Zeke. Eles ficaram observando estupidamente minha fantasia.

- O que vocês estao olhando? – perguntei na defensiva. – Pelo menos eu tenho uma fantasia.

- Uau! – disse Levi. – Diga isso outra vez!

- Dizer o que outra vez?

- Há! Escutou isso, Zeke? Ela soa tãão humana.

- olá – disse Zeke, com uma voz profunda e inalterável. – Meu nome é Cara Humano. Um grupo de vampiros se juntou a nossa volta, rindo.

- Ah, deixe-me tentar! – falou um deles. – olá, meu nome é Cara Humano. Todos riram outra vez.

- Olá – disse Levi. – Sou um Humano.

- Porque humanos falam assim? – Zeke perguntou. – Humanos sempre falam desse jeito!

- Ninguém diz isso! – eu disse a eles, mas isso só fez com que rissem ainda mais.

- Olá – disse Josh. – Meu nome é Sr. Cara Humano – eles choraram de rir.

- *Josh* – sussurrei ferozmente. –Você não vai me *defender*?

- Ora, vamos, Belle, você sabe como você soa. Não é culpa sua – ele acrescentou rapidamente. – É uma falha inerente aos de sua espécie. Sei que você não pode evitar e nunca será capaz de corrigir isso – ele segurou meu queixo coberto de gesso em sua mão e acariciou meu cabelo coberto de gesso. – Orgulhe-se de quem você é, Belle. Não se desculpe por suas diferenças. Suas diferenças esquisitas e defeituosas. Naquele momento, alguém tocou meu ombro.

- Belle! – gritou uma voz familiar. Voltei-me para ver ninguém menos do que Lucy!

- Lucy, o que está fazendo aqui?

Ela riu loucamente.

- Belle, comprei mais de uma dúzia de vestidos de formatura porque você não conseguia me dizer qual era o melhor. Quer dizer, estes vestidos simplesmente não iam vestir a si mesmos! É o meu quinto baile de formatura nesta semana.

- Mas… você nem gosta de vampiros! Eu gosto de vampiros. Isso é uma coisa *minha*. Quem a convidou?

- Levi me convidou – ela baixou a voz e falou directamente em meu ouvido. – Belle Goose, se você arruinar minha chance de ser a rainha da formatura nesta noite, vou me assegurar de que você viva o suficiente para testemunhar a morte de seus entes queridos – ela sorriu e saiu caminhando para juntar-se a Levi na pista de dança.

- Vamos, Belle – disse Josh. – Essa é a minha música favorita, vamos dançar!

- Eu realmente não quero dançar.

- *Dance comigo,* Belle – ele rosnou.

- Sério, Josh? A do Green Day20? Eles já são tão batidos..

- Errado – ele gritou. – Estiveram aqui somente nas últimas vinte formaturas.

- O quê? Vinte formaturas!

- Sim, esta é a minha octogésima sexta formatura. Sou imortal, lembra?

- Sim, eu sei disso. Quer dizer, só acho que eu nunca… realmente… pensei a respeito – outra vez, desejei Edwart. Edwart, que nunca deixaria escapar que ele já havia tido oitenta e seis formaturas pois ele não tinha a menor idéia do que era o Green Day.

- Dance – Josh ordenou.

- Você não sabe o que está me pedindo – alertei.

- Só *uma vez* – ele determinou.

- Sério, Josh, eu nunca dancei sem causar, involuntariamente, uma revolta

política.

- *Uma dança* – ele decretou, puxando-me para a pista e manipulando-me como se eu fosse uma boneca, usando polias que ainda estavam presas ao meu gesso de corpo inteiros.

- O.k., *uma* dança – fiz o meu irônico sapateado. É uma coreografia complicada, mas os espectadores confundem sua falta de jeito com ironia se você ergue suas sobrancelhas o suficiente. Como previsto, houve uma revolução quando terminei.

20 *Banda norte-americana*

Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações - http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057



55

The Harvard Lampoon - Opúsculo

Uma multidão de vampiros ultrajados invadiu a pista, tentando freneticamente parar o sapateado que agora tinha saído de controle. Uma centena de vampiros sapateando estava se empurrando e se chutando na tentativa de completar a coreografia. Escorreguei para a parede ilesa quando um casal de sapateadores, irritados pelo opressivo tratamento da multidão, violentamente desmontou os alto-falantes, interrompendo a música. O ginásio encheu-se com a algazarra da multidão. Um vampiro se jogou sobre a mesa de ponche como se ela fosse um escorregador de água, enquanto seus amigos derramavam sobre si mesmos o conteúdo das vasilhas molhando tudo à sua volta.

Outro vampiro, injuriado com a molhadeira, atirou seu ponche de sangue nos olhos de um atirador de ponche e começou a jogar o ponche excedente. Isso dividiu os vampiros em dois times: pró-molhadores e antimolhadores.

Esperei pacientemente a baderna acalmar, bebericando meu ponche de sangue numa cadeira dobrável no canto do salão, entediada demais até para dizer —Eu avisei‖ (mas não tão entediada para transmitir isso no sistema de alto-falantes).

Vi lucy sendo socada enquanto tentava escapar da onda de vampiros.

- Cuidado‖ – gritei, mas já era tarde de mais. Alguém a tinha agarrado pelo vestido, soltando um alfinete de segurança cuidadosamente preso em sua manga.

- Ui! – ela disse, examinando a espetadela em seu braço. Uma gota de sangue brotou. Os vampiros pararam a baderna. Ficaram todos realmente quietos e

começaram a lamber os lábios, aproximando-se de Lucy. Comecei a lamber os lábios também, pois isso é uma daquelas coisas subconscientes e contagiosas, como espirrar, mas então parei porque não valia a pena se você se esquecesse de passar hidratante no lábios.

A gota escorregou pelo braço e caiu no chão. Três vampiros arremessaram-se sobre ela imediatamente. Outra escorregou. Mais três vampiros mergulharam para o chão. Foi quando a hemofilia dela irrompeu. Sangue começou a jorrar de seu braço, como água de um hidratante. Os vampiros levantaram seus rostos e abriram suas bocas para apanhar o sangue que caía como chuva, alguns gritando em volta e brincando nas torrentes carmesins como crianças num dia quente de verão.

- Furem aquela garota! – Lucy gritou, apontando para mim. – Ela é humana também. Furem-na!

Alguns vampiros olharam para o meu lado. Sorri e acenei para eles generosamente. Eu era o Il Duce21 deles, a face da revolução.

- Peguem-na! – os vampiros gritaram. De repente, eu era a garota mais popular da formatura. A multidão mobilizou-se em direção à minha cadeira e ergue-me em ombros. Começaram a cantar entusiasticamente, dizendo —Mais sangue humano! Levem-na ao palco! Mais sangue humano! Furem o seu braço! Mais sangue humano!‖

Apesar de minha recém-descoberta popularidade, fiquei muito surpresa quando eles anunciaram do altofalante: —e esta noite o Rei e a Rainha da Formatura são… Joshua Vampiro e Belle Goose!‖

Quatro vampiros me colocaram no palco perto de Josh antes de voltarem para seus lugares na platéia com um brilho louco e faminto nos olhos.

- Não posso acreditar que sou Rainha da Formatura! – sussurrei excitada para Josh.

- Eu sei – ele disse, passando o braço em torno de mim. – Também não posso acreditar nisso. Para mim, você sempre será a minha Escrava da Formatura.

Franzi minhas sobrancelhas. De repente, nada parecia certo. Lucy tentando escapar de uma dúzia de vampiros famintos; a atitude dominadora mas de

alguma forma não romântica de Josh em relação a mim; nossa coroação como Rei e Rainha da Formatura, quando essa honra obviamente deveria ter sido concedida a um casal diferente, que tivesse demonstrado mais coragem como o vampiro *gay* dançando com seu namorado no canto. Apesar dos olhares desaprovadores, eles não iam deixar ninguém reprimir o seu amor. O ginásio inteiro estava nos aplaudindo. Lucy estava apontando para o ar acima da minha cabeça, gritando alguma coisa. Olhei para cima, para onde ela estava apontando, para contemplar a minha tiara. Perdi o fôlego. A nefasta mensagem epilética de Angélica ressoou em meu cérebro: VEJO UMA SALA NO

CAPÍTULO DEZ. UMA SALA CHEIA DE VAMPIROS. NO CANTO DA SALA, UMA CADEIRA DE

METAL DOBRÁVEL… CUIDADO COM A COROA.

Baixei a cabeça a tempo para me desviar um pouco da queda de um haltere de vinte quilos com uma tiara cheia de espinhos presa a ele. Pulei do palco.

- Agarrem-na! – Josh gritou opressivamente.

21 *Significa “o lider” em italiano; o ditador Benito Mussolini (1883-195) se autoíntitulava “Il Duce”, motivo pelo qual o termo é*

usualmente associado ao fascismo

Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações -
http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057



Voltei-me para enfrentá-lo.

- Já estou cheia de suas ordens autoritárias, Joshua. Estou cansada de vampiros. Saí correndo do ginásio para o puro as da noite, sentindo-me perdida e sem amigos porque, honestamente, conversar com Jim é como falar com a parede. Não tinha ninguém a quem recorrer – nem vampiro nem humano. Deus, preciso de um amigo lobisomem, pensava, enquanto caminhava para o estacionamento. Então, algo divertido aconteceu. Minha visão formou um túnel e tudo que eu podia ver era uma luz brancopastel brilhando no horizonte. Passei no topo das escadas que levavam ao estacionamento e me apoiei no corrimão. A luz continuava a brilhar, tão pálida como antes, mas agora duas luzes verdes foram acrescentadas na direção do topo, e então surgiu um sorriso pateta, cheio de aparelhos metálicos nos dentes. Edwart. Eu estava vendo Edwart. Toda a minha ansiedade e confusão evaporaram quando percebi o que tinha de fazer.

Primeiro, no entanto, precisava descer aqueles degraus sem me machucar. Com Edwart brilhando como um farol em minha mente, olhei friamente para o caminho de obstáculos fatais sobre os degraus diante de mim. Nunca havia me sentido tão calma em minha vida.

Saltei de um pé para o outro, escada abaixo, rolando quando necessário na hora em que machados suspensos caíam a minha volta, aparentemente do nada. Eu

estava conseguindo! Estava realmente conseguindo. Desviei-me de uma estaca que brotou do chão. Isso quase me atrasou, abrindo um buraco em minha fantasia. Quando o relógio bateu meia-noite, pude sentir meu casulo de gesso começando a se desfazer. *Logo me transformaria numa abóbora.* Ou numa moça indefesa? Uma borboleta, talvez? Em todo o caso, alguma coisa estava mudando de uma maneira que implicava que minha natureza tinha se desenvolvido. Mais pertinentemente, minha capacidade para me equilibrar.

Mas eu não tinha terminado.

O.k., ―Belezinha‖, eu disse a mim mesma, ganhando coragem por causa do meu apelido autoestabelecido,

―existe mais uma coisa que você precisa consertar antes que esta noite termine.‖

Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações -
http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057



11 - DEVIDO LUGAR

E ESSA COISA ERA AJUSTAR O SISTEMA DE ALARME EM nossa casa. Agora que a possibilidade de ter um vampiro arrombando minha casa e pairando sobre a minha cama á noite não era mais uma fantasia minha, mas uma possibilidade assustadoramente real, eu precisava desativar a programação ―Soe para Criminosos, mais Ignore Vampiros‖.

Corri de volta para casa e peguei as fechaduras á prova de vampiros que estavam na gaveta do armário da nossa cozinha. Jim estava pegando no meu pé para colocá-las, mas, entre a briga de vampiros e minhas realizações românticas á Elizabeth Bennet22, eu simplesmente não tinha encontrado tempo para isso. Lembrando de que ele havia me avisado que eu dormiria na rua esta noite se ele

chegasse em casa e a nossa casa ainda não estivesse á prova de vampiros, fui em todos os aposentos, colocando fechaduras de segurança que somente mãos humanas podiam abrir. Isso porque mãos humanas podem apertar e puxar simultaneamente, enquanto vampiros e crianças só podem fazer uma coisa ou outra de cada vez. Queria esquecer tudo sobre o baile de formatura, então tirei meu gesso rasgado e o troquei por uma fina camisola de cetim. Olhei no espelho, decidida; olhei para um autorretrato que tinha pintado, decidida; olhei na água suja da pia da cozinha, que produzia um ligeiro reflexo, decidida. Era tempo de ir atrás de Edwart. Aterrissei do outro lado da cerca que circulava seu condomínio fechado pelo portão aberto. Decidi tirar meus saltos; eles eram bons para caminhar, mas queria que Edwart pensasse que eu havia tido dificuldades para alcançá-lo. Eu também – oops – acidentalmente baguncei meu cabelo com a mão. Corri pelas ruas do condomínio de Edwart no escuro, imaginando que eu era uma mulher equilibrando um vaso de barro na cabeça correndo para o poço, ou uma adolescente superdotada correndo de um grupo de vampiros que celebravam a melhor noite do ensino médio. Muita coisa havia me acontecido nos últimos dias. Eu tinha namorado um menino real com sotaque falso. Tinha fingido minha morte para ver se eu teria um grande funeral, mas não tive nenhum afinal, porque meu olho piscou enquanto eu estava deitada lá e isso arruinou tudo. Tinha *finalmente* chegado ao fim daquela serie de livros sobre a garota travessa, Nancy Drew23. Também havia algo sobre lobisomens, mas deixei essa parte de fora.

Enquanto eu corria, todos esses eventos passavam por minha mente como um videoclipe com um rock legal e excitante tocando ao fundo. Acrescentei uma imagem minha ganhando algum tipo de premio, porque tinha a sensação de que isso logo aconteceria.

Virei na rua de Edwart, decidindo caminhar o resto do percurso porque não queria estar ofegante quando chegasse. Imaginei o que lhe diria para explicar as manchas de suor no meu vestido. Ele acreditaria em mim se eu dissesse que era xixi? Meu xixi tinha um jeito divertido de subir para minhas axilas.

Estava bem na frente da casa de Edwart quando de repente escutei tocar —Decode24‖, do Paramore. Meu celular!

Abri rapidamente o celular.

- E ai, sangue? – eu disse. Atender o telefone assim era um habito que eu tinha

adquirido quando achava que meu namorado era um vampiro.

- Cuidado para não falar nada até que eu te diga.

Congelei. *Era Josh!* Derrubei o telefone no chão. Apanhei-o e derrubei-o outra vez.

Coloquei o telefone no meu ouvido bem a tempo de ouvi-lo dizer:

- Bom, agora diga —Switchblade‖ ou aperte um se essa é a sua localização atual.

- Switchblade – sussurrei, levantando os olhos, amedrontada, para a casa de vidro de Edwart. Só podia haver uma razão por trás dessa chamada: seqüestro. Escutaria algum dia a doce melodia do triangulo de Edwart outra vez?

- Esse é o seu ultimo aviso – Josh continuou

- Pare com isso! Gritei – não tenho medo de você!

- Seu veiculo não esta no seguro – ele disse.

- Onde esta Edwart? Não o machuque! – escorregando um pouco, comecei a correr pelo caminho de vidro.

22 *Personagem de ficção da novela “Orgulho e Preconceito”, de Jane Auten. (N.T)* 23 *Personagem de uma detetive amadora em livros infantis (N.T)*

24 *Nome de uma canção da trilha sonora de Crepúsculo*

Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações - http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057



The Harvard Lampoon - Opúsculo

- Para fazer um seguro do seu carro, por favor, aperte um e diga —Faca o seguro‖ após o sinal – a voz de Josh disse.

Parei de correr, de repente aliviada. Era uma gravação. Então era assim que os vampiros sobreviviam: usando suas vozes autoritárias em chamadas telefônicas pré-gravadas.

Na porta de Edwart, meu dedo indicador estava tremulo demais para tocar a campainha – sim, outra insegurança relacionada ao nosso amor um pelo outro estava me impedindo de fazer o inevitável. E se a vida dele fosse melhor sem mim? E se nas ultimas quatro haras ele descobriu alguém que tenha mais novelas de Jane Austen do que eu? E se ele tiver encontrado alguém que sofreu menos desilusões? Derrotada, encostei minha cabeça contra a parede, acidentalmente tocando a campainha. Edwart abriu a porta.

- Belle! – ele gritou.

- Edwart! – eu gritei.

- Belle!

- Edwart!

- Belle!

- Edwart!

Percebi que havia alho pendurado sobre o batente da porta . Edwart segurava uma estaca numa mão e uma camisa do —Team Jacob‖ na outra.

- Você foi mordida? – ele perguntou nervosamente.

- Não – eu respondi, caminhando na direção dele. – Estou bem.

- Ufa! – ele disse. Então, abaixou a camisa e a estaca. – Porque *isso* poderia ser uma reviravolta!

- Não se preocupe; se Josh tentar alguma vez, eu o morderei primeiro e o transformarei em uma menina. Ficamos silenciosos por alguns momentos. No primeiro momento, percebi com alivio como o olhar para ele ainda fazia meu coração bater mais rápido. No segundo, ansiosamente perguntei a mim mesma se o batimento ia diminuir ou se eu estava tendo um ataque cardíaco depois de toda aquela corrida. No terceiro, agarrei sua estrutura magra de varra pau e seu sorridente rosto sardento. Não pude deixar de sorrir de volta. Enquanto estivesse com Edwart, nunca mais perderia aquela brincadeira de guerra dos polegares.

- E então, alguma novidade? – ele perguntou.

Dei a resposta de costume.

- Não muitas. Só sai da festa de formatura de vampiro para vim ver você.

- Belle, realmente sinto muito por ter deixado você no cemitério. Estava indo tomar algumas lições de caratê e então voltaria para resgatar você...mas, depois da aula de ética, percebi que o caratê começa e termina com cortesia. É uma disciplina que só deveria ser usada para autodefesa e mesmo assim como ultimo recurso. Então subi a Montanha da Morte e peguei o andróide...

- Aquele que cai e levanta outra vez?

- Sim, aquele! – ele sorriu para mim, maravilhado. – Você se lembrou.

- Claro, Edwart. Aquele foi o dia em que percebi que podia amar você, mesmo

que você devotasse todo o seu tempo para criar um andróide sem utilidade e chance no mercado.

- Não mais inútil, na verdade – ele deu um passo para o lado, revelando o andróide atrás dele. Parecia à

mesma imitação de corpo humano anatomicamente correto de antes, mas alguma coisa estava estranha.

- Observe – Edwart o ligou. Seus olhos acenderam-se, vermelhos.

- Vampiro: a 11 km de distancia – ele disse com a voz de Jeff Goldblum (—Ele foi o primeiro robô a ganhar um Oscar‖, explicou Edwart com admiração). Ele ergueu seu braço robótico. Presa nele estava uma gigantesca arma parecida com um arpão.

- É um míssil teleguiado pelo frio – disse Edwart, sorrindo travessamente. – Chamo ele de —Kebab de vampiro‖.

- Impressionante – murmurei. – Por que não usou?

Ele olhou para seus pés.

- Ouvi dizer que você estava com Josh...não queria machucá-lo se...

- Por quê? Por que você não quis me proteger desse horrível vampiro?

Ele olhou para mim com um sorriso triste e olhos cansados e brilhantes.

- Você teria gostado que eu tivesse mandando pelos ares todos os vampiros enquanto você ainda estava namorando um? Não acharia melhor que eu esperasse pacientemente pelo seu retorno, não importando o quanto demorasse, para que pudéssemos mandá-los pelos ares juntos?

Fiz uma pausa, insegura a respeito do rumo que aquilo estava tomando.
Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações - http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057

- Então esperei por você – ele continuou. – Esperei para ver se você voltaria, embora você tenha preferido namorar um vampiro a mim.

- Bem... – comecei a dizer, mas então decidi que aquela afirmação era complicada demais para corrigir. Então, em vez disso, eu disse: Também sinto muito, Edwart.

Ele colocou sua mão sobre o botão LANÇAMENTO do andróide.

- Vamos lá? – ele disse alegremente, estendendo a outra mão para mim.

- Edwart!

- O que?

Cruzei os braços em desaprovação.

- Oh, você achou... achou mesmo que eu ia... achou que eu *mataria? Mataria vampiros?* – ele riu constrangido. Ri também. Tinha que admitir, isso daria uma pegadinha muito boa algum dia. Edwart afastou-se de mim um pouco, mas moveu seus olhos para que eles me vissem perifericamente.

- Posso... te mostrar um videogame que eu fiz? – ele perguntou baixinho.

- Sim, claro. É muito legal que você faca videogames! É sobre mim?

- Bem – ele disse enquanto ligava seu Nintendo Wii. Percebi que minha esperta dedução havia sido muito esperta, realmente. É claro que era sobre mim!

- O.k., então esta é você – disse ele, apontando para uma garota animada por computador com uma aparência nada lisonjeira.

- Mas ela tem cabelos castanhos – eu disse.

- Você tem cabelos castanhos. Não tem?

- Castanhos com luzes avermelhadas – corrigi. Meu Deus!

Ele apontou para a figura de um guerreiro musculoso.

- Este, obviamente sou eu – ele disse. – E este é Josh! – ele apontou para um cogumelo no fundo da tela. –

Vamos lutar contra ele, Belle!

Eu estava ficando um pouco impaciente. Teríamos de esperar quatro livros e milhares de Paginas para alguma coisa acontecer?

- Então, o que você quer fazer agora? – perguntei.

- Jogar videogames.

- Por quanto tempo quer jogar?

- Um tempo realmente longo. Quero jogar todos os videogames com você.

- E depois?

- Bem, se houver tempo, deveríamos realmente trabalhar no website do nosso clube, mas compreenderei se você ficar cansada depois de todos esses videogames. Tenho dois armários cheios. Deixei-me cair no sofá, exausta. O problema com rapazes inteligentes é que eles nunca têm iniciativa. Então rápido como um raio, aconteceu. Num movimento e barulhento em cima do sofá de plástico, Edwart estava ao meu lado. Ele rapidamente passou os braços em torno de mim, puxando-me ao encontro de seu peito ossudo.

Suas mãos agarram as minhas como se elas fossem controles de videogame. Ele empurrou para baixo meu dedo indicador esquerdo. Dei um chute baixo. Ele apertou meu mindinho esquerdo. Eu saltei. Ele apertou meu polegar direito. Fiquei parada no ar. Ele torceu meu pulso, empurrando para baixo meu dedo médio direito. Eu me curvei, apanhei uma granada e a joguei. Estava ficando divertido!

De repente, falei sem pensar:

- Amo você mais do que tudo na galáxia inteira, condensada em um potente e delicioso chiclete.

- Isso definitivamente parece bastante – Edwart disse. Ele olhou para mim em silêncio por momento. – esse jogo mostra como me sinto.

Olhamos para as figuras de Belle e Edwart na tela da TV. Elas estavam perto uma da outra, saltando ligeiramente para cima e para baixo, dizendo a toda hora —Iáá!‖. Exatamente como nós, pensei. Vagarosamente, Edwart começou a passar os dedos pela minha espinha, desenhando formas invisíveis em minhas costas. Voltei-me para ele e passei meus dedos pela sua mão, traçando um peru invisível. Depois de alguns minutos, Edwart perguntou:

- O que estou desenhado?

- Um computador.

Ele suspirou e gentilmente pressionou seus lábios contra o meu cabelo.

- Você me conhece bem demais – murmurou.

Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações - http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057



Imaginei o que os colegas da minha antiga escola em Phoenix pensariam se me vissem agora.Provavelmente, diriam: —Belle deixou Phoenix? Achei mesmo que estava faltando alguém no meu grupo de Historia?‖

Começamos a trocar beijos de borboleta, que é o tipo de beijo em que você roça seus cílios na pele da outra pessoa. Eu ia respeitar o desejo de Edwart de esperar,

e ele ia respeitar meu desejo por criaturas aladas.

- AHHHH, CÃIBRA NA PERNA, CÃIBRA NA PERNA! – Edwart de repente gritou.

- Oh, meu Deus, sinto muito, fiz alguma coisa? – perguntei, preocupada que aquilo fosse intenso demais para ele.

- Não, só preciso me esticar. O.k esta melhor.

Ergui o rosto na direção de Edwart para lhe dar beijos de borboletas outra vez. Ele inclinou seu rosto na minha direção, roçando seus cílios suavemente contra os meus e depois contra minha bochecha e lábios. Edwart tinha uma coordenação olho-ciliar terrível, então fiquei bem parada para lhe dar uma mãozinha. Ele tomou firmemente meu rosto entre as mãos para mirar melhor. Então, muito suavemente, inclinou meu rosto para o dele. Parei de agitar meus cílios. Fitamos um ao outro por um tempo muito longo. Meus olhos começaram a entornar um pouco e vi três narizes de uma vez. Ele retirou o cabelo grudado no meu hidratante para lábios, entrelaçando os dedos profundamente dentro dos meus cachos castanho-avermelhados como uma faixa para cabelos feita de dedos. Ternamente, atraiu meus lábios para os dele, e pude sentir seu hálito fazendo cócegas nos minúsculos folículos capilares que toda mulher normal tem sobre a boca.

- AHHH, CÃIBRA NO PÉ, CÃIBRA NO PÉ! – ele gritou.

- Como é que isso está acontecendo?

- Está tudo bem, uhh! Está tudo bem agora.

Olhamos um para o outro e rimos um pouco porque, sabe como é, relacionamentos demandam trabalho e comunicação.

E então, Edwart colocou seus lábios frios sobre o meu pescoço, pela primeira vez.

Fim!

Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações - http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057







The Harvard Lampoon - Opúsculo

Esta obra foi digitalizada/traduzida pela Comunidade Traduções e Digitalizações para proporcionar, de maneira totalmente gratuita, o benefício da leitura àqueles que não podem pagar, ou ler em outras línguas. Dessa forma, a venda deste e-

book ou até mesmo a sua troca é

totalmente condenável em qualquer circunstância.

Você pode ter em seus arquivos pessoais, mas pedimos **por favor que não hospede o livro em nenhum outro lugar**. Caso queira ter o livro sendo disponibilizado em arquivo público, pedimos que entre em contato com a Equipe Responsável da Comunidade – tradu.digital@gmail.com

Após sua leitura considere seriamente a possibilidade de adquirir o original, pois assim você

estará incentivando o autor e a publicação de novas obras.

Traduções e Digitalizações

Orkut - http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057

Blog – http://tradudigital.blogspot.com/

Fórum - http://tradudigital.forumeiros.com/portal.htm

Twitter - http://twitter.com/tradu_digital

Skoob - http://www.skoob.com.br/usuario/mostrar/83127

Feito por:

Aline / / Iris / /

Laiza / / Milena / / Renata

Comunidade Orkut Traduções e Digitalizações -
http://www.orkut.com.br/Main#Community.aspx?cmm=65618057